

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA  
**LP 1. Linha de Pesquisa: PROCESSOS MIDIÁTICOS E PRÁTICAS  
SOCIOCULTURAIS**

JÚLIA GODINHO SANTOS

**O JORNALISMO ATRAVÉS DAS CRÔNICAS DE CARLOS HEITOR CONY**

BAURU/SP

2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA  
LP 1. Linha de Pesquisa: **PROCESSOS MIDIÁTICOS E PRÁTICAS  
SOCIOCULTURAIS**

JÚLIA GODINHO SANTOS

**O JORNALISMO ATRAVÉS DAS CRÔNICAS DE CARLOS HEITOR CONY**

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru (SP), para o exame de qualificação de mestrado em Comunicação Midiática da aluna Júlia Godinho Santos sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Souza Ventura

BAURU/SP

2020

S237j

Santos, Julia Godinho

O JORNALISMO ATRAVÉS DAS CRÔNICAS DE CARLOS  
HEITOR CONY / Julia Godinho Santos. -- Bauru, 2020

111 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru

Orientadora: Mauro Souza Ventura

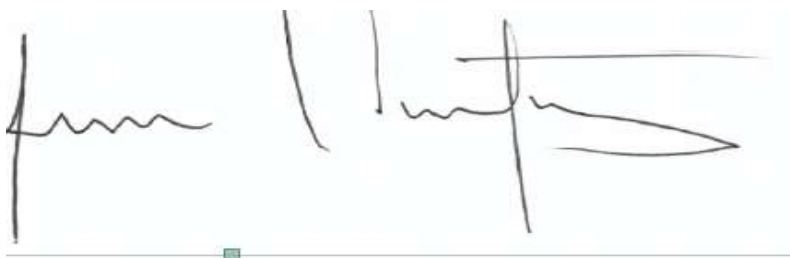
1. Comunicação. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE JULIA GODINHO SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 26 dias do mês de outubro do ano de 2020, às 14:30 horas, no(a) via sistemas de videoconferência e outras ferramentas para comunicação a distância, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de JULIA GODINHO SANTOS, intitulada **O jornalismo através das crônicas de Carlos Heitor Cony**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Professora Doutora ERIKA DE MORAES (Participação Virtual) do Departamento de Ciências Humanas / UNESP/Câmpus de Bauru, Prof. Titular MATEUS YURI RIBEIRO DA SILVA PASSOS (Participação Virtual) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social / Universidade Metodista de São Paulo. Após a exposição pela mestrande e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, a discente recebeu o conceito final: **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Professor Associado MAURO DE SOUZA VENTURA

JÚLIA GODINHO SANTOS

**O JORNALISMO ATRAVÉS DAS CRÔNICAS DE CARLOS HEITOR CONY**

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Mauro Souza Ventura

**Presidente/Orientador Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp Bauru/SP**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érika de Moraes

**Docente Faculdade**

---

Prof. Dr. Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos

**Docente Faculdade**

*Aos meus pais,  
Antônio e Dinamene,  
Aos meus irmãos,  
Vinícius e Victor*

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador Prof. Dr Mauro Souza Ventura, pela confiança em meu trabalho;

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érika de Moraes e ao Prof. Dr. Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos pela valiosa contribuição de suas observações;

A prof.<sup>a</sup>. Mestre Eliana Valente pela inspiração e incentivo;

Ao meu pai, Antônio, pelas incontáveis caronas e horas me esperando e pelo incentivo nos últimos três anos.

À minha mãe, Dinamene, por me inspirar a ser melhor e sempre me incentivar em todos os momentos.

Aos meus amigos que estavam comigo em todos os momentos.

À Universidade Estadual Paulista e aos funcionários da seção de pós-graduação por todo o suporte e ajuda.

## **Resumo**

Enquanto gênero textual, a crônica é de tipo narrativa, surgida a partir de publicações em folhetins, e tratando, fundamentalmente, de eventos da vida diária, costumeiramente relatados de forma irônica, reflexiva ou informativa, sendo que seu principal objetivo é de distrair os leitores através da imaginação e da reflexão sócio crítica. Como gênero narrativo ela contém a subjetividade do autor e seu olhar, sem perder a característica de algo que registra um fato. Carlos Heitor Cony, escritor carioca, que morreu no início de 2018 e o quinto ocupante da terceira cadeira na Academia Brasileira de Letras, apesar de ser conhecido, principalmente, pelos muitos livros que escreveu, foi um dos mais importantes cronistas do país. Ao participar do cenário jornalístico por mais de quatro décadas, sem dúvida, imprimiu sua marca, estabeleceu parâmetros e criou teorias que passaram a delinear as características do jornalismo brasileiro. Em seus textos é possível perceber tudo aquilo que se espera de uma crônica, e em muitas é possível perceber sua fala sobre o jornalismo e como a profissão funciona. Para analisar a sua obra, exige-se, como condição *sinequanon*, conhecer sua história, sua postura sócio-política e, fundamentalmente, a herança cultural da qual ele é produto. Esse trabalho visa, através análise das crônicas jornalísticas de Cony, encontrar teorias sobre o jornalismo brasileiro e qual a perspectiva do autor sobre a profissão. Para isso é importante entender a história do jornalismo no Brasil e a história de Cony.

**Palavras-chave: Crônica; Jornalismo, Carlos Heitor Cony; Profissão**

## ABSTRACT

As a textual genre, the chronicle is a narrative type, arising from publications in serials, and dealing, fundamentally, with events of daily life, usually reported in an ironic, reflective or informative way, and its main objective is to distract readers through imagination and socio-critical reflection. As a narrative genre, they contain the author's subjectivity and perspective, without losing the characteristic of something that registers a fact. Carlos Heitor Cony, a writer from Rio de Janeiro, who died in early 2018, and the fifth occupant of the third chair at the Academia Brasileira de Letras, despite being known mainly for the many books he wrote, was one of the most important chroniclers in the country. By participating in the journalistic scene for more than four decades, he undoubtedly left his mark, established parameters and created theories that began to outline the characteristics of Brazilian journalism. In his texts it is possible to perceive everything that is expected of a chronicle, and in many it is possible to perceive his speech about journalism and how the profession works. To analyze his work, it is required, as a sine qua non condition, to know his history, his socio-political stance and, fundamentally, the cultural heritage of which he is a product. This work aims, through analysis of Cony's journalistic chronicles, to find theories about Brazilian journalism and what is the author's perspective on the profession. For this it is important to understand the history of journalism in Brazil and the history of Cony

**Keywords: Chronicle; Journalism, Carlos Heitor Cony; Profession**

## Lista das crônicas

<b>1.O direito de informar</b> - 30/03/2004 Folha de S. Paulo.....	83
<b>2. O bacalhau e os modelos</b> - 13/04/2004 Folha de S. Paulo.....	84
<b>3. S. Exa., o leitor</b> - 04/05/2004 Folha de S, Paulo.....	85
<b>4. História mal contada</b> - 24/08/2004 Folha de S. Paulo.....	86
<b>5. A sede de sangue</b> - 02/11/2004 Folha de S. Paulo.....	87
<b>6. A capivara</b> - 04/01/2005 Folha de S. Paulo.....	88
<b>7. Meu censor predileto</b> – 22/03/2005 Folha de S. Paulo.....	89
<b>8. Grandes shows</b> - 05/04/2005 Folha de S. Paulo.....	90
<b>9. Água com açúcar</b> - 14/06/2005 Folha de S. Paulo.....	91
<b>10. Jornalismo investigativo</b> - 05/07/2005 Folha de S. Paulo.....	92
<b>11. Cor alaranjada</b> - 19/07/2005 Folha de S. Paulo.....	93
<b>12. Ídolos e vilões</b> - 26/07/2005 Folha de S. Paulo.....	94
<b>13. Risos e vaias</b> - 04/10/2005 Folha de S. Paulo.....	95
<b>14. Chega de redundâncias</b> - 15/11/2005 Folha de S. Paulo.....	96
<b>15. Fontes murmurantes</b> - 06/12/2005 Folha de S. Paulo.....	97
<b>16. Mentira e verdade</b> - 11/04/2006 Folha de S. Paulo.....	98
<b>17. Ressentimento e covardia</b> -16/05/2006 Folha de S. Paulo.....	99
<b>18. Fatos e fotos</b> - 23/10/2007 Gazeta de Curitiba.....	100
<b>19. Os desafios da comunicação</b> - 08/11/2007 Gazeta de Curitiba.....	101
<b>20. A algodão em Melbourne</b> -21/12/2008 Gazeta de Curitiba.....	102
<b>21. Um caso pessoa</b> - 01/04/2009 Gazeta de Curitiba.....	103
<b>22. Opinião e público</b> -11/05/2009 Gazeta de Curitiba.....	104
<b>23. Uma entrevista</b> - 06/07/2009 Gazeta Curitiba.....	105
<b>24. Eu, pecador, me confesso</b> - 08/07/2009 Gazeta de Curitiba.....	106
<b>25. No bonde da história</b> - 13/07/2009 Gazeta de Curitiba.....	107
<b>26. Mídia sem média</b> - 18/07/2009 Gazeta de Curitiba.....	108
<b>27. A alternativa</b> - 04/09/2010Gazeta de Curitiba.....	109
<b>28. “Morreram os vivos”</b> -22/01/2011 Gazeta de Curitiba.....	110
<b>29.Foliões avulsos</b> - 07/03/2011 Gazeta de Curitiba.....	111

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1 Jornalismo no Brasil: recortes de sua trajetória</b> .....	17
1.1 Jornalismo cultural.....	20
<b>2 A crônica</b> .....	22
2.1 O folhetim.....	24
2.1.1 O romance-folhetinesco.....	26
2.2 Do folhetim a crônica: o caso brasileiro.....	27
2.3 Cronistas brasileiros.....	30
2.3.1 João do Rio.....	30
2.3.2 Machado de Assis.....	31
2.3.3 Rubem Braga.....	33
2.4 A crônica e seus suportes.....	34
2.5 Crônica no século XXI.....	35
<b>3 Carlos Heitor Cony</b> .....	37
3.1 As crônicas de Cony.....	42
<b>4 Análise das crônicas de Cony entre 2004 e 2011</b> .....	46
4.1 A mídia e o poder.....	46
4.2 Mídia e o politicamente correto.....	48
4.3 As mudanças que a internet trouxe para o jornalismo.....	51
4.4 As transformações sofridas pelos jornais nas últimas década...58	
4.4.1 O visual dos jornais.....	58
4.4.2 O sigilo das fontes.....	61
4.5 Jornalismo e Política.....	63
<b>5 Considerações Finais</b> .....	72
<b>6 Referências Bibliográficas</b> .....	75
<b>Anexos</b> .....	82

## Introdução

As duas primeiras décadas do século XXI foram palco para uma discussão sobre o papel do jornalismo na sociedade contemporânea. Muito se tem argumentado sobre sua suposta crise, mas, ao mesmo tempo, nunca o jornalismo, seja impresso ou virtual, se fez tão presente e necessário.

Jornalismo e vida social estão sempre em constante diálogo e, embora o jornal tenha mudado de forma no decorrer de sua história, o conteúdo jornalístico continua tendo um importante poder sobre a sociedade, participando ativamente da construção sócio-ideológica do espaço público.

Em termos gerais, o mundo tem passado por transformações desafiadoras que demandam um novo olhar sobre as estruturas política e social, exigindo do cidadão comum posturas e posicionamentos que, até pouco tempo, ficavam restritos aos círculos dominantes do poder de Estado. Ao defender a democracia, o cidadão, nesta sociedade dita pós-moderna, assume novas responsabilidades que requerem um nível de informação sem precedentes na História. Nesse cenário, o jornalismo, nas suas mais variadas linguagens, torna-se cada vez mais indispensável.

Enquanto atividade construída pela e para sociedade, o jornalismo abarca uma série de narrativas cujos conteúdos vêm sendo largamente ampliados. Embora o acontecimento permaneça como a matéria prima do enredo jornalístico, a construção discursiva já não se limita à sua estrutura meramente factual, pois, os valores e comportamentos da sociedade passaram a constituir, na prática jornalística, terreno fértil para análise.

O jornalismo cultural é um dos responsáveis pelo rompimento entre o jornalismo e periodicidade na atualidade, antes obrigatórias no jornalismo. Ele não se preocupa em entregar para o leitor aquilo que é mais recente, mas tenta mostrar uma realidade mais profunda sobre o fato “A preocupação do jornalismo literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível [...]” (PENA, 2005, p.7).

A crônica, enquanto linguagem privilegiada do jornalismo cultural serve, perfeitamente, a esse propósito, pois apresenta uma organização narrativa mais livre, caracterizada por sua fusão com a expressão de opiniões e ideias, produzida através de uma mistura de fatos, opiniões e impressões pessoais do próprio escritor.

Como gênero narrativo ela contém a subjetividade do autor e seu olhar, sem perder a característica de algo que registra um fato. “A crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo” (NEVES, 1992, p.82). É considerada por muitos como um documento, testemunho do cotidiano vivido e observado, “[...] é possível uma leitura que as considere “documentos” na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações”. (NEVES, 1992, p.76) Ainda, segundo Neves (1992), a crônica é o gênero que coloca o leitor entre o mundo da ficção e a história.

Sob esta ótica, é possível considerar a crônica como um espaço de produção de sentidos (BENETTI, 2008), e como tal, passível de ser submetida à um estudo de comunicação com a contribuição de um olhar da análise de discurso.

Os primeiros linguistas consideravam a língua um código, livre de interferências de fatores externos, estático. Foi Saussure quem considerou a língua um sistema de signos específicos. Para ele, faltava algo que unificasse todas as teorias da linguística existente, e foi assim que criou a teoria da *langue e parole*, em que *langue* é a língua, que está no campo social e *parole*, o discurso, que está no campo individual. (PAULIUKONIS, 2014)

Foi nos anos de 1950 que surgiram os primeiros estudos, que levaram o nome de Análise de Discurso. Durante a primeira fase, a AD, ainda era considerada como uma ramificação da linguística, pois ainda usava as unidades da língua.

A segunda fase da AD, não trouxe muitas mudanças em relação à fase anterior, “[...] o deslocamento efetivo que se dá com relação à AD-1 diz respeito sobretudo ao objeto de análise: discurso de menos “estabilizado”, por serem produzidos a partir de condições menos homogêneas” (MUSSALIM, s/d, p. 139). As formações ideológicas, agora, interferem na formação discursiva, que não pode mais ser considerada homogênea, considerando que elementos que lhe são estranhos invadem constantemente esse lugar. É na terceira fase que a formação discursiva é apropriada pelo interdiscurso. A análise de discurso, então, passa a lidar com a língua como um fator social, ligando a língua à ideologia e ao inconsciente, ao funcionamento do texto. Segundo Orlandi (1994), o discurso é o lugar onde podemos encontrar a linguagem e a ideologia.

A AD de linha francesa surgiu em 1960, com Pêcheux. Pêcheux ancora seu trabalho na noção de sujeito, buscando desconstruir a visão de que os sujeitos, enquanto indivíduos puros, são as fontes de seus dizeres e sentidos, possibilitando uma neutralidade

na gramática. Para ele, o próprio sujeito é produto de uma realidade concreta que estabelece o sentido de seus dizeres.(ORLANDI,1996)

Maingueneau (2004), em suas pesquisas demonstra a importância do enunciado, o *ethos* do texto, para mostrar como o discurso vai muito além daquilo que é solene, ou mesmo de uma exposição metódica de algum assunto. Ele, o discurso, “[...] mobiliza estruturas de uma nova ordem que não a frase”. (MAINGUENEAU, 2004, p.52). O discurso não está relacionado a longas frases como se imagina, um pequeno provérbio consegue formar uma unidade completa. Para o autor, o enunciado contém uma informação completa, mas, essa informação, possui um processo assimétrico, pois, quem recebe o enunciado não necessariamente consegue identificar plenamente o que quem escreveu quis passar. Para ele “[...] todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com a representação do enunciador” (MAINGUENEAU, 2004, p.20). Para conseguir entender um enunciado, um texto, não basta apenas entender os sentidos das palavras, o que elas significam em um dicionário, é importante ter o conhecimento sobre o que aquilo trata, raciocinar sobre determinado assunto.

As teorias sobre enunciados se prendem, exatamente, no que Saussure deixou para trás, colocando o falante como sujeito, através do discurso. A enunciação trata a língua como algo que vai além dos signos. “O conceito de enunciação busca, então, evidenciar as relações da língua não apenas como sistema abstrato e de combinações de elementos fonológicos, morfológicos e sintáticos, mas como atividade linguística assumida por um sujeito.” (PAULIUKONISA, 2014, p.81) A enunciação se preocupa com o que se diz e como é que isso foi dito.

Segundo GREGOLIN (1995, p. 20) o discurso é um objeto, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise de dois elementos simultaneamente: como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu.

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente à determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados por uma série de formações imaginárias. (GREGOLIN,1995, p.21).

Para Orlandi, umas das primeiras estudiosas da análise de discurso no Brasil, que segue uma linha puramente pechatiana, a AD busca entender como o discurso produz

sentido, indo além da interpretação, trabalham os processos de significação. “A análise de discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 1996, p. 26). Segundo a autora, “[...] os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas” (ORLANDI, 2000, p. 42), ou seja, os dizeres não são particulares de cada um, a história tem peso e determina o sentido das palavras. O homem tem a impressão de ser o dono do seu dizer, mas, na verdade, faz parte do jogo discursivo que se projeta pelo interdiscurso e não controla os efeitos de sentido promovidos pelo seu dizer. E conclui “[...] por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse X” (ORLANDI, 1996, p.32).

Orlandi (1994) mostra que a relação entre a linguagem e a sociedade não acontece por acaso, enfatizando a importância da historicidade “[...]o discurso é definido como processo social cuja especificidade está em que sua materialidade é lingüística. Há, pois, construção conjunta entre o social e o lingüístico” (ORLANDI, 1994, p.56). A ideologia de quem produz o discurso é cercada pelo imaginário de sua existência e cabe àquele que está decifrando esse discurso apreender de onde vem e qual é essa formação discursiva. O analista, com seu próprio dispositivo de análise, explicita, por meio das pistas discursivas, as projeções de sentido do dizer, ou seja, procura explicitar como o texto se relaciona com o mundo, com a história e com a ideologia.

A formação discursiva, com base na heterogeneidade do discurso, é construída por outras formações discursivas, que resultam da interação da análise linguística e discursiva. O conceito de formação discursiva desencadeia o processo de transformação do discurso em objeto de estudo da AD. Para Roberto da Matta (2006, p. 17), as formações discursivas, por sua vez, “[...] são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas”. [...] a relação entre língua e ideologia que se encontra no discurso, em que a língua produz sentidos pelos/para os sujeitos. (PAULINIO, RODRIGUES, 2013, p.156)

De acordo com Gregolin (2007), chegou o tempo de incorporar à análise a fluidez enunciativa da mídia, o discurso ordinário, as novas materialidades do mundo “pós-moderno” que se concretizam nos discursos. Para a Análise de Discurso, a história é um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento, pois ela influencia o discurso dos sujeitos, afetados pela história e providos de ideologia.

A coerência visível em cada discurso particular é efeito da construção discursiva: o sujeito pode interpretar apenas alguns dos fios que se destacam

das teias de sentidos que invadem o campo do real social. O efeito de coerência e unidade de cada texto é construído por agenciamentos discursivos que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão[...]. (GREGOLIN, 2007, p.16)

É importante para a AD no Brasil diferenciar Orlandi e Gregolin, mesmo as duas estudando o mesmo campo. Orlandi segue uma linha peuchiana, com base marxista, que diferencia o real histórico do real social, a partir de oposições, dicotomias como a de classe dominante e classe dominada. Já Gregolin, segue uma linha mais focaultiana, tendo uma visão muito mais heterogênea do social e do real histórico, mesmo porque ela tem uma concepção de história que é nietzschiana. Para ela, a história é descontínua, dispersa. Em sua leitura da obra de Marx, especificamente para análise das questões contemporâneas, Gregolin entende que vivemos um capitalismo muito mais complexo do que aquele gerido somente pelas lutas econômicas.

O objetivo desta pesquisa é de, por meio da Análise de Discurso, efetivar a observação de como o jornalista Carlos Heitor Cony, afetado pela memória e pela história, representante de uma formação discursiva específica, porta seu entendimento sobre o que é o jornalismo e como o compreende a partir do gênero crônica e do suporte em que está, pois, “[...] em função do lugar onde um texto circulará e do suporte ou portador onde será publicado, ele se apresentará com características diferentes.” (SANT’ANNA, 2002, p.73)

[...] Gêneros textuais hoje comuns em periódicos, como o editorial, a notícia, o artigo de opinião, a crônica do cotidiano, a carta de leitores, os classificados, a resenha, a propaganda, devem ser considerados no conjunto de fatos históricos que evoluíram para constituir esses gêneros tal como os conhecemos agora. A existência deles só se tornou possível depois do surgimento dos periódicos e como reflexo de necessidades impostas pela sociedade contemporânea. [...]

Assim, essencialmente marcados pelas contingências sociais e históricas, os textos vão se estabelecendo como unidades estáveis de enunciado caracterizados por seus conteúdos temáticos, pela estruturação particular de cada um e pelo estilo que oferece determinadas marcas linguísticas para cada gênero. (SANT’ANNA, 2002,p.72)

Analisar a obra de Carlos Heitor Cony exige conhecer sua história, sua postura sócio-política e, fundamentalmente, a herança cultural da qual ele é produto. Para tanto, se faz necessário compreender o jornalista e a sua profissão, buscando apreender sua visão sobre os acontecimentos citados em suas crônicas. O alcance do objetivo proposto perpassa pelo conhecimento da história do Brasil, principalmente em seus aspectos políticos, segmento amplamente explorado pela obra de Cony, como também conhecer a

própria história do jornalismo, pois ambas moldaram a visão do autor sobre sua carreira e a profissão de jornalista.

Carlos Heitor Cony, jornalista brasileiro que morreu no início de 2018, ficou conhecido, principalmente, pelas suas crônicas. Durante sua carreira escreveu livros, enfrentou o regime militar e foi preso seis vezes. Em seus textos, Cony conseguiu fazer uso de um lirismo e, ao mesmo tempo, de um tom irônico, visto em poucos cronistas. O autor utiliza desses artifícios para narrar momentos importantes, tanto da história do país, como de sua própria história, e deixar sua opinião sobre os fatos. Os textos de Cony são marcados pela memória e, na grande maioria, são autobiográficos. “[...] sua literatura está impregnada de lembranças, recordações, reminiscências e a palavra memória aparece em pelo menos dois títulos de seus livros.” (SANDRONI, 2003, p.24)

O escritor se inventa a cada dia. Quando me perguntam se o que eu escrevo é real ou não, digo que é impossível... o que é verdade. E quem somos nós? O produto de nossa memória. Nós somos dois: um a gente pensa que é a gente é, junto com as nossas memórias; o outro é quem os outros pensam que a gente é. Eu tenho a minha opinião sobre mim mesmo. Mas é uma opinião feita pela memória. E a memória é parcial, cúmplice e benevolente. Então não é confiável, A ficção, portanto, é uma espécie de realidade. (CONY, 15)

Na expectativa de explicitar o objetivo proposto, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. O primeiro faz um breve relato sobre a história do jornalismo, com ênfase no jornalismo cultural, espaço privilegiado da crônica.

O segundo capítulo aborda a história da crônica, em seu contexto e sua importância para o jornalismo brasileiro.

O terceiro capítulo foi dedicado a Carlos Heitor Cony, sua história, suas vivências e sua forma de escrever.

Já o quarto capítulo é o espaço no qual foi realizada a análise das crônicas de Cony. Foram selecionadas crônicas escritas entre 2004 e 2011, para os jornais Folha de S. Paulo e Gazeta de Curitiba. Todos os textos escolhidos, de alguma maneira, tratam sobre o jornalismo na perspectiva de Cony. Nas crônicas é possível entender a visão do escritor sobre o passado, o presente e o futuro do jornalismo, identificar suas críticas e seus elogios às mudanças ou permanências e sobre a visão de Carlos Heitor Cony quanto ao jornalismo e à política, salientando sua perspectiva de que os dois caminham sempre juntos, analisando até que ponto um ajuda ou atrapalha o outro.



## 1. O Jornalismo no Brasil: recortes de sua trajetória

No Brasil, o jornalismo chegou tardiamente, com a chegada da Família Real portuguesa ao país. Em 1808, Dom João VI criou, no dia do seu aniversário, a imprensa Régia, onde foi impresso o primeiro jornal em solo nacional: a Gazeta do Rio de Janeiro. O jornal tratava de temas bem restritos e seu assunto principal era a própria Família Real. Foi também usado para exaltar o país e, como na época era proibida a publicação de periódicos, as publicações de oposição não eram impressas no Brasil. Após a criação da Gazeta do Rio de Janeiro, outros jornais também surgiram, mas a grande maioria de pequeno porte e curta duração, todos com viés ideológico monarquista, com pouca função informativa. Antes disso nenhum periódico distribuído no país era produzido aqui.

Foi somente no final do século XIX que a imprensa começou a se consolidar no país. O crescimento urbano, nessa época, trouxe grandes mudanças para a imprensa brasileira. Começaram a surgir novas formas de fazer jornalismo, produto das múltiplas possibilidades proporcionadas pelo avanço da tecnologia. Os jornais passaram a exibir fotografias, charges, *cartoons*, além de contar com o aumento da tiragem e a melhor qualidade da impressão. (ELEUTÉRIO, 2008, p.40) “Eficiência, pressa, velocidade e mobilidade tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração”. (ELEUTÉRIO, 2008, p.70)

Em termos de conteúdo os jornais também se modificaram, pois, agora contavam com redatores, articulistas, repórteres, desenhistas, fotógrafos, uma diversificação de profissionais que possibilitaram o incremento de gêneros como as crônicas, reportagens e entrevistas.

O tripé indispensável à sustentação da grande empresa editorial se erguia. Configurava-o, basicamente, a evolução técnica do impresso, o investimento na alfabetização, os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel. E mais: o telefone e o telégrafo constituíram-se em instrumentos agilizadores da transmissão dos dados que convergiam para a redação. No país de dimensões continentais, a modernidade técnica figurou como um elo internacional. A prática do envio de correspondentes ao exterior se efetivava, assim como a contratação de agências de notícias internacionais, que aceleravam as transmissões dos acontecimentos. À alfabetização, aliás, pedra de toque para os republicanos, acrescenta-se a formação do leitor, que encontrou naquele periodismo o suporte preferencial para o exercício da leitura e das letras. Logo, a imprensa escrita foi, por décadas, o veículo de comunicação por excelência no Brasil. (ELEUTÉRIO, 2008, p.40)

Na primeira metade do século XX, a imprensa já estava definitivamente consolidada no país. Somado aos avanços da tecnologia e à possibilidade de maior tiragem, o acesso à alfabetização de uma parcela mais significativa da população foi, também, um importante passo para essa consolidação.

Um marco para o jornalismo brasileiro foi o surgimento do rádio em 1922 e já em 1941 foi iniciada a transmissão de um dos mais importantes jornais feito para rádio: o “Repórter Esso”, que transmitia notícias sem que fosse necessário ler, possibilitando, ao menos, o acesso à informação a milhões de brasileiros ainda analfabetos.

A chamada “Era Vargas”, com seus diferenciais ideológicos, implicou em importantes mudanças no cenário da grande imprensa. Jornais como o Correio Paulistano, veículo de suporte dos ideais da oligarquia paulista, foi sumariamente fechado por Getúlio já em 1934; outros não resistiram às mudanças e acabaram desaparecendo, como O País; enquanto outros, a exemplo do Jornal do Brasil, alteraram sua linha editorial para garantir uma sobrevivência.(ELEUTÉRIO, 2008)

Esse momento da história, também ficou marcado pela ação da censura. Por sua condição de veículo de comunicação de massa, o caminho da imprensa no Brasil não foi fácil, pois, em vários períodos da história, e, em alguns em particular, os jornais foram reféns dos movimentos de censura. “Durante os sucessivos estados de sítio vividos pela nação, abatiam-se sobre a imprensa dois tipos de expectativa. De um lado, esperava-se a violência da censura sobre os jornais; de outro, a rotina da prisão e o desterro dos jornalistas que violassem as ordens legais estabelecidas.” (ELEUTÉRIO, 2008, p.41) A mão forte da censura, entretanto, não foi uma invenção do século XX, desde a época da monarquia no Brasil, a imprensa passava por censuras que vinham diretamente da coroa. Com a República, essa situação naturalmente se acirrou, devido à própria amplitude conquistada pela imprensa.

Em 1950, com o surgimento da televisão, ocorreram outras importantes mudanças no jornalismo brasileiro. O primeiro telejornal foi ao ar pela TV Tupi no dia 19 de setembro, um dia após a fundação do canal. O telejornal foi um marco na história do jornalismo, exigindo uma mudança na maneira como o jornalismo era feito no Brasil, pois a forma como o jornalista deveria se comunicar com o agora telespectador, em muito se diferenciava da comunicação realizada através da imprensa escrita.

Foi também nesse período que o conceito de indústria de massa começou a se expandir no Brasil, “O teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade, foram se estruturando para finalmente atingir, nas décadas seguintes, a configuração de uma

indústria de bens culturais”. (MOREL, 2008, p.16) Com isso os jornais passaram a contar com maiores investimentos e um maior número de anúncios. Todavia, isso significou também uma amenização na postura crítica dos jornais, pois a prioridade passou a ser a conquista de investidores.

A década seguinte foi palco do golpe militar que mudaria a estrutura da vida no Brasil, tanto no plano cultural, quanto no social e político. E, mais uma vez, o jornalismo enfrenta as consequências do processo de mudanças. O golpe de 1964, com suas restrições e limites, afetou a liberdade da população para receber informações. Jornais foram fechados, jornalistas foram presos, “[...] a censura imposta pelo regime impedia a publicação de reportagens, artigos, entrevistas, documentos e materiais artísticos que pudessem, no juízo das autoridades militares e policiais, afetar a “segurança nacional” e a “ordem pública.” (MORAES, 2014, p.33)

Imbuídos do caráter de resistência, no início da década de 70, a chamada imprensa alternativa começou a crescer no Brasil, surgindo diversos jornais, que lutavam contra o governo da época e que tentavam fugir da censura.

A década de 1980 foi essencial para a conquista e a concretização da democracia no Brasil, a imprensa teve um papel crucial nessa fase, acompanhando a vida política como o movimento pelas Diretas-já.

---

Dos anos 50 a meados dos anos 60 o jornalismo foi refém dos partidos políticos. De meados dos anos 60 ao final dos anos 70, refém da ditadura. Nos anos 80, refém dos movimentos organizados. Em final dos anos 80 descobriu sua verdadeira vocação em uma sociedade de mercado moderna: ser representante dos interesses difusos da sociedade, contra os interesses políticos, corporativos e setoriais. (NASSIF, 2003, p. 12)

Já os anos 90 ficaram famosos pelo início daquilo que seria retratado como a ‘espetacularização’ do jornalismo. “Os anos 90 se constituíram em um período perigoso para o jornalismo. Abusou-se do chamado “esquentamento” da notícia, método que levou o jornalismo aos limites da ficção”.(NASSIF, 2003, p.13)

O século XXI transformou o modo de fazer jornalismo. O aparecimento da internet transformou o modo de vida em sociedade e algumas das mudanças alteraram a relação de contato entre os indivíduos. A comunicação, no campo do jornalismo, se alterou para acompanhar as constantes evoluções da era digital. A interação, a instantaneidade e o surgimento de um ‘homem reconfigurado’ contribuíram para a reestruturação do “[...] exercício da profissão, da produção industrial da notícia, as

relações entre as empresas de comunicação com as fontes, a audiência, os concorrentes, o governo e a sociedade” (BIANCO, 2008,p.1).A notícia, a partir de então, deixou de ser exclusividade dos profissionais do jornalismo.

Pelo modelo tradicional, o papel do jornalista é emitir e monitorar a informação que deseja divulgar. Já no novo sistema de jornalismo, a partir da colaboração, “[...] privilegia-se o sujeito que decide (sujeito conectivo= receptor)”(FERRARI, 2009, p.77).Além disso, para Francisco(2010),o público que antes apenas recebia a informação, hoje já consegue produzi-la de maneira autônoma e a distribui pelas diversas plataformas digitais disponíveis.

### 1.1 Jornalismo Cultural

O jornalismo literário foi o precursor do jornalismo cultural, foi ele quem uniu a literatura ao jornalismo e trouxe, também, a história. A partir do jornalismo literário que é possível encontrar a visão do autor, seu ponto de vista, fazendo assim um jornalismo que mostra as entrelinhas e aprofunda as notícias.

O jornalismo cultural surgiu por volta de 1711, quando os ingleses Richard Steele e Joseph Addison criaram uma revista diária com a intenção de tirar a filosofia das bibliotecas “A revista falava de tudo – livros óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversa espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível apostando em um fraseado charmoso e irônico que faria o futuro grão mestre da crítica.” (PIZA, 2008, p.12)

[...] o jornalismo cultural, dedicado à avaliação de ideias, valores e artes, é produto uma era que se inicia depois do Renascimento, quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada (por Gutemberg em 1450) e o Humanismo se propagara da Itália pra toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare e a filosofia de Montaigne na França. (PIZA, 2008, p.12)

Anos depois, no início do século XIX, com a industrialização, o jornalismo cultural se tornou mais importante e influente na Europa, e foi, também, no século XIX que ele chegou aos Estados Unidos e ao Brasil.

No final do século XIX e início do século XX, o jornalismo, em geral, passou por grandes mudanças e sua parte cultural também. “O jornalismo cultural também “esquentou”: descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante” (PIZA, 2008, p.18). Durante o século XX o jornalismo cultural tornou-se

importante nos círculos sociais e as revistas semanais passaram a dar mais espaço a essa categoria. Já no século XXI, se expandiu, principalmente através de coletâneas de ensaios, críticas e crônicas e até mesmo com projetos de reportagens e bibliografias.

O jornalismo cultural no Brasil, por muitas vezes, foi classificado como produto secundário no jornal, pois, tradicionalmente, ocupa o segundo caderno e com isso o seu alcance acaba sendo banalizado. Contudo, tomou força principalmente com as críticas literárias de Machado de Assis, José Veríssimo e Lima Barreto, no fim do século XIX e início do século XX. Grandes autores da literatura brasileira, em algum momento de suas vidas, trabalharam em jornais na parte cultural devido às grandes dificuldades que esses encontravam para conseguir entrar no mercado literário.

A crônica é um dos mais importantes gêneros textuais no jornalismo cultural brasileiro e ocupa um importante espaço.

[...] cabe lembrar o papel da crônica na história do jornalismo cultural brasileiro. Se a tradição local do jornalismo literário – reportagens mais longas e interpretativas, perfis etc. – é pequena, o gosto nacional pelas crônicas, até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas escritores e especialmente por híbrido de jornalista escritor. De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Rezende, Ivan Lessa e outros, a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo brasileiro. (PIZA, 2008, p.33)

## 2. A Crônica

A industrialização iniciada em meados do século XVIII, na Inglaterra, deu origem a duas classes sociais bem diferenciadas: a burguesia e o proletariado. A burguesia, caracterizada como os donos dos meios de produção, evidentemente, não foi criação da Revolução Industrial, pois já existia desde o final da Idade Média. No entanto, com a industrialização, assumiu características inteiramente novas. Como a principal fonte de riqueza deixou de ser o comércio e passou a ser a produção de mercadorias, houve um fortalecimento da burguesia industrial, mais ligada à produção, com maior controle do poder e maior participação no Estado. As duas classes tinham como espaço comum as fábricas, pois ambas participavam da produção: a burguesia como gestora e a classe operária como executora das metas de produção. Mas havia entre elas um abismo de desigualdades sociais e diferenças culturais. (CANÊDO, 1991)

Enquanto gênero textual, a crônica é de tipo narrativa, surgida a partir de publicações em folhetins, e tratando, fundamentalmente, de eventos da vida diária, costumeiramente relatados de forma irônica, reflexiva, humorística, ou informativa, sendo que seu principal objetivo é de distrair os leitores através da imaginação e da reflexão sócio crítica. (CANDIDO, 1992)

Ainda, como ressalta Candido, a crônica

[...] para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p.15)

A crônica distingue-se claramente dos contos e das novelas, embora mantenha alguns traços em comum com esses dois gêneros. A principal diferença é que a crônica está diretamente vinculada ao jornalismo, ou seja, ao trabalho com fatos de natureza não ficcional, fatos cuja base está presente no real. Além disso, a crônica apresenta uma organização narrativa mais livre, caracterizada por sua fusão com a expressão de opiniões

e ideias, apresentando uma mistura de fatos, opinião e impressões pessoais do próprio escritor.

A linguagem da crônica combina elementos literários com elementos da linguagem jornalística, com a finalidade de chamar atenção dos leitores para o fato, convidando-os a refletir sobre ele e tirar suas próprias conclusões.

Embora, como enfatiza Sabino, a crônica vise “[...] recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida [...]” (SABINO, 1965, p.174), seu leitor em potencial não era o homem comum, iletrado e atrelado ao trabalho diário na busca pelo sustento. Esse tipo era personagem, não leitor.

Desde o século XIX essa característica se evidencia, é a forma do burguês se aproximar do mundo real e se sentir parte dele, como se compartilhasse dos augúrios do povo. Talvez, sempre estivesse aí o motivo do sucesso desse gênero mutante que transita tão bem entre a literatura e o jornalismo.

A articulação discursiva entre as diferentes esferas parece exercer um fascínio nos cronistas, porque enquanto de um lado trabalha-se com o tempo, com o cotidiano que são marcas próprias dos discursos jornalístico e histórico, por outro lado mobiliza a fabulação da criação ficcional e poética do discurso da literatura. Assim, a crônica “discursiviza” o cotidiano e permite a possibilidade do equívoco. (MEDEIROS, 2004, p.27)

A palavra crônica tem sua origem no deus do tempo, *Chronus*. Isso porque, situada entre o gênero jornalístico e literário, ela mostra o cotidiano em determinada época. É a visão do tempo na qual foi escrita. “A palavra crônica deriva do Latim *chronicae* caracteriza, desde o início do cristianismo, um modelo de registro dos fatos históricos de acordo com sua ocorrência, ou seja, em ordem cronológica”. (MOISÉS, 1984, p. 245)

No seu início, ainda como folhetim, a crônica ocupava o rodapé da página do jornal. Como esclarece Meyer “[...] *lefeuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée*— rés-do-chão, rodapé geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento”. (MEYER, 1992, p.96). Tal finalidade se evidencia por esse ser um gênero híbrido, que fica entre dois diferentes mundos, o jornalístico e o literário. Para Lopez (1992) não era possível imaginar esse texto em um grande livro de literatura, pois mesmo sendo bem escrito é escrito no tempo de um jornal. A simplicidade na forma de escrita da crônica é algo que faz a diferença, ela se apropria da objetividade do jornalismo e da subjetividade da literatura.

## 2.1 O folhetim

O século XIX foi um período muito importante para a história da imprensa. Nesse período o jornalismo passou por uma significativa expansão, transformando-se em algo lucrativo, conseguindo assim sua independência econômica. E é nesse momento que nasce o folhetim.

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos, o esboço do Caderno B, em suma. E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres ou noviços no gênero, curtas ou menos curtas- adota-se a moda inglesa de publicação em série se houver mais texto e menos coluna. Título geral desse *pot-pourri* de assuntos (Martins Pena falaria em sarrabulho lítero-jornalístico): *Variétés*, ou *Mélanges*, ou *Feuilleton*. (MEYER, 1992, p. 96-97)

O gênero surge na França, no jornal *La Presse* no século XIX, na parte inferior da página, no rodapé. No seu começo, apresenta uma nova fórmula para o jornal, pois, deixa de lado as notícias propriamente informativas e passa a mostrar outros tipos de textos. Esses novos textos, não-informativos, “[...] causam uma transformação na imprensa, tanto no sentido estético como no processo de disposição da informação.” (PEREIRA, 1994, p.35) Com isso o jornal passou a ser, também, um veículo de entretenimento, não informativo.

O rodapé servia como espaço para publicar qualquer texto, ensaios, críticas literárias, piadas e principalmente textos de ficção, muitas vezes divididos em várias partes (MEYER, 1996).

O folhetim representava todas as formas discursivas que ficavam no rodapé dos jornais, independente de que gênero fosse, pois lá havia a liberdade para se tratar de qualquer assunto. O espaço específico no qual foi criado ajudou a variar o público e amenizar o conteúdo do jornal, trazendo a possibilidade de uma leitura mais prazerosa.

Quando surge, junto com o baixo custo, consegue atrair o interesse da burguesia – que, a partir do século XIX, passou a ser alfabetizada – para o jornal, que antes era lido apenas pela elite. “Os periódicos buscam, assim, se modificar, tornando-se mais acessíveis a um novo público leitor, mais popular tanto do ponto de vista financeiro, como intelectual.” (GARCIA; FERREIRA, 2018, p. 108) Com sua forma particular de narração, o folhetim se identificou com essa sociedade nascente, construída a partir do processo de

industrialização, cuja noção de cultura estava extremamente interligada com as novas estruturas de poder.

A ampliação do grau de escolarização da sociedade e o processo de urbanização, que intensificou o crescimento das metrópoles que se tornaram locais, ao mesmo tempo, produtores e consumidores dos produtos da mídia, colaboraram para a expansão do jornalismo. Além disso, a construção de uma legislação trabalhista garantiu a redução da jornada de trabalho, o que possibilitou que também a classe operária, ao menos a pequena parcela letrada, dispusesse de algum tempo livre para se dedicar a outras atividades, entre elas a leitura. Este público será, em parte, responsável pela ampliação do consumo de jornais e revistas.

Outro fator que também contribuiu para essa ampliação do consumo de jornais e revistas foi o fato da burguesia passar a acumular bens culturais e encontrar na imprensa, não somente um veículo de entretenimento, mas, também, o espaço ideal para mostrá-los, e foi no folhetim onde isso melhor aconteceu. Nesse espaço era possível falar sobre todos os assuntos da vida cotidiana dessa classe, assim como realizar a ostentação tão necessária para a imposição de sua cultura em contraposição à cultura aristocrática. “[...] o folhetim adquire um novo significado: representa uma nova fórmula literária presa à massificação das produções culturais, utilizada pela burguesia nas suas críticas à cultura aristocrática”. (PEREIRA, 1994, p.29)

Para Pereira (1994) o folhetim refletia o homem do século XIX que ocupava ao mesmo tempo o mundo urbano e o mundo rural. Enquanto narrativa, o folhetim se molda às características do jornal da época, ao menos em sua forma. “O folhetinista era um literato que não apenas dominava as regras literárias, mas que também compreendia a dimensão temporal do espaço jornalístico.” (PEREIRA, 1994, p. 30)

O folhetim, enquanto produto jornalístico, nasce com o objetivo de aumentar o número de leitores. É uma mercadoria dos jornais. Pereira (1994) assinala que este é o primeiro produto dos periódicos com um caráter de “literatura de massa” e por isso nunca teve autonomia dentro dos jornais, diferentemente da crônica, que é considerada um gênero que vai além das folhas jornalísticas.

A diferença entre a crônica e folhetim não se resume apenas a uma questão semântica, mas se estabelece na relação que ambos mantêm como o espaço jornalístico. Neste sentido, a crônica marca uma certa evolução estético-semântica, através das diversas linguagens que o cronista incorpora ao seu texto. O folhetim, ao contrário, permanece marcado pela referencialidade do texto jornalístico ou pelo grau de literariedade, quando assume as

características do romance ou até mesmo da opinião jornalística. A crônica, contrariando as conceituações emprestadas ao folhetim, perdeu seu caráter Lítero-jornalísticos e ampliou suas relações com o leitor; pois o cronista busca se realizar esteticamente no espaço do jornal, o que não acontece com os folhetinistas. Este distanciamento conceitual entre crônica e folhetim se acentua quando verificamos a relação daquela com a linguagem formal do jornal (PEREIRA, 1994, p. 34)

Com o tempo o folhetim foi mudando suas características e se transformando em crônica. No decorrer desse processo passou a receber diferentes denominações, como Folha Literária e Folha Histórica, entre outros.

### 2.1.1 O romance-folhetinesco

Com a popularização do folhetim na França, logo surgiu uma nova modalidade, o romance-folhetinesco. Essa nova fórmula, não somente ampliou o número de leitores do folhetim, como também criou a perspectiva de uma clientela fixa, pois a cada dia era lançada uma parte de um romance, o que fez dele algo mais democrático, que conseguia atingir diferentes níveis da população.

O romance-folhetinesco fez muito sucesso na época, priorizando histórias de amores impossíveis com tendências um pouco revolucionárias, com narrativas dramáticas que mostravam personagens de diferentes classes sociais vivendo casos improváveis para a época.

Foi a difusão do gosto e interesse pelo romance, numa camada receptiva que se ampliava, principalmente junto ao público feminino das famílias das capitais, que levou muitos a se dedicarem ao gênero. Ao longo das décadas de 30 e 40 do século XIX, foram vários os poetas e intelectuais que experimentaram o trabalho com a prosa, a novela curta e o romance, ainda mais quando os jornais passaram a publicar, nos seus rodapés, os folhetins. (RONCARI, 1995, p. 487).

O primeiro romance-folhetinesco publicado pelo jornal *La Presse* de Émile de Girardin se chamava *La vieillefille* (“A velha moça”) de Balzac, dividido em doze episódios. (MEYER, 1996).

O romance-folhetinesco recria a relação autor/leitor. Enquanto nos romances, publicados em livros, a história chegava pronta e acabada ao leitor, fruto incontestável da criatividade de seu autor, no formato romance-folhetinesco o leitor se tornava parte

decisiva no processo de criação da história, pois, conforme a reação de seus leitores, o autor podia ir moldando a história para manter sua clientela fiel à publicação.

## **2.2 Do folhetim a crônica: o caso brasileiro**

No Brasil, o romance-folhetim francês consegue a atenção do público e passa a fazer parte dos jornais ainda no século XIX. Assim como em seu país de origem, o gênero consegue penetrar as camadas mais populares que buscavam diversão e entretenimento, além das notícias cotidianas, pois a burguesia da época, apesar da ascensão social pela qual estava passando, ainda não tinha dinheiro para comprar livros. Mesmo existindo escritores brasileiros, muitos dos folhetins franceses eram traduzidos e publicados nos jornais. Esse gênero fez muito sucesso e se espalhou pelos jornais da época.

Como no Brasil o século XIX foi marcado por uma busca constante de equiparação com o progresso encontrado nas grandes metrópoles europeias, o jornal foi uma ferramenta importante nessa busca, e os folhetins ajudaram na difusão desse veículo de comunicação, fazendo com que a burguesia tivesse acesso a ele.

Com o passar do tempo o romance-folhetim se naturalizou no Brasil, embora mantendo o espírito romântico europeu e muitas das características do folhetim francês, passou a buscar problemáticas e personagens da terra, tratando de assuntos locais. Dentre os autores de maior destaque nesse gênero, ainda no século XIX, destacam-se: Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Olavo Bilac, José de Alencar entre outros. O jornal Gazeta de Notícias, destaque na publicação de romances-folhetins, os manteve até pelo menos a década de 1930.

No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu. Antes de ser crônica propriamente dita foi "folhetim", ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção "Ao correr da pena", título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o "folhetim" foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. (CANDIDO, 1992, p.15)

Seguindo o ritmo europeu, já no início do século XX, o folhetim foi substituído nos jornais brasileiros pela crônica. Esse gênero tomou forma e se popularizou, em um primeiro momento, no Rio de Janeiro, capital da República.

O cronometro pode servir de índice para o discurso brasileiro na virada do século. Deseja-se progresso imediato para descontar anos de atraso. Políticos e literatos registram sua admiração pela técnica e seu empenho em que o país assumira a feição moderna, exibida pelas metrópoles européias. Tudo deve vir rápido – os trens, a notícia, a mudança nas instituições. (CARDOSO, 1992, p.137)

No final do século XIX, com a capital do país no Rio de Janeiro, o Sudeste já havia se firmado como centro econômico, político e cultural do país. Com a expansão cafeeira para São Paulo, esses dois estados tornam-se importantes centros econômicos e passam a se constituir em espaços privilegiados para a produção cultural. Jovens das famílias mais abastardas, que aspiravam por destaque no campo artístico ou literário, buscavam a cidade do Rio de Janeiro visando estabelecer uma carreira intelectual.

No campo das ideias, sob influência europeia, predominavam o positivismo, o liberalismo e a noção de progresso e civilização, representados, fundamentalmente, pelo vislumbre das grandes cidades industriais da Europa. Na contramão dessas aspirações, porém, encontravam-se, não somente, as miseráveis condições em que estava imersa a maioria da população, como também as formas arcaicas de poderes político e econômico. (SEVCENKO, 1999)

No plano econômico, não havia a possibilidade da burguesia nascente se livrar da oligarquia rural, pois era a produção rural que gerava o capital para financiar o processo de industrialização. Sendo assim, a estrutura econômica do país, impôs a exigência de convivência do novo burguês urbano com os coronéis e oligarcas tradicionais. No cenário político, os anseios liberais-republicanos esbarravam na dominação das oligarquias regionais, que possuíam influência decisiva sobre o Estado, que governava em função das conveniências regionais. (SEVCENKO, 1999)

Mesmo em meio a esse panorama político-econômico híbrido, desconfigurado, pôde-se perceber um borbulhante movimento cultural no início do século XX, que desencadeou a transformação do folhetim em crônica.

A Semana de Arte Moderna, de 1922, apresentou aos escritores a possibilidade de romper com o passado para chegar ao moderno. Iniciou um movimento para estimular a brasilidade na literatura, valorizando a cor local, que trazia temas referentes ao Brasil, suas diferentes regiões e seu povo. Os assuntos das crônicas mudaram e foram se aproximando da realidade dos brasileiros, transformando a forma dos textos e se

adequando um pouco melhor à simplicidade do brasileiro da época, produzindo assim textos com uma linguagem mais coloquial, deixando de lado os textos formais.

Se, ao abandonar sua vocação inicial de ata do tempo, ela perdera um pouco da longevidade, agora, em sua versão mais caseira, ganha novo fôlego e vence os anos, não mais com aquela cara sisuda de coisa oficial [...], mas com um jeito brejeiro e muito brasileiro; afinal, foi aqui que ela encontrou seu novo lar, abraçando-se, na melhor acepção do termo, e tornando-se praticamente um gênero literário. (CRUZ JR., 2002, p. 33)

Os jornais da época também passaram por importantes mudanças, começaram a ser profissionalizados na intenção de obter mais lucros, isso mudou a forma como as notícias eram pensadas e produzidas. Os jornais foram perdendo a subjetividade e o teor intimista que tinham e passaram a ser grandes empresas que produziam bens de consumo, com isso o jornal se dividiu e passou a ter seções para cada assunto especializado. A partir daí surgiu a crônica moderna, que deixa de ser folhetim.

A crônica é quem melhor reflete a transição da imprensa político- literária para o jornal-empresa, principalmente quando se tenta perceber as transformações em níveis da linguagem e a forma como se organizam os espaços destinados a informar o leitor no jornalismo deste século. (PEREIRA, 1994, p. 109)

Nessa época, como foi dito anteriormente, o Rio de Janeiro, por ser a capital do país, era o centro polarizador do conteúdo intelectual e cultural e isso fez com que grande parte do material literário e jornalístico saísse de lá. As crônicas cariocas desse período retratavam essa reinvenção do cotidiano.

O homem da rua pode ter o mundo nas mãos, lendo reportagens, entrevistas e crônicas – “gêneros benquistos pela imprensa empresarial” mal saídas do amadorismo. Significativamente, nomeia-se crônica o texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais) e o presente (registro do instante, resgatado da voragem para a fama).  
Escritores de nome, ocupando o rodapé do folhetim-variedades, são pagos para fazer crescer as tiragens, combinando a assiduidade de profissionais com a graça de diletantes. Espera-se que se adaptem à tecnologia e imprimam novo ritmo à vida. Em suma: que ditem as modas (CARDOSO, 1992, p.137)

Pereira (1994), fala da importância do cronista na mudança da linguagem jornalística que acontece no começo do século e a relação que isso tem com o “[...] modelo econômico representado pela burguesia” (PEREIRA, 1994, p 110.). Para que isso possa ocorrer, a crônica passa a tratar de assuntos mais próximos à realidade dos leitores. “Ao contrário do herói problemático do romance moderno, o cronista, através da linguagem

jornalística, procura sintonizar as relações sociais [...] e defini-los no espaço social” (PEREIRA, 1994, p. 110).

Machado de Assis, um dos grandes cronistas deste período, define, com clareza, as características desse gênero: privilegiar o diferente do dia a dia sem perder a graça do dizer. É essa relação com o acontecimento menor, cotidiano da vida do homem comum que serve de base para os cronistas desenvolverem seus textos.

## 2.3 Cronistas brasileiros

A crônica é um dos gêneros mais lidos pelos brasileiros. Seu fácil acesso, temas cotidianos e seu tamanho reduzido conquistaram os leitores. Desde o início do século XX, esses textos vêm chamando atenção. A mistura entre o jornalismo e a literatura, o coloquial e o literário, o irônico e o lírico que as crônicas trazem, encantam e entretém.

Alguns autores marcaram seu nome na história do gênero no país, como, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos, contemporâneos de Carlos Heitor Cony. Mas a história da crônica conta também com alguns nomes, como João do Rio, Machado de Assis e Rubem Braga, que fizeram história nesse gênero.

### 2.3.1 João do Rio

João Paulo, Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, Paulo Barreto, mais famoso pelo pseudônimo João do Rio, nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Depois de ter caído no esquecimento durante muito tempo, foi reencontrado e passou a receber seu devido valor, considerado um dos maiores jornalistas e um dos mais importantes cronistas de sua época. Como jornalista foi o precursor do jornalismo investigativo, que ainda não existia no Brasil, e como cronista, foi quem criou a crônica social moderna. O escritor carioca colaborou em diversos jornais entre 1900 e 1913, mas, a maior parte de sua carreira passou no jornal Gazeta de Notícias, onde foi repórter e cronista. Uma de suas obras mais famosas é a série de reportagem, *As religiões do Rio*.

O autor escreveu em uma época na qual o país, o Rio de Janeiro e a imprensa brasileira, estavam passando por importantes transformações. Na capital carioca acontecia um movimento que ficou conhecido como a *Belle Époque* brasileira, pois se tentava urbanizar a cidade, para que ela perdesse a cara de cidade colonial. Um período de paz, que se estendeu até a Primeira Guerra Mundial, em 1914, no qual, uma burguesia,

que gozava de seus privilégios, aproveitava o melhor da vida, ignorando as injustiças e a miséria.

João do Rio foi quem mais cedo percebeu essas mudanças e mudou também sua forma de escrever. “Vista em perspectiva, a imagem de João do Rio é a de quem compreendeu e assimilou os novos tempos da imprensa jornalística no Brasil, deslocando a imagem do escritor para as demandas que se apresentavam naquele contexto.” (BULHÕES, 2007, p. 79). Para Sá (1985), João do Rio percebeu a modernização da cidade e como isso exigiria uma transformação na forma de contar a história que era contada diariamente.

Foi ele quem conseguiu misturar a literatura com a crônica a ponto de inventar personagens (SÁ, 1985). Com isso conseguiu aproximar a crônica ao conto

[...] em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real. (SÁ, 1985, p.9).

Segundo Bulhões (2007) é possível perceber, em suas crônicas, aspectos da vida mundana, os costumes da população do início do século XX.

Assim, ler João do Rio não deixa de ser uma experiência em que o leitor “prova” de um cardápio de elementos que compõem o cenário da época e o espaço de uma cidade: moda, gastronomia, religião, meios de transporte, arquitetura, tecnologia, esporte, dança, lazer, vícios e prazeres (cigarros, bebidas, ópio), decoração, paisagismo, urbanismo etc. (BULHÕES, 2007, p.81)

João do Rio conseguiu retratar mundos opostos: a alta sociedade e o povo das ruas. O autor era capaz de criar crônicas onde mostrava a vida social da burguesia, apresentando fidalgos arruinados e mulheres conquistadoras. Mas, do seu outro lado, mostrava os costumes e os tipos da rua que existiam no Rio de Janeiro, aproximando-se, assim, dos pré-modernistas, apresentando um retrato mais próximo da realidade brasileira.

### **2.3.2 Machado de Assis**

Foi através dos jornais que Machado de Assis acabou entrando no mundo das letras. Suas crônicas foram uma parte importante da história desse gênero no Brasil. Nascido no século XIX, o autor foi um dos grandes escritores dos folhetins brasileiros, apesar do fato de suas crônicas nunca terem recebido o devido reconhecimento, pois, para muitos, a crônica era considerada um gênero menor. Em 1859, aos 20 anos, começou a

escrever no espaço do folhetim, usando diversos pseudônimos como: Lélío, Malvólio, Dr. Semana, João das Regras, Lara, entre outros. Machado, em sua trajetória como folhetinista ousou, escreveu crônicas em diferentes formas, como quadras e versos e tratou de temas muitas vezes polêmicos.

Machado de Assis foi observador atento, crítico e sarcástico das mudanças que se processaram no cenário político brasileiro de sua época. Assistiu a passagem do Império à República e em muitas de suas crônicas e romances, deixou transparecer suas opiniões a respeito.

Duas imagens vão traduzir para esse jovem Machado o ritmo fragmentado e superficial do novo gênero: o folhetinista será um “colibri” pela rapidez, leveza e qualidade especial de domina e os assuntos sem esgotar sua “seiva”. A outra imagem é a do “confeiteiro literário sem horizontes vastos” que define bem a sua técnica de degustação agradável e amena. (BRAYNER, 1994, p.409)

Entre os temas recorrentes tratados por Machado em suas crônicas estava a questão da ascensão social da burguesia brasileira. Seus textos, sempre irônicos, abordavam o que o autor observava no Rio de Janeiro que, nessa época, passava por uma reestruturação urbanística que visava atender às aspirações da burguesia em ascensão, em detrimento do restante da população. Machado de Assis usou em suas crônicas essas situações urbanas. De forma sempre sutil e imprevisível, conseguia deixar marcadas suas afirmações. (BRAYNER,1994)

Desde o início delineiam-se com clareza seus caminhos narrativos favoritos, em que pose ainda um certo ar de fórmula geral. Interessa-se, particularmente, pela apresentação do fato cotidiano, desimportante enquanto ação, mas capaz de gerar um conteúdo pitoresco, humano e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro do final do século, vistos com olhos contrastantes do humor benévolo, zombeteiro mesmo. Hábil em soldar tipos de experiências diversas, recorre a um discurso coloquial, mas culto, aberto às mutações associativas [...].(BRAYNER,1994, p.412)

Machado unia em seus textos a arte do útil e do fútil, pois tratava de forma exemplar assuntos comuns do cotidiano.

Machado cria um novo espaço para o leitor, reelabora alguns princípios da linguagem dos jornais da época, pois, ao invés de construir fatos em que predomina a visão do poder de “ interpretação” emanado da retórica dos bacharéis, dá importância às coisas miúdas do cotidiano, ao falatório nas ruas, às idéias de libertos ou escravos, senhoras e crianças. (PEREIRA, 1994, p. 60)

Suas crônicas, apesar de nunca terem recebido a devida atenção e nunca terem sido publicadas por completo, foram de total importância para o amadurecimento do autor. (SOARES, 2012)

Quando se lê as crônicas machadianas, a primeira sensação do leitor é a de estar diante daquela típica arte da desconversa: é sempre uma escrita refinada, alusiva, muitas vezes maldosa, mas sempre irresistível. Em seguida, fica evidente que o gênero foi um autêntico laboratório para o escritor Machado de Assis. O contato cotidiano com o leitor e o exercício da oralidade necessária à crônica deram ao escritor fluminense elementos e recursos textuais para o desenvolvimento do estilo que o consagraria tanto nos romances quanto nos contos. [...] (VENTURA, 2004, p.31)

Nas crônicas de Machado, mesmo saindo de manchetes jornalísticas, é sempre possível encontrar a ficcionalização de suas histórias (VENTURA, 2004). É, a partir das crônicas e do jornalismo, que surge o romancista Machado de Assis.

### **2.3.3 Rubem Braga**

O capixaba, Rubem Braga é um dos mais importantes cronistas contemporâneos. Em seus mais de 60 anos de carreira, escreveu cerca de 15 mil crônicas. Com as modificações que a crônica passou durante a segunda metade do século XX, foi ele quem trouxe de volta seu viés literário. O lirismo reflexivo chama a atenção em seus textos “[...] recompor a própria história individual é um jeito de o cronista nos ensinar a compor a nossa história na condição de pessoas ligadas a tantas e tantas heranças culturais” (SÁ, 1985, p.15)

A crônica de Rubem Braga é considerada um marco para esse gênero no Brasil. Influenciado pela geração modernista das décadas de 20/30 do século passado, o autor trouxe para a crônica todo o seu lirismo e poesia. Braga também inovou ao decidir que seria apenas cronista. “Certamente capaz de escrever contos, novelas e romances, não se deixou seduzir pelo brilho dos chamados ‘gêneros nobre’”. (SÁ, 1985, p.13)

Nascido em janeiro de 1913, em Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, Rubem Braga, que faleceu em 1990 no Rio de Janeiro, foi um dos grandes cronistas do país. Em suas crônicas costumava lembrar sua infância na cidade capixaba, criando histórias através de lembranças de seu passado. “Em uma linguagem simples e através do cotidiano trivial, Rubem Braga enveredou pelo viés da ficção, colocando-se como

personagem principal dos fatos relatados em uma introspecção e solidão duradoura.” (IPUCHIMA, 2018, p. 33)

Rubem Braga foi influenciado por Manuel Bandeira e assim se aproximou do pós-simbolismo “[...] enquanto a prosa de Braga se aproxima da poesia, a poesia de Bandeira se relaciona com a prosa, pois frequentemente emprega os recursos da narrativa como personagens, enredo e diálogos, descentralizando, assim, a voz poética.” (RODRIGUES, 2012, p.54)

## **2.4 A crônica e seus suportes**

Durante o século XX a relação entre a crônica e seus leitores passou por grandes mudanças e essas mudanças têm ligações importantíssimas com os diferentes suportes nos quais ela passa a ser apresentada. A crônica, que antes era propriedade do jornal impresso, passa a aparecer em diferentes plataformas ao longo do século e isso exige transformações em sua linguagem.

Um dos principais suportes no qual a crônica começa a ser apresentada é a revista. Apesar de ser impressa como o jornal, a periodicidade da revista faz com que o cronista tenha que realizar algumas importantes alterações no conteúdo da crônica. A partir de agora o assunto escolhido para escrevê-la precisa ter uma importância maior, mais repercussão, pois a revista não se torna ultrapassada de um dia para outro, dura por mais tempo. Na revista, o público já não tem a mesma urgência que tem no jornal.

Outro novo suporte será o livro, onde a crônica passa a aparecer em ensaios ou compilações, reunidas pelo autor ou por um outro autor. São crônicas selecionadas e muitas vezes falam todas sobre um determinado assunto. Quando passa para o livro, a crônica torna-se polêmica, pois alguns autores acham que ela não tem valor ou importância o suficiente para estar neste suporte. “Acredita-se que o jornal limita o valor literário, pois limita o valor da crônica.” (GARCIA, 2008, p.30) Mas, diferente do jornal impresso, quando reunida no livro, a crônica passa a ter um tempo maior, não perdendo sua importância no dia seguinte.

Uma vez publicada em livro, a crônica assume uma certa reelaboração na medida em que é escolhida pelo autor (em alguns casos, é outra pessoa quem organiza a coletânea). Além disso, ela se torna mais duradoura, porque os textos que envelheceram devido à sua excessiva circunstancialidade não entram na seleção. (SÁ, 1985, p.83)

Com o surgimento da internet, os veículos de comunicação precisaram se adaptar e transformar sua forma de transmitir as informações. O espaço *online* ampliou significativamente seu campo de atuação, criando uma nova perspectiva. A partir dessas modificações, a comunicação, no campo do jornalismo, se alterou para acompanhar as constantes evoluções da era digital. Agora as pessoas conseguem se relacionar e ter acesso às informações com uma velocidade que nunca antes existiu. A crônica, por ser um gênero leve e curto, conseguiu se adaptar perfeitamente a essa nova realidade. “Tanto nos jornais, quanto nas revistas *online*, as crônicas já eram vistas nas transposições de conteúdo, uma vez que o seu tamanho reduzido facilitava a passagem para esse suporte, diferentemente de outras reportagens com textos mais extensos.” (GARCIA, 2008, p.43) Outro fator importante para a boa aceitação da crônica na internet é o fato de que nesse suporte ela acaba sendo de graça, facilitando o acesso dos leitores ao seu conteúdo, além de perder seu caráter regional. Com o grande fluxo de informações que se recebe do mundo inteiro, a crônica pode tratar de qualquer assunto, de qualquer parte do mundo. Ela aparece, primeiramente, nos jornais e revistas *online*, com o passar do tempo ganha um importante espaço no *blog* e com o surgimento da Web 2.0 passa a aparecer, também, nas redes sociais.

Entre as possibilidades abertas pela Web 2.0, as redes sociais, principalmente o Facebook, tornaram-se os suportes digitais em que melhor se observa a produção da crônica na atualidade. [...], tais suportes foram capazes de ampliar para novas concepções de espaço a serem representados literariamente no gênero em questão. (GARCIA, 2018, p.49)

## 2.5 Crônica no século XXI

Com a Web 2.0, a crônica se espalhou e novos cronistas de diferentes lugares do Brasil, que tratam sobre assuntos variados, começaram a fazer muito sucesso. É possível encontrar em jornais e revistas *online*, seções para cronistas, que postam semanalmente seus textos.

A crônica, por seu aspecto mais leve e curto, conseguiu se adaptar perfeitamente a esse novo espaço *online*, ela conseguiu aumentar ainda mais seu número de leitores, que agora tem acesso fácil a esse conteúdo, com uma importante vantagem: conseguir interagir com o escritor.

A forma de interação entre leitor e o conteúdo *online* se dá por diferentes maneiras, entre elas, pela troca de *e-mails*, espaços destinados para comentários, entre outras possibilidades. Isso fez com que esse leitor se interessasse mais ainda pelo

conteúdo e tornou o cronista, que já era próximo, ainda mais próximo da realidade.

Não é possível falar da crônica no século XXI sem falar do espaço que ela ocupa na internet “[...] torna-se necessário enxergar a Internet e como ela se faz presente na vida das pessoas hoje em dia e, conseqüentemente, nos textos dos cronistas atuais.” (GARCIA, 2018, p.58).

Garcia (2018), em sua tese de doutorado, fala como foi importante para esses novos escritores se adaptarem a esse novo contexto e mudar suas temáticas, discussões e até mesmo sua linguagem. Agora, mais do que nunca, a crônica precisa dialogar com o seu público leitor, que já não está mais situado em apenas uma região.

O jornal exigia do cronista o direcionamento ao público consumidor daquele veículo que era, demarcadamente, o consumidor da própria cidade base do jornal. Hoje em dia, já se compreende que o maior diálogo e mais rentável para seu produto se encontra nos meios digitais – é mais interessante gerar “cliques”<sup>125</sup> do que vender jornais, sejam impressos ou digitais. Ao pensar em um novo espaço representado na crônica, não se pode esquecer que isso não elimina a existência da maneira anterior de representação nesse gênero textual, principalmente nos jornais das cidades de interior – que são consumidos ainda diretamente no formato impresso e em que o diálogo com o leitor depende das referências espaciais com seu lugar. (GARCIA, 2018, p.74)

O novo suporte digital trouxe mudanças importantes para o espaço na qual a crônica existia. Agora ela não é regional, consegue atingir o seu público em qualquer lugar e tem seus assuntos muitos mais abrangentes. Importantes cronistas conseguiram se adaptar e alcançar o sucesso, alguns exemplos importantes são, Lia Luft, Antônio Braga e o próprio Carlos Heitor Cony, objeto de estudo dessa pesquisa.

### 3. Carlos Heitor Cony

Carlos Heitor Cony nasceu em 1926, no Rio de Janeiro e morreu no início de 2018. Filho do também jornalista Ernesto Cony Filho, é considerado um dos mais importantes cronistas do país, também conhecido pelos muitos livros que escreveu, como: *Quase memórias*, *O ventre* e *Pilatosen* entre outros. No ano de 2000 ganhou o lugar como o quinto ocupante da terceira cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Cresceu no Rio de Janeiro, com seus pais, Julieta e Ernesto, e seus dois irmãos. Seu pai era jornalista e tinha mais um emprego como funcionário público, com isso conseguiu dar uma boa vida aos seus filhos.

A primeira infância de Cony se deu em um momento em que o país passava por grande ebulição sócio-política e, pertencendo a uma família ligada ao jornalismo, vivenciou as consequências dessas mudanças.

Enquanto isso, politicamente, o país passava por um momento conturbado. O Estado republicano, sustentado por um amplo pacto entre as oligarquias agrárias, se apoiava no poder local dos coronéis, que exerciam o mando político recorrendo a práticas arcaicas, como o clientelismo, a compra de votos, a troca de favores e a fraude eleitoral. Enquanto as elites acreditavam que essa situação não se alteraria, a sociedade brasileira estava em plena ebulição, passando por constantes mudanças. Nas cidades, era crescente a rejeição às práticas políticas das oligarquias. A contestação popular ao poder dos coronéis se manifestou, sobretudo, na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho e nas ações militares dos tenentes, que expressavam a indignação dos grupos sociais urbanos contra o domínio das oligarquias. (FAUSTO, 1997)

Em 1930, a insatisfação criou condições para um movimento revolucionário que mudaria esse quadro. (FAUSTO, 1997; LOPEZ, 1987)

[...] se é fato que a Revolução de 30 foi um marco da transição do Brasil arcaico para o Brasil moderno, é também verdade que a contraditória multiplicidade dos interesses vitoriosos fez com que sérias dificuldades surgissem posteriormente, quando chegou a hora das grandes opções para resolver os grandes impasses nacionais. (LOPEZ, 1987, p. 64)

Trechos desta história é contada por Cony em seu livro “Quase Memória”, que fala sobre a história de seu pai e as diversas situações que viveu, principalmente por causa da situação política da época.

Em 1930, quando Vargas chegou ao poder, seu pai, Ernesto, perdeu o emprego no jornal *O Paiz*<sup>1</sup>, que apoiava o governo de Washington Luiz, e a família passou a contar apenas com seu salário como funcionário público, o que o fez se mudar para Niterói, “[...] onde a vida era mais barata” (SANDRONI, 2003, p.32). Mais tarde se mudaram para Lins Vasconcelos.

Enquanto isso, Cony, ainda criança, enfrentava problemas para conseguir falar suas primeiras palavras, não havia pronunciado nada até os cinco anos, quando, após a vitória da revolução que levou Getúlio Vargas ao poder e a passagem de um avião de comemoração enquanto estava na praia, assustou o menino e este pronunciou suas primeiras palavras. Porém quando começou a falar percebeu-se que tinha um problema de dicção, “[...] a língua não tinha flexibilidade para certos ditongos, era impossível pronunciar o próprio nome, trocava o ‘c’ pelo ‘t’, e o ‘g’ pelo ‘d’.” (SANDRONI, 2003, p.34). O problema só foi resolvido em 1943, após uma pequena cirurgia. Mas, antes disso, Cony virou motivo de chacota de seus irmãos mais velhos e seus amigos, por isso seus pais decidiram que a melhor opção para o menino era que ele tivesse aulas em casa, com seu pai, que era professor. Em seu romance “Quase memórias”, Cony conta, de uma forma divertida, como foi a época:

Além do equipamento básico de uma escola, do horário estipulado, ele redigiu regras suplementares que copiou com sua melhor letra (à qual não faltaram borrões) colocando o papel na porta do meu quarto, a fim de que, a cada manhã, ao acordar, eu tomasse conhecimento do que faria na vida em geral e naquele dia em particular (CONY, 1999, p.105).

Aos 12 anos conseguiu uma vaga no Seminário Arquidiocesano de São José, onde estudou por quase oito anos, local em que conheceu uma das figuras mais importantes em sua vida, Padre Cipriano, de quem, mais tarde, falou que sempre teria um espaço em seu coração.

Aos 19 anos, abandonou a vida iconoclasta e entrou na faculdade de Filosofia do Brasil, que largou logo após o fim do primeiro ano, pois “[...] estava aprendendo mal o que havia aprendido bem no seminário” (SANDRONI, 2003, p.72), depois começou a cursar Letras, mas, assim como o primeiro curso, nunca terminou.

---

<sup>1</sup>*O Paiz* foi um jornal diário de grande circulação lançado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro. Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado pela Revolução de 1930. (SODRÉ, 1966)

Em 1946 durante as férias de seu pai, assumiu seu lugar na redação do Jornal do Brasil, onde teve sua primeira experiência com a profissão, e recebeu sua carteira de jornalista em 1947. Mais tarde, em 1952, após o pai sofrer uma isquemia cerebral, se tornou efetivamente redator na Rádio Jornal do Brasil.

Em 1949, Cony casou-se com sua primeira esposa Maria Zélia Machado Velho, com quem teve suas duas filhas: Regina Celi e Maria Verônica. Cony agora, pai de família, precisava aumentar sua renda e foi nessa época que começou a trabalhar como redator da Rádio Jornal do Brasil escrevendo artigos para o Suplemento Dominical do jornal. (SANDRONI, 2003)

Em 1955, Cony começou a escrever seu primeiro e um dos seus mais importantes romances: “O Ventre”. Romance cujo tema central é a infidelidade. Trata-se de um texto realista, que dialoga de perto com o existencialismo, mas também com Machado de Assis, particularmente com Dom Casmurro. (BUENO, 2008)

[...] Despiu-se de qualquer espécie de pudor para escrever o romance doloroso, sofrido, cético, arrasador para uma época em que o Brasil vivia momentos de euforia, no início da era JK. O rapaz que saíra do seminário aos 19 anos produziu um texto dilacerado, em que a condição humana é exposta na sua dimensão mais crua e onde aparece um pai inteiramente diferente do pai na vida real, a simpaticíssima figura retratada em Quase Memórias (SANDRONI, 2003, p.79)

O autor inscreveu seu livro em um concurso literário na cidade do Rio de Janeiro, mas o livro foi considerado “pesado” para a competição e foi desclassificado. (SANDRONI, 2003) Mais tarde escreveu outros dois romances na mesma competição e ganhou todas as vezes. O romance “O Ventre” só foi publicado no ano de 1958.

Em 1960, Cony começou a trabalhar no jornal Correio da Manhã, onde, posteriormente, passou a defender um posicionamento político mais efetivo, postura que não havia assumido até então. “Trata-se, afinal, do autor que, em fins dos anos 1950 – período de sua estreia literária – e início da década de 1960, parece não demonstrar interesse pelos “vãos e desvãos” da política nacional.” (SILVA JR., 2011, p.2)

Quando aconteceu o golpe militar no Brasil, em 1964, Carlos Heitor Cony se viu obrigado a começar a escrever e questionar o que estava acontecendo no país.

Em 1964, os militares tomaram o poder e implantaram uma ditadura no Brasil. Muitos dos direitos constitucionais foram suspensos e substituídos por uma série de medidas de exceção. Os golpistas procuraram definir esse assalto à democracia como uma

revolução. Com essa expressão, buscavam legitimar o golpe de Estado que depusera um presidente eleito democraticamente pelo voto popular. (LOPEZ, 1987)

A esse ato de força, se seguiram vinte anos de ditadura, durante a qual os militares impuseram seu projeto ao país: um projeto de modernização pela via conservadora e autoritária. Nesse período, o país assistiu, perplexo, à supressão das liberdades civis e à repressão indiscriminada dos movimentos sociais organizados, à qual não faltaram requintes de crueldade, como tortura, assassinatos e perseguições. (LOPEZ, 1987)

Foi nesse momento que Cony mostrou uma consistência em suas crônicas e passou a fazer uma forte crítica ao governo. “[...] com a eclosão do Golpe Militar, as crônicas de Cony no Correio da Manhã transformam-se numa espécie de front de resistência.” (SILVA JR. 2012, p.5) Tornou-se opositor intransigente dos militares no poder, mostrando sua indignação pela supressão do estado de direito. (BUENO, 2008)

Ainda em 1964, publica “O Ato e o Fato”, uma coletânea de crônicas que faziam críticas ao golpe. “Em tais narrativas, o cronista não apenas problematiza as iniciativas dos militares no poder, mas também, e principalmente, elabora seu “testemunho” acerca dos movimentos em meio à nação sitiada.” (SILVA JR., 2011, p.3)

Depois da publicação de “O Ato e o Fato”, tornou-se impossível para Cony conciliar a figura do escritor individualista, criador de personagens ligados a questões unicamente existenciais, com a do cronista engajado a ponto de se tornar símbolo de resistência. (BUENO, 2008)

Em 1965, saiu do Correio da Manhã devido a conflitos internos. Sua postura política destoava da linha editorial do jornal, criando constantes desavenças com o editor chefe. No mesmo ano, Carlos Heitor Cony foi preso em um protesto durante abertura da Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA), na ocasião passou 20 dias no cárcere. Durante o ano de 1967 exilou-se, espontaneamente, em Havana, Cuba. Voltou para o Brasil em 1968, mas foi preso, novamente, no dia 13 de dezembro. Foi preso pela terceira vez em 1970. Cony foi preso seis vezes durante a época da ditadura militar no Brasil.

No ano de 1973, nasce seu terceiro filho, fruto do seu segundo casamento com Eleonora Ramos: André Heitor. Neste mesmo ano escreveu o que achava ser seu último romance, “Pilatos”, considerado por muitos um livro agressivo, Cony o definiu como “[...] o livro do homem que lava suas mãos” (SANDRONI, 2003, p.116).

[...] escrevi Pilatos, que considero meu melhor livro – e anunciei que abandonava a ficção. Pilatos é um romance com princípio, meio e fim, não tem nenhuma agressão ao tempo, mas a história é completamente louca, inviável. Meu limite estava ali. Era o romance que eu queria fazer. Consegui, então, fazer esse livro, que me agradou bastante. Mas não agradou ao editor. (SANDRONI, 2003, p.117)

Alguns anos depois, Cony escreveu um de seus mais importantes romances, “Quase memória”. O livro foi inspirado em suas histórias com seu pai Ernesto. “Em Quase memória, ao contrário do que sugere o título, Ernesto surge por inteiro, na sua vida aventureira e venturosa”. (BUENO, 2008, p. 42)

No romance, Cony lança um olhar aprofundado sobre a realidade brasileira da década de 40 até os anos 90 do século XX. Fala sobre o tempo, as semelhanças entre personagens e pessoas, utilizando esse contexto como enredo da obra. O livro foi inspirado e dedicado a seu pai. Quando utiliza o “quase” no título da obra, quer deixar clara a interação entre realidade e ficção (BUENO, 2008). O caráter autobiográfico da narrativa fica claro pelo uso da primeira pessoa e do pronome possessivo “meu”, com o narrador assumindo o mesmo nome do autor. (BUENO, 2008) Cony consegue identificar em si próprio muito da herança deixada por seu pai.

Se ele viveu e morreu de truques, de certa forma legou-me alguns deles. Foi sua herança, a melhor porque, entre outras coisas, única. Um desses truques foi me autodefender de memórias devastadoras. No caso dele, não apenas se defendia mas transformava a memória em aliada, fazia dela não apenas sua testemunha mas a sua cúmplice.

Como em qualquer herança, sempre se perde alguma coisa pelo caminho. Eu perdi essa capacidade de alterar o sentido, o eixo da memória. Sei destinar para o compartilhamento aquilo que me incomoda, mas falta-me a química para decantar o resultado. O máximo que consigo é segregá-la. (CONY, 1999, p. 203)

Nesse livro, Cony utiliza como referência o olhar jornalístico de seu pai para analisar como o jornalismo funcionava na primeira metade do século XX. O texto flui através de uma visão romântica, pois Ernesto Cony era um homem que claramente acreditava e tinha fé no jornalismo e no futuro dessa instituição.

Em seus romances, Cony usa de uma linguagem simples e consegue fazer uma mistura entre os acontecimentos importantes da época e suas memórias, sem deixar de lado o lirismo e a ironia, característicos de suas obras.

Na literatura de Carlos Heitor Cony a questão da memória é um assunto de grande relevância – não é gratuito o fato de o autor possuir dois romances com essa palavra logo no título: *Matéria de memória* (1962) e *Quase memória* (1995). Cony procura utilizar-se muito das próprias experiências para compor

um romance, em alguns essa “veia biográfica” é mais evidente – como em *Informação ao crucificado* e *Quase memória* -, em outros um pouco mais obscura, mas sempre acaba, de alguma forma, se fazendo presente em sua obra. (ADORNO, 2006, p. 76)

Em 2000, Cony se candidatou e ganhou sua cadeira na Academia Brasileira de Letras. Anos depois passou a escrever para a versão *online* do *Jornal Folha de S. Paulo*. Carlos Heitor Cony faleceu em 2018 aos 92 anos. O autor escreveu 14 romances, além de outros livros não-romances e incontáveis crônicas.

### 3.1 As crônicas de Cony

As crônicas de Cony, que muitas vezes se declarou seguidor de Machado de Assis, a quem cita em muitos de seus textos, possuem tudo aquilo que se espera de uma crônica, levando em consideração a importância do gênero no Brasil. (SILVA JR, 2012) Seus textos possuem a ironia, a concisão e despreensão temática. O autor fala do cotidiano, muitas vezes de temas banais e, principalmente, da sua família. “[...] em vez de ir sempre à rua, como todos os escribas do cotidiano, ele fica em sua casa, nesse pequeno universo doméstico onde acontecem os dramas e as alegrias do mundo inteiro” (SÁ,1985, p.58). Mas é aí que vive a beleza de suas crônicas, famosas, também, por seu lirismo.

Ao longo de toda sua obra, não só nos romances e novelas, mas também na crônica curta, gênero em que é mestre, há um Proust em busca de seu tempo perdido, escondido ou revelado, muitas vezes na forma de enigma ou de contradição, recorrente e insistente, obcecado como um personagem de Nelson Rodrigues.(BUENO, 2008, p. 42)

Carlos Heitor Cony conseguiu transformar fatos de sua vida pessoal em algumas de suas mais importantes e bonitas crônicas. Ele tem o dom de transformar sua família, amigos próximos, todos a quem amava, em personagens inesquecíveis. A memória, nem sempre vem explícita em seus textos, mas sempre é possível encontrar um pouco de Cony.

Em suas crônicas, o autor misturava o passado e o presente e em muitos desses textos é possível perceber uma tentativa de se reconciliar com esse passado e com a figura enigmática de seu pai. “Os textos falam da tentativa de superação do conflito de gerações. O tom oscila entre o humor e o lirismo. O pai-narrador é cúmplice de travessuras, mas também se vê obrigado a justificar suas ações e a reconhecer as fragilidades que disfarça na frente das garotas.” (SÁ,1985, p.23)

Cony, assim como seu pai, sempre manifestou interesse pela defesa de causas perdidas, e isso se manifesta com frequência em suas crônicas, onde não resiste ao impulso de opinar sobre questões polêmicas, sempre mantendo sua independência em relação a grupos e a linhas de pensamento. Seu primeiro livro de crônicas, escrito em 1963, intitulou-se *Da Arte de Falar Mal*, título que reproduziu em sua coluna na revista República, deixando claro seu direito de falar bem ou mal de quem quer que seja, sem almejar seguidores. (BUENO, 2008, p.3)

Em uma de suas mais famosas crônicas, Cony eterniza sua amada cachorra, Mila, que havia acabado de falecer. Sua figura era tão importante para ele, que foi enquanto ela estava doente que escreveu seu mais famoso romance, *Quase Memória*.

Era pouco maior do que minha mão: por isso eu precisei das duas para segurá-la, 13 anos atrás. E, como eu não tinha muito jeito, encostei-a ao peito para que ela não caísse, simples apoio nessa primeira vez. Gostei desse calor e acredito que ela também. Dias depois, quando abriu os olhinhos, olhou-me fundamente: escolheu-me para dono. Pior: me aceitou. Foram 13 anos de chamego e encanto. Dormimos muitas noites juntos, a patinha dela em cima do meu ombro. Tinha medo de vento. O que fazer contra o vento? (CONY, *Mila*, 1995)

Em outros momentos o autor usa fatos que realmente aconteceram e cria novos personagens a partir dessas histórias. “Ao inventar um personagem, o cronista confere a marca da ficção a fatos e pessoas reais, sem esquecer que esse ato de fingir é um meio de buscar as faces da realidade.” (SÁ, 1985, p.59) Sá completa citando como exemplo algumas das crônicas em que Cony usa desta artimanha, como a “Farsa e a farsante”, em que uma menina finge para o pai que está doente para não precisar ir para escola fazer uma prova para a qual não havia estudado. “Se essas meninas e esse pai são realmente Regina Celi, Maria Verônica e Carlos Heitor Cony já não importa. O importante é que o texto, a essa altura, já conquistou sua vida própria, sua autonomia literária e já nos fala dos sentimentos de todos nós.” (SÁ, 1985, p.60).

É possível, também, perceber em alguns de seus textos, trechos de sua infância e adolescência, como na crônica o “Harém das Bananeiras” que, após discorrer sobre Prestes e sua virgindade longínqua, lembra uma passagem de sua própria vida:

Eu era muito garoto para me dedicar àquele passatempo. Mas tinha um primo, Jerônimo, que era o recordista de uma região que incluía as bananeiras da rua Barão de Bom Retiro, da Dona Romana, da Cabuçu e da própria Lins de Vasconcelos, que era a *mainstreet* local. (CONY, 1999, p.26)

Já em suas crônicas escritas entre 2004 e 2010, para a internet, Cony demonstra uma visão mais cética e realista, um pouco menos lírico. Em muitas dessas crônicas fala sobre o jornalismo e como a profissão funciona.

[...] O que não se compreende é esta cobrança antecipada, na base do sangue que deve ser lavado com sangue. Neste particular, a mídia é cúmplice na sede de sangue por sangue, no pressuposto de agir em bem da sociedade, quando, muitas vezes, se trata apenas da concorrência entre veículos e profissionais do mesmo ofício.

Certo, é um direito da sociedade saber de tudo. Mas é problemática a apreensão universal desse “tudo”, de todos os atos lícitos ou ilícitos que acontecem no seio de uma sociedade. E tem mais: nem sempre os profissionais da mídia são tecnicamente indicados ou aparelhados para matar a sede de sangue que pretende lavar outros sangues. (CONY, *Sede de sangue*, 2004)

O autor mostra-se preocupado com o futuro da profissão, pois, com o surgimento da internet e a falta de leis, a informação tornou-se algo efêmero, qualquer pessoa pode escrever uma notícia e publicá-la.

O gigantismo da internet tem, porém, pés de barro. Se ganha no alcance, perde no poder de concentração e análise. Qualquer pessoa, medianamente informada ou sem informação alguma, pode manter uma fonte de notícias ou comentários com responsabilidade zero, credibilidade zero, coerência zero. O mercado da informação, que formaria o poder no mundo moderno, em breve estará tão poluído que dificilmente saberemos o que ainda não sabemos: o que é mentira e o que é verdade. (CONY, *Mentira e Verdade*, 2006)

Carlos Heitor Cony é um dos mais importantes autores de sua geração, suas crônicas formam uma narrativa, que possibilita estudar uma determinada época ou um determinado acontecimento. O jornalista, com sua forma simples de falar, coloca em pauta a importância da crônica, pois esta leva em si uma parte do autor, sem precisar se preocupar com a objetividade.

Temos a crônica esportiva, a social, a policial, a política, a econômica. Elas se diferenciam do "artigo" porque é basicamente centrada num eixo permanente: o "eu" do autor. Daí que o gênero é romântico por definição e necessidade. O artigo procura a objetividade, a clareza, o raciocínio, o desdobramento de premissas e uma conclusão. Baseia-se na fonte de informação cultural ou factual, expressa-se numa linguagem apropriada para ser uma coisa e outra, ou seja, objetiva e informativa. Já a crônica, gravitando em torno dos mesmos segmentos (política, esporte, economia, polícia, sociedade etc.) tem menos ou nenhum compromisso com a objetividade ou a informação. (CONY, *online*, 1998).

Ao participar do cenário jornalístico por mais de quatro décadas, Cony, sem dúvida, imprimiu sua marca, estabeleceu parâmetros e criou teorias que passaram a delinear as características do jornalismo brasileiro.

## **4. Análise das crônicas de Cony entre 2004 e 2011**

Devido a sua importância e sua visão crítica, Carlos Heitor Cony foi o escritor escolhido para esta pesquisa. Suas crônicas, sobre diferentes temas, marcaram a história do jornalismo brasileiro.

Como objeto de análise desta pesquisa foram escolhidas crônicas do jornal Folha de São Paulo e Gazeta de Curitiba, escritas pelo jornalista Carlos Heitor Cony, entre os anos de 2004 – 2011, período no qual o cronista publicou seus textos nesses jornais, em suas versões *online*. Foi feita uma seleção entre mais de 300 textos, escritos e publicados durante esse período, dentre os quais foram escolhidas 49 crônicas que tratam da profissão de jornalista, ou expõem a visão do autor sobre o tema. Destes textos foram utilizados 31, pois estes tocam, de maneira mais central, na visão particular do autor sobre o tema escolhido: o jornalismo.

Em vista do exposto, as crônicas de Cony serão estudadas através da Análise de Discurso para melhor compreensão da fala do autor e sua visão sobre o tema.

### **4.1 A mídia e o poder**

Popularmente, a mídia ostenta o título de quarto poder, isso porque, desde seu nascimento, ela se tornou um instrumento de influência de massa, seguindo os poderes Executivo, Judiciário e Legislativo. Com o correr do tempo a mídia se tornou uma ferramenta de poder que passou a fiscalizar os outros três poderes.

Enquanto vista como poder, embora paralelo, a mídia se destaca como instrumento fundamental para a criação e disseminação de ideologias, pois atua na construção do imaginário coletivo a respeito da realidade, sendo essencial para aqueles que almejam chegar ao poder. Como instrumento de comunicação, trabalha para construir conformidades entre as diferentes partes e lados e legitimar aquilo que foi dito ou feito. Agindo como um poder independente dos outros poderes, tem a capacidade de manipular e controlar os outros setores, como econômico, político ou mesmo pessoal, de acordo com aquilo que lhes é de maior interesse.

De forma mais abrangente, a mídia já faz parte da vida das pessoas, inclusive no âmbito cultural, dizendo o que se deve ou não fazer e em que momento as coisas devem acontecer, assim, influenciando todos os hábitos das pessoas, sua forma de consumo, como devem viver, criando uma verdadeira cultura midiática.

Entretanto, Carlos Heitor Cony, em seus textos, contesta a teoria sobre o grande poder da mídia e como é considerada por muitos como o “quarto poder”.

Antes, no melhor das festas, se alguém duvidasse, a imprensa já era tida como quarto poder, uma instituição que exercia um poder paralelo. Na verdade, não é um poder, mas uma força. Com as novas técnicas de comunicação e com a sacralidade das fontes, ela se transformou no escoadouro dos descontentamentos (lícitos ou não), dos ressentimentos (pessoais ou grupais), das pressões e compressões de uma sociedade heterogênea que inclui desde índios e menores inimputáveis até políticos e empresários que podem roubar. (CONY, *Eu, pecador, me confesso*, 2009)

O cronista leva o leitor a recuperar historicamente o conceito de “quarto poder”, se desejar compreender como a mídia se estabeleceu ao longo dos tempos. Lembrando que a compreensão está diretamente atrelada aos processos históricos, o que não significa dizer que seja obrigatória a concordância com aquilo que a História afirma enquanto ciência, como o próprio cronista declara “[...] tese contra a qual sempre me manifestei.”(CONY, *Eu, pecador, me confesso*, 2009)

Para Fonseca, a mídia deveria participar da esfera pública como uma “prestadora de serviços” e seu principal papel seria de informar e levar às pessoas as informações sobre os acontecimentos sobre os quais a população não conseguiria ter acesso, assim como fiscalizar o Estado. (FONSECA, 2011)

Fonseca, ainda defende que a mídia é uma importante forma de poder, que possui um papel significativo na sociedade e que pode influenciar todos os seus aspectos, inclusive intermediando as relações entre diferentes grupos. A mídia manipula usando o disfarce do “dever de informar”. Mas, é importante ressaltar como a mídia tem, como uma de suas funções, o dever de fiscalizar o governo, mas isso muitas vezes esbarra nos interesses específicos, pelo fato de a maioria dos veículos de imprensa serem órgãos de grupos privados. (FONSECA, 2011)

Segundo Castells, a “política informacional” compõe o quadro de que as sociedades contemporâneas são fundamentalmente midiáticas, isto é, suas relações sociais e de poder são intermediadas pelas diversas modalidades da mídia. O jogo político (partidário e parlamentar) teria de se adequar às regras definidas pela mídia, em que o espetáculo e o entretenimento se fundem com as notícias. Assim, o espaço “público” seria, em larga medida, agendado pelo

sistema midiático, que daria os contornos do que seria ou não legítimo, e do que deveria ou não ser prioritário. Mesmo que a vida política seja mais complexa e conflituosa do que a mídia retrata – o que explica, aliás, as mudanças na sociedade –, o fato é que o sistema midiático enquadra, emoldura em boa medida os próprios conflitos (FONTANA, 2011, p.44)

Mas, essa não foi a primeira vez que Cony rejeitou essa ideia. Em 2006 ele deixa claro que é contra esse conceito. “Quem detinha a informação era poderoso – daí que a mídia foi elevada a quarto poder, tese contra a qual sempre me manifestei, achando que a mídia é uma força, mas não o poder.” (CONY, *Ressentimento e Covardia*, 2006), em outro momento ele demonstra a força política que a mídia exerce no país.

Não dá mesmo para entender a política que aqui se pratica. São três os elementos que a compõem: o governo, a oposição e a mídia, esta última fazendo de conta que é opinião pública.

Toda vez que se abre uma crise, mesmo de menor proporção do que a atual, os três grupos funcionam sempre da mesma maneira: o governo nega a existência da crise, a oposição exige a saída de dois ou três ministros e a mídia entra no brinquedo. Esbofando-se para derrubar alguns nomes e promover outros. (CONY, *Água com açúcar*, 2005)

Partindo deste pressuposto, a mídia teria o poder de transformar e criar diferentes realidades, cabendo a ela decidir o que deve ser noticiado ou não, e muitas vezes definindo a abordagem a ser feita sobre um determinado assunto a fim de modelar a opinião pública. E nesse ponto, Carlos Heitor Cony aponta o problema que isso causa, como a mídia se tornou uma das forças mais importantes, e ninguém consegue pará-la.

Mas quem acusa a imprensa? Quem se atreve a mostrar e demonstrar que o gigante também tem, como todos os gigantes, os seus pés de barro? Há desconforto de todas as classes, juízes, militares, empresários e policiais em relação aos jornalistas. Eles se transformaram em detetives, em esmiuçadores de contas de luz e telefone, de depósitos bancários, declarações de Imposto de Renda, despesas nos postos de gasolina e nas agências dos Correios. (CONY, *Eu, pecador, me confesso*, 2009)

## 4.2 Mídia e o politicamente correto

Cony se mostra preocupado com os rumos que a mídia vem tomando, e com as mudanças que vêm ocorrendo no jornalismo, que na maioria das vezes, em sua visão, não estão melhorando este cenário.

Em suas crônicas é possível perceber o descontentamento com tais mudanças, desde pequenos detalhes até as grandes transformações, como os novos tipos de

plataformas que surgiram nos últimos anos, como os jornalistas passaram a escrever e, também, com o “politicamente correto”. “[...] Naquele tempo não havia o péssimo hábito do “politicamente correto”. Um cronista podia dizer com sinceridade o que pensava e como via a realidade de cada dia.” (CONY, *Morram os vivos*, 2011). O jornalista se mostra especialmente frustrado com essa nova tendência.

Para entender o fenômeno do “politicamente correto” no jornalismo é importante identificar onde surgiu esse discurso. Tanto no passado como no presente, a imprensa sempre se configurou como o meio pelo qual muitas informações podem ser obtidas sobre um contexto e acontecimentos sociais. O discurso da mídia, cada vez mais, assume um papel importante no processo de construção das identidades sociais, “[...] a análise dos textos da mídia deve focalizar como o mundo e os eventos são representados, que identidades são construídas para as pessoas envolvidas e que relações são estabelecidas”.(GREGOLIN,1995, p.13).

Para Hall (2011), existe uma relação muito importante entre a história e a formação da identidade. “Assim a narrativa traduz os eventos numa sequência temporal “começo-meio-fim [...] diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo” (HALL, p.70, 2011). O autor também mostra como é possível relacionar a produção de identidade com a formação do discurso ideológico, “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos.” (HALL, 2011, p.71) E, completa dizendo que a identidade cultural é criada através da política.

Segundo Santinello (2011), a identidade do sujeito é construída a partir da necessidade de sobrevivência, assim como as variabilidades das relações sociais, e os contextos de espaço e tempo em que o indivíduo está inserido, “[...] como uma maneira de cada indivíduo se tornar algo em uma composição de grupo, etnia, gênero, profissão, em que o igual e o diferente convivem.” (SANTINELLO, 2011, p 155)

Os discursos mostram o que pode ou não ser dito, a partir de uma “ordem de discurso”. “É assim que o poder se atrela também a mecanismos de controle e regulamentação sobre a própria produção dos discursos” (CABRAL, 2015, p.40)

Entre essas formas de controle, destacamos aquelas relativas à exclusão, que dizem respeito às restrições impostas às palavras, com sua rasura ou circunscrição. Nesse âmbito, insere-se a “palavra proibida” – ou seja as palavras que não se devem ser enunciadas -, que abarca, em relação ao nosso foco de atenção, o “tabu do objeto” (assunto sobre o qual não se fala) e o “ritual da circunstância” (condições sobre as quais não se usam certas palavras (FOCAULT, 2008). Não obstante, não devemos esquecer o conceito que, dentro os sistemas de exclusão, Foucault enfatiza como a “vontade verdade”.

Determina uma compreensão do mundo e da vida, ela orienta as demais formas de exclusão, inclusive a das palavras. (CABRAL, 2015, p.41)

O “politicamente correto” está diretamente ligado a uma formação discursiva sobre direitos humanos. Sendo assim, os enunciados em nome do “politicamente correto” produzem efeito porque são vistos como uma prática discursiva que produz verdades, estando este conceito relacionado às práticas sociais, culturais e políticas, presentes na realidade social. (CABRAL, 2015)

Nesse sentido, para melhor compreender o discurso do “politicamente correto” é importante entender o que é um discurso.

Os teóricos da Análise do Discurso descartam a neutralidade no exercício da linguagem, tendo em vista o uso da palavra ser fator social, historicamente marcado. A Análise do Discurso, portanto, ocupa-se da produção de sentido em um texto, mas não como manifestação da superfície linguística, ela trata da relação íntima do homem com seu meio, que gera o discurso ideologicamente constituído, “[...] o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio- histórico que o produziu.” (GREGOLIN, 1995, p.13) Nesse sentido, a Análise de Discurso busca “[...] explicar o sistema de regras que preside a constituição dos sentidos, bem como a ordem de necessidade a que o texto responde” (FIORIN, 1995, p.175). Complementando essa ideia, PAULON (2014, p.29) destaca que: “O sentido das palavras se dá no interior da formação discursiva, no espaço em que elas são produzidas, o que confirma o caráter material do sentido e do discurso”.

Para CABRAL (2015) todas as sociedades possuem mecanismos de discurso, e esses mecanismos têm o poder de dominar os conhecimentos aleatórios e com isso surge, entre outros, o efeito da exclusão. É possível caracterizar umas das formas da exclusão como a exclusão através da palavra, é daí que vem a “palavra proibida”.

No âmbito do jornalismo, é importante pensar que nenhuma mídia é totalmente neutra, ela sempre segue um viés político, independente de qual seja. E, por isso, a mídia é capaz de criar diferentes realidades através de um mesmo fato, escolhendo o que vai ser transmitido ou não, dependendo do discurso político que possuem. “[...] a linguagem [...] é o que motiva e orienta as ações – as quais, no caso da política, estão relacionadas à relação de influência social.” (CABRAL, 2015, p.47)

Segundo Charaudeau, discurso político é aquele que “está intrinsecamente ligado à organização da vida social como governo e como discussão, para o

melhor e para o pior” (CHARAUDEAU, 2011, p.42). Entendemos que é exatamente isso que faz o discurso politicamente correto: ao procurar interferir em dinâmicas de vida pública, trazendo à luz propostas que tentam influenciar o outro, ele pretende aliciar os sujeitos em seu favor, solicitando, deles, uma tomada de decisão. (CABRAL, 2015, p.46/47)

É difícil conseguir categorizar o discurso do “politicamente correto”, levando em consideração o quanto isso pode ser subjetivo para cada sociedade, ou para cada período histórico, levando em consideração identidades construídas em cada momento. E, dentro do jornalismo, isso não é diferente.

Cony aborda essa questão em sua crônica *Canivete Suíço*:

De modo bem abrangente, a categoria “corretamente político” pode ser entendida como referência a uma manifestação de cultura, surgida em um momento de emergência na cena pública de identidades historicamente reprimidas, que se volta à produção discursiva por meio de diferentes formas de representação (dentre as quais a linguagem verbal) como “corretas” ou “incorretas”, prescrevendo o uso das primeiras e condenando o uso das segundas, com objetivo de combater preconceitos e discriminações, acreditando assim produzir mudanças sociais.

De uns tempos para cá, a mídia decidiu adotar o politicamente correto e, além disso, evitar problemas na Justiça. Jornais, revistas, rádio e tevês não classificam ninguém de traficante, ladrão, estuprador ou assassino. Na obrigação de informar crimes, sequestros, tiroteios e assaltos sexuais, o máximo a que chegam é à suposição. (CONY, *Canivete suíço*, 2009)

E exemplifica: “A polícia invade um morro e mata tantos supostos traficantes, que supostamente escondiam um arsenal supostamente de última geração.” (CONY, *Canivete suíço*, 2009)

### 4.3 As mudanças que a internet trouxe para o Jornalismo

Cony, em alguns de seus textos, questiona os caminhos que o jornalismo contemporâneo vem tomando, faz comparações com o passado e importantes previsões para o futuro.

Apesar de ter seus textos publicados na internet, o cronista faz fortes críticas a essa plataforma. Em sua crônica *Mentira e Verdade*, escrita em 2006 para o jornal Folha de São Paulo, Cony usa a expressão “Com a chegada da internet”, como a instauração de um novo tempo que desencadeia novas expectativas. Nas palavras de Cony:

Com a chegada da internet, suas imensas e inesperadas oportunidades, o monopólio da informação pulverizou-se. Os jornais, creio eu, foram os primeiros a sentir o golpe, os livros logo em seguida, havendo até a previsão

de que ele acabará na medida em que se limitar ao seu atual desenho gráfico, que vem de Gutenberg.(CONY, *Mentira e Verdade*, 2006)

A internet surgiu durante a Guerra Fria, época em que ocorreram conflitos entre os Estados Unidos e a União Soviética. Como um projeto militar, no início a intenção era conectar os grandes centros universitários com o Pentágono e, assim, melhorar as pesquisas e proteger os dados militares. “Os militares americanos temiam ataques das forças inimigas. A solução encontrada foi à criação de uma rede eletrônica de dados, onde, para maior confiabilidade, os dados deveriam ser armazenados em diversos computadores, de lugares diferentes.” (VICENTINE, 2005, p.31) Assim garantindo que os dados estariam a salvo de qualquer ataque.

Com o passar do tempo, a internet foi se modificando e as limitações que existiam antes foram superadas. A partir da década de 1980, passou a ser usada de modo comercial, o que fez com que ela se expandisse, conectando o usuário comum com a rede mundial de computadores.

Apesar de não parecer com o que existe hoje em dia, pois tinha uma interface muito mais simples, nos anos 80 a internet já contava com pelo menos 100 sites e o número de computadores conectados era cada vez maior. Também nos anos 80 foi criado o www (World Wide Web), e a partir daí surgiram ferramentas importantes e usadas até hoje na internet. “A partir daí, o crescimento foi rápido e não parou desde então. Em 1996, já existiam 56 milhões de usuários no mundo, enviando cerca de 95 bilhões de mensagens eletrônicas somente nos Estados Unidos”. (CARVALHO, 2006, p.41)

Mas a real popularização aconteceu no século XXI, mais precisamente a partir de 2010, quando um maior número de pessoas passou a ter acesso, graças à diminuição no custo e o acesso gratuito em alguns lugares públicos. (CORRÊA, 2013, p.21). Toda essa ampliação da rede, historicamente falando, possibilitou um maior e mais rápido acesso à informação. A internet passou a fazer parte da vida em sociedade, saiu da universidade e ganhou espaço em todas as esferas sociais, levando informação e entretenimento para todas as partes do mundo, sendo um importante veículo de comunicação.

Acontece, contudo, que a comunicação é mais do que isso: trata-se de um processo social dinâmico e ativo que, via a máquina, no entanto pode criar uma forma superior de interação entre os seres humanos. Para os autores, é “a interação que se deve o surgimento de novas ideias e o agenciamento do aspecto propriamente criativo e relevante da comunicação. A transferência e a recepção de mensagens têm sua função nessa última, mas não são o essencial ou o mais importante. O fundamental será, antes, converter os computadores em meios de comunicação inter-humana, ligá-los em rede visando favorecer

uma simbiose entre homem e máquina, para, com isso, desenvolver aquele aspecto e, assim, permitir a transformação da referida premissa teórica numa realidade cotidiana em escalas mundial. (RUDIGER, 2016, pp. 109 -110)

Antes mesmo do surgimento da internet, alguns teóricos já pensavam sobre como esse momento seria, Marshall McLuhan (1980) viveu apenas a ideia desses projetos e em suas teorias assimilou várias noções sobre o que tais projetos representariam para o futuro e como poderiam mudar as formas de pensar a comunicação no futuro (RUDIGER 2016). Para ele, se estava finalmente chegando na última parte da extensão humana “[...] a da simulação tecnológica da consciência, pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e carnalmente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nosso sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos” (MCLUHAN, 1969, p.17). McLuhan, apesar de não ter acompanhado as grandes mudanças que a tecnologia trouxe, conseguiu, através de seus estudos, compreender as mudanças que isso traria para o futuro da comunicação e como isso iria alterar a vida em comunidade e foi um dos primeiros a conseguir entender as mudanças que as redes trariam.

Anos mais tarde, Castells salienta que a internet e as mídias digitais interativas não podem ser consideradas como meios de comunicação tradicionais “[...] ensejam processos de atuação e interação que suprimem as fronteiras que havia entre os *mass medias* e as demais formas de comunicação.” (CASTELLS, *apud*, RUDIGER, 2016, p.130). Rudiger (2016) vai além ao falar que os processos de comunicação estão se horizontalizando e que todos são protagonistas dessa nova forma de comunicação ao poder se inserir em qualquer tipo de situação, de redes sociais a mercados de negócio.

A sociedade em rede não apenas está se fazendo cada vez mais inclusiva, mas, via os recursos que desenvolve e coloca à disposição, está estimulando a iniciativa e a ação comunicativa dos seus sujeitos fazendo emergir uma audiência criativa que, quando ela não mesmo cria, se apropria das mensagens nela em circulação. (RUDIGER, 2016, p.130)

Nos anos 1990, segundo Rudiger (2016), o filósofo francês Pierre Levy, mostrou como a internet poderia criar um espaço de comunicação inovador, dinâmico e universal, assinalando que “A internet se desenvolve como parte de um processo não planejado, mas bastante orgânico, cuja substância é social, o meio é técnico e o sentido é o progresso civilizatório.” (RUDIGER, 2016, p.160). O autor também deixa bem claro que se chegou

a um ponto em que não é mais aceitar ou não, e sim aprender a viver e se adaptar a essas mudanças.

Carlos Heitor Cony, em seus textos, faz também uma previsão sobre como a internet irá afetar a vida em sociedade e a forma de se fazer e divulgar as notícias.

Em 2007 e 2008, Cony retoma ao tema nas crônicas “Os desafios da comunicação” e “Algodão de Melbourne”. Nos dois textos retoma o problema do excesso de informação que as pessoas recebem por causa internet. “Oferta maior do que a procura, somos bombardeados por trilhões de caracteres e imagens que nos dão a cotação da juta no mercado de Melbourne, o tempo em Papua-Nova Guiné e a crise conjugal do presidente da França.” (CONY, *Algodão de Melbourne*, 2008).

O excesso de informação é um tema tratado por diversos autores, pois, principalmente, com o crescimento da internet as pessoas passaram a ter muito mais acesso às notícias do que antes. Hoje é possível saber sobre acontecimentos de qualquer lugar do mundo em uma fração de segundos, sendo eles relevantes ou não. “Hoje, quando abre o computador, recebe informações mais fartas e variadas, não apenas do algodão em Melbourne, mas das homenagens que um vereador de Nilópolis fez por merecer de seus pares por motivo do nascimento de sua primeira neta”. (CONY, *Algodão de Melbourne*, 2008)

O século XXI tornou-se o século da informação, somos a “sociedade da informação”, na qual a informação é intensamente utilizada em todas as áreas da sociedade, seja ela cultural, econômica ou social. (PIMENTA, 2014) “A informação, por atingir as mais diversas áreas de conhecimento, está, cada vez mais, presente na vida cotidiana, mesmo quando isso não é percebido pelas pessoas.” (PIMENTA, 2014, p.71).

Com a globalização aconteceu uma grande mudança na forma como a informação é pensada, passada e repensada, essas transformações estão diretamente ligadas ao fim das duas guerras mundiais, industrialização e pelo avanço da tecnologia. (SANTOS NETO, 2013)

O termo “sociedade da informação” foi originado na década de 1970, a partir de discussões sobre a sociedade pós industrial e quais seriam as suas características marcantes (TAKAHASHI, 2002, p. 2).

As pessoas perceberam e reconheceram que a informação é importante não somente para sustentar estratégias políticas e econômicas, bem como para o bem social, cultural e educacional, esse cenário fez com que elas buscassem mais informação. Oliveira e Bazi (2008, p. 177) concluem que “a sociedade da informação foi criada neste cenário essencialmente pós-moderno, informático, onde o indivíduo percebe uma certa angústia diante do impacto gerado pela

velocidade com que a tecnologia tem evoluído e disponibilizado a informação”. (SANTOS NETO, 2013, p.188)

A sociedade da informação chegou ao um ponto em que, está informado ou não, não é mais uma opção, estar informado é uma necessidade. “Na sociedade em que vivemos estar informado não é nem uma qualidade ou um diferencial, é simplesmente um pré-requisito, uma obrigatoriedade.” (SANTOS NETO,2013, p.188) O acesso à internet mudou a relação da população com a comunicação, fazendo assim, com que mais pessoas tenham a possibilidade de compartilhar e acessar informações.

Afastando-se um pouco do campo tecnológico e científico, e adentrando no espaço da internet, geração digital e das redes sociais, o que vemos o tempo todo é comunicação ocorrendo. São pessoas trocando mensagens, fotos, vídeos, músicas, notícias, posições políticas, reflexões espirituais, empresas fazendo anúncios de seus produtos e serviços, sites de compras coletivas anunciando suas ofertas, e todos os demais ramos que trabalham com o comércio eletrônico com um mesmo objetivo em comum, comunicar, além é claro de lucrar. (SANTOS NETO,2013, p.189)

A informação tornou-se uma importante mercadoria, em mundo globalizado, ela passou a ter um valor. “Certo é que a informação passou a ter um valor e um preço, a ser considerada um bem desejável, funcionando como alavanca funcional para o indivíduo e como condição fundamental para o desenvolvimento da sociedade.” (PIMENTA, 2014, p. 75)

Cony aproveita o assunto para fazer uma forte crítica, mostrando que mesmo com tantas informações as pessoas perderam a capacidade de se comunicar “Vítimas e cúmplices desse excesso de informação, frequentemente entramos em fossa quando temos necessidade de nos comunicar com o vizinho, o síndico do prédio, a Receita Federal, a mulher que amamos e os desafetos que detestamos.” (CONY,*Os desafios da comunicação*, 2007) Sabe-se que as mudanças que aconteceram ao longo dos tempos, em diversos aspectos e em diferentes segmentos culturais, mudaram drasticamente a rotina do homem e foram capazes de criar uma nova conduta social na qual a informação passou a ser patente necessária para o sucesso.

A informação já era moeda forte desde os primórdios da humanidade. Na Idade Média, se escondiam livros e documentos para que a população não tivesse acesso à informação e o conhecimento era restrito aos membros do clero, como uma forma de controlar a mente e as ações da população. Os detentores da informação sempre ocuparam lugares de destaque no seu grupo social.

E quando parece que Cony está, finalmente, concordando com os aspectos positivos da internet no que se refere à distribuição de informações, conforme se lê: “Em termos de amplitude, eles sempre ganharão de goleada da imprensa escrita e falada” e “O gigantismo da internet [...]”(CONY, *Mentira e verdade*, 2006), sua crônica segue introduzindo oposição a esta ideia:

O gigantismo da internet tem, porém, pés de barro<sup>2</sup>. Se ganha no alcance, perde no poder de concentração e análise. Qualquer pessoa, medianamente informada ou sem informação alguma, pode manter uma fonte de notícias ou comentários com responsabilidade zero, credibilidade zero, coerência zero. (CONY, *Mentira e verdade*, 2006)

Carlos Heitor Cony faz alusão ao fato de mesmo a internet tendo tanta força, sua força não é concreta, que por qualquer motivo é possível desacreditá-la. E a crítica segue numa perspectiva elitizada de domínio da informação, rebaixando os demais envolvidos na construção da notícia pela rede de computadores, como se vê na expressão “qualquer pessoa” que preferirá notícias irresponsáveis, sem credibilidade, incoerentes.

A crônica publicada em 2006, também, principia uma discussão que hoje se consolidou como fundamental no que se refere à propagação de notícias: as *fakesnews*, ou notícias falsas, conceito que tomou as redes sociais nos últimos tempos. O discurso de Cony aponta para essa nova realidade que, por sua vez, só se tornou possível pela competência de sujeitos motivados socialmente para isso, ou seja, esses sujeitos fabricam suas notícias porque, como seres ideologicamente constituídos, defendem suas posições, além de terem competência para tal ação, afinal...

[...] por trás de cada mentira deliberada deve haver sempre um feito intelectual brilhante. Sim, pois esconder a verdade – e, em seu lugar, inventar uma história sólida e irrefutável – não apenas demanda muita criatividade como pressupõe a capacidade de se pôr mentalmente na pele dos outros: somente quando consegue completar a própria representação a partir ponto de vista do ludibriado é que o mentiroso pode, à maneira de um diretor teatral, ajustar sua atenção para que ela seja convincente. (KRAFT, 2004, p.25)

---

<sup>2</sup>A expressão “pés de barro”, usada pelo autor por duas vezes, em crônicas diferentes para falar sobre a internet, conota a fragilidade desta e fora intertextualmente recuperada da Bíblia. No velho testamento, mais precisamente no livro de Daniel (2:31 -33), o rei da Babilônia, Nabucodonosor, teve um sonho do qual ele não se lembrava e foi a ele revelado pelo profeta Daniel. Nele o rei vira uma estátua com a cabeça de ouro, peitos e braços de prata, ventre e glúteos de cobre, pernas de ferro, porém, pés de barro, o que fez com que, ao ser atingida por uma simples rocha, a estátua inteira desabasse. Vale lembrar que o escritor sempre foi religioso, e, inclusive, estudou em uma escola dominical durante a adolescência, pois tinha a intenção de tornar-se padre.

E mais, Delmazo e Valente (2018) consideram que as notícias falsas e os rumores não foram inventados na contemporaneidade, isto é, já se incorporaram à história do homem e estão apenas sendo parafraseados com maior intensidade devido aos veículos de que dispõem:

Apesar de as notícias fabricadas serem um fenômeno antigo, a disseminação das redes sociais online e a cultura de partilha abrem margem para que a desinformação atinja um novo patamar. Esse problema ganhou visibilidade pela capacidade de influenciar os sistemas políticos, especialmente processos eleitorais, e acentuar a polarização política. (DELMAZO e VALENTE, 2018, p.11)

Não esquecendo que a crônica “*Mentira e Verdade*” foi escrita no início da internet, a vivência do autor e as experiências que teve em outros momentos de sua vida fizeram com que ele conseguisse chegar a conclusões tão importantes, que poucos outros cogitavam nesse momento.

No ano de 2006, na crônica “*Ressentimento e covardia*”, Cony também comenta sobre o problema da falta de legislação para a internet, problema que existe até hoje. “[...] os usos da internet, que se ressentem ainda da falta de uma legislação específica que coíba não somente os usos mais os abusos deste importante e eficaz veículo de comunicação.” (CONY, *Ressentimento e covardia*, 2006), no texto ele faz uma forte crítica a falta de regras da internet e como em outros veículos, por razões as vezes menos importantes do que os ocorridos na internet, é possível ter problemas realmente sérios, como processos e demissões.

Para Cony, a internet é “terra sem lei” onde se pode tudo, onde, segundo ele, são cometidos diferentes tipos de abusos sem punição, enquanto que, em outros lugares, já existem leis para punirem esses comportamentos. Mas, para ele a raiz do problema está no fato da internet ainda “viver sua pré-história”. Apesar do autor já reclamar da falta de leis para a internet em 2006, o Marco Regulatório da Internet foi proposto apenas em 2011 e sancionado em 2014 pela então presidente Dilma Rousseff, “[...] tem por objetivo estabelecer "princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil" e também determinar "diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios" (BRASIL, 2014). A lei 12.965 de 23 de junho de 2014, tem como ponto central regulamentar a relação entre as empresas e os seus usuários no território brasileiro, mas mesmo com a existência dessa lei é necessário que ela se adeque às novas necessidades e transformações da sociedade e “avanços tecnológicos”.

A Constituição da internet brasileira foi criada a partir de três princípios básicos: a neutralidade, a privacidade e a fiscalização. A neutralidade parte do pressuposto de impedir as “ações abusivas” das empresas que prestam serviços. Uma empresa não pode limitar o acesso dos usuários em diferentes tipos de plataformas *online*. A privacidade é a garantia da inviolabilidade das comunicações dos usuários, esse direito pode ser revogado apenas com determinação da justiça. E a fiscalização, na qual a empresa precisa guardar o registro do usuário por no mínimo um ano.

#### 4.4 As transformações sofridas pelos jornais nas últimas décadas

Cony também notou outras mudanças que aconteceram no jornalismo durante sua vida, para além daquelas introduzidas pelo surgimento da internet. Ele trata, em suas crônicas, de outros importantes aspectos que foram se transformando no jornal durante sua carreira. Em seus textos é possível notar sua opinião sobre as transformações sofridas por diferentes categorias jornalísticas, como as mudanças nas crônicas, na forma de se fazer jornalismo ou, até mesmo, no tratamento das fontes.

Passei grande parte da minha vida coma obrigação de ler as folhas, gastando diariamente, em média, duas horas para tentar digerir os quatro ou cinco jornais que a profissão me obriga a tomar conhecimento.

Hoje, a média baixou a níveis ridículos. Continuo lendo cinco jornais por dia, mas gasto com eles, no máximo, meia hora, às vezes menos.

A explicação mais próxima seria o meu desinteresse pelo que está acontecendo. Vai lá. É um pouco disso. Mas antigamente havia também desinteresse pelos assuntos do dia, nem todos me emocionavam ou chamavam minha atenção. Mesmo assim os lia, para ficar por dentro e não ser atropelado pelos fatos que me rodeavam e sobre os quais seria obrigado a escrever. (CONY, *Chega de Redundâncias*, 2005)

##### 4.4.1 O visual dos jornais

Cony é um grande crítico do jornalismo brasileiro, e deixa bem claro seu descontentamento com o nível dos jornais atuais (2002-2008) e as mudanças que eles sofreram, não apenas no conteúdo, mas também no visual. “Se os textos são redundantes e vários deles confusos, o visual é pior. Todas as caras terminam se parecendo, todos os envolvidos usam barba, umas pelas outras se parecem [...]” (CONY, *Chega de Redundâncias*, 2005)

O autor volta ao passado na crônica *O bacalhau e os modelos* (2004), para tratar sobre o novo visual dos jornais. Se antigamente usava-se a imagem de um homem

carregando um bacalhau, hoje, os editores usam modelos que, mesmo sendo diferentes, é impossível diferenciá-los.

Nos bons tempos da imprensa amadora, o recurso mais usual para cobrir a falta de noticiário era apelar para um anúncio que sequer era pago. Um laboratório internacional ofertara a todas as redações o clichê de um homem levando nas costas um enorme bacalhau.

[...] Mesmo assim, volta e meia falta assunto aos jornais e nenhum editor (que substitui o antigo secretário de redação) se lembra do homem e de seu bacalhau. Abre a foto de qualquer modelo, de biquíni ou calcinha, de alto e baixo na página, e mais espaço houvera mais modelo haveria. (CONY, *O bacalhau e os modelos*, 2004)

E deixa bem claro a importância que a imagem tem para o jornalismo. “Feliz época que, em vez de um, produz dois logotipos. Vivemos um tempo em que as imagens valem mais do que as palavras e conceitos. A Guerra do Vietnã, com a sua crua obscenidade, ficou naquela foto da menina nua e queimada pelo napalm.” (CONY, *Fatos e fotos*, 2007)

Foi na França, no ano de 1890, que a fotografia passou a fazer parte do jornalismo. A partir daí, os jornais começaram a contratar profissionais para essa função. Mas, a fotografia ainda levou alguns anos para conseguir seu espaço nos jornais, os editores resistiram durante um bom tempo antes de começarem a usar estas imagens. Para eles, isso desvalorizava as informações, não passava a seriedade necessária. Foi em 1904 que a fotografia se tornou popular no jornalismo e os jornais começaram a enxergar isso como uma boa estratégia jornalística. (SOUZA, 2001). O avanço da tecnologia e o surgimento de diferentes tipos de câmeras, principalmente de fácil manuseio e com uma qualidade melhor, também colaboraram para o aumento da importância da fotografia para o jornalismo.

No Brasil, os primeiros periódicos, no final do século XIX, usavam das caricaturas para ilustrar os acontecimentos. “Eram imagens que refletiam e satirizavam aspectos da vida política e social do país, exercendo importante função social, em um período de grande liberdade de expressão.” (AZEVEDO, 2009, p. 85) A passagem do século, representou, no Brasil, uma importante mudança para o visual dos jornais, com a introdução da fotografia, do telégrafo e novas máquinas de impressão.

A fotografia, para o meio jornalístico, é uma fonte inesgotável de informações e até mesmo de sentimentos, serve como documento de importantes momentos. Cony deixa isso bem claro, como uma foto pode ser um registro importante de algum grande momento, mas como ela também pode apenas relatar alguma coisa passageira.

A primeira imagem é a da ex-gestante que acabou na capa de uma revista, na realidade apenas um começo, pois a moça ameaça aparecer cada vez mais. Guindada subitamente ao patamar das celebridades, enquanto milhões de candidatas penam para conseguir os 15 minutos de fama, ela confia em que veio para ficar – e é bom mesmo que fique. Fez por onde, embora a fórmula que datou não possa ser seguida por todas. É preciso ter mais coragem do que peito.

A outra imagem é mais complicada, mas igualmente reveladora do nosso tempo. Nelson Jobim, após anos de vida pública em que vestiu o terno formal de ministro e a toga de magistrado, desde que assumiu a pasta da Defesa ainda não se fixou num visual que o explique aos olhos da nação. Ainda não usou o macacão dos corredores da Fórmula 1 nem o uniforme do pessoal do Exército da Salvação, mas deverá chegar lá para mostrar a amplitude de suas novas escolhas. (CONY, *Fatos e fotos*, 2007)

Um fator importante para a mudança do visual do jornalismo foi o desenvolvimento da comunicação televisiva, pois, com o seu surgimento, foi necessário que o visual do jornal se adaptasse a um público que agora é muito mais visual. O mundo fragmentado da TV passou a habitar as páginas dos jornais. “A divisão dos jornais em seções, cadernos, encartes, suplementos dirigidos a públicos específicos, o aumento dos recursos editoriais/visuais e a capa construída como uma espécie de mosaico partem de uma lógica em que o jornal deveria ser um produto de consumo massivo”. (AZEVEDO, 2009, p. 95) Outro fator importante foi o surgimento da internet nos anos 1990, fazendo com que o jornalismo esteja constantemente precisando se adaptar.

Ainda tratando das questões visuais e como o texto jornalístico mudou nos últimos anos, Cony chega, até mesmo, a achar graça de algumas mudanças visuais, que para ele são desnecessárias. Na crônica *Risos e vaias* (2005), ele demonstra humor ao falar sobre o uso da rubrica.

Uma das curiosidades dos textos que leio, na mídia impressa, é a rubrica que se tornou generalizada, não sei se ensinada nas faculdades de comunicação, ou adotada pela necessidade de chamar a atenção para um detalhe considerado irônico ou engraçado.

O entrevistado ou declarante está divagando sobre um tema qualquer, com a seriedade que se espera de alguém que mereça ser entrevistado ou declarantes. Lá pelas tantas, diz ou lembra alguma coisa, algum episódio que ele próprio considera irônico ou engraçado, e ri.

Ao fazer o texto, o entrevistador coloca entre parêntesis “riso”. Ou “risos” no plural quando, além do entrevistado, o entrevistador também ri. [...] (CONY, *Risos e vaias*, 2005)

Em sua crônica, *A capivara* (2005), Cony também fala sobre como a imprensa, muitas vezes, força algum tipo de assunto, só para ter sobre o que falar.

Curioso como certa espécie de desocupado, esbofando-se para criar qualquer coisa que chame a atenção, promova causas, tente mobilizar as massas criando heróis que antes de se tornarem qualquer coisa de importante, tornam-se malas difíceis de carregar.

[...] Não sou exatamente um fanático de grandes assuntos. Curto uma pauta periférica, desde que haja alguma coisa a aprender ou a me distrair. (CONY, *A capivara*, 2005)

Cony crítica a banalidade de assuntos a que alguns jornais recorrem na falta de uma pauta mais importante e como, a partir daí, transformam coisas que não são importantes em grandes assuntos, muitas vezes desnecessários, que logo serão esquecidos.

A capivara nada nos ensinou. Distraiu – se é que distraiu mesmo-pessoas pedestres que se distraem com qualquer coisa, desde que justifique alguns segundos no noticiário. Felizmente, ninguém foi na onda da capivara, ela não emocionou ninguém, não por culpa dela, pois continuou sendo capivara. Talvez não merecesse o título de mala do ano, ela não tem culpa de ser capivara.

Viveu 15 minutos de projeção local, seus promotores cansaram e dela se esqueceram, ficando a esperar mariposas, escorpiões, urubus e cabritos que, sem culpa no cartório, podem ser descobertos e se candidatarem a malas do ano que se inicia. (CONY, *A capivara*, 2005)

Para Cony, a mídia é redundante e tenta se aproveitar de todos os aspectos para criar notícias ou espetáculos, sendo que alguns assuntos não mereceriam a proporção que tomaram.

Além da qualidade e do visual, também fez críticas bem pontuais sobre importantes aspectos do jornalismo, que mudaram com o passar do tempo.

#### 4.4.2 O sigilo das fontes

Segundo Souza (2001) todas as formas que possam passar informações para um jornalista pode ser considerado como uma fonte de informação, por isso, existem diferentes tipos de fontes: as humanas, documentais, eletrônicas, entre outras. “As fontes de informação são um capital imprescindível do jornalismo e dos jornalistas. Não existiria investigação jornalística sem fontes de informação. Mais: grande parte da informação jornalística não existiria sem fontes de informação.” (SOUZA, 2001, p. 63)

Contrariando a maioria, diria até a unanimidade dos colegas de ofício, sou contra este tipo de sigilo e, sobretudo, contra as fontes em causa. Tenho alguns anos de estrada, mais do que pretendia e merecia, e em minha vida profissional nunca levei em consideração qualquer tipo de informação que não fosse assumida pelo informante. (CONY, *Fontes murmurantes*, 2005)

Souza (2001) continua explicando as funções das fontes e o porquê de serem escolhidas ou não. O autor fala sobre o fato de que uma fonte humana, por exemplo, deve ser escolhida de acordo com a sua qualificação sobre determinado assunto, “[...] pela sua competência e credibilidade, pela oportunidade e pertinência do contacto e, obviamente, pela sua disponibilidade para falarem com o jornalista.” (SOUZA, 2001, p.64) E, continua dizendo que é também importante, quando se trata de situações que envolvem diferentes interesses, que a fonte seja contrastada, mesmo que o outro lado não tenha nada a declarar e, como é sempre importante ouvir mais de um lado, mais de uma fonte, independente do assunto, pois duas pessoas nunca terão a mesma versão do fato.

O sigilo das fontes é um dos assuntos mais polêmicos nos meios jornalísticos. Argumenta-se que o sigilo é inevitável, pois sem ele as fontes não teriam a garantia da segurança necessária e, por conseguinte, não revelaria tudo o que sabe, pois estaria correndo riscos. A partir do momento que o jornalista declara que essa fonte é anônima, seria, praticamente, um ato de traição revelá-la, atrapalhando, inclusive sua carreira. “[...] o sigilo da fonte é usado para levar ao público uma informação cuja publicidade certamente desagrade alguém – caso contrário, o sigilo não seria necessário.” (DENARDIR, 2007, p. 87)

Porém, esse sigilo pode trazer uma série de problemas, tanto para uma possível investigação, como para a pessoa que está sendo acusada, pois, essa acusação pode ser falsa ou ter vindo de alguém que não é confiável, ou, até mesmo, de alguém que coloca seus interesses acima do fato. “Ao optar por resguardar sua fonte de informações, o jornalista, inevitavelmente, precisará ponderar questões de ordem judicial, ética, moral e profissional” (DENARDIR, 2007, p.92)

A esse respeito Cony comenta:

O sigilo das fontes beneficia as fontes, e não o jornalista, geralmente é manipulado na medida em que aceita e divulga as informações obtidas com a garantia do próprio sigilo. São fontes realmente murmurantes, que transmitem os murmúrios, as especulações e as jogadas inconfessáveis dos interessados, que são os próprios informantes. (CONY, *Fontes murmurantes*, 2005)

Não há na Constituição brasileira nada que obrigue o jornalista a revelar sua fonte, com isso não é passível pena para quem mantém esse informante em sigilo, não podendo sofrer nenhum tipo de punição (penal ou administrativa). Mas, cabe ao jornalista provar a veracidade dos fatos, o que aumenta ainda mais a responsabilidade de quem está

escrevendo a matéria. Muitos jornais possuem manuais que orientam que esse recurso seja usado apenas em momentos de real necessidade.

Não existe no Brasil normas que cobrem ou imponham ao jornalista a obrigação de revelar a fonte. A opção por omitir ou silenciar sobre a pessoa que lhe fornece informações é um dever moral, disciplinado por normas deontológicas. Assim não tipificação do crime no Código Penal para o jornalista que se negue a revelar a identidade de sua fonte de notícia. (DENARDIR, 2007, p.95)

Cony se mostra bem enfático quando fala sobre o sigilo em suas crônicas. O jornalista, deixa bem claro que, independente do assunto ou da matéria, ou mesmo o motivo, uma fonte precisa sim ser revelada, até porque isso mostra uma maior credibilidade para quem está escrevendo. “Digo “inconfessáveis” por um motivo óbvio: se fossem confessáveis, as fontes não pediriam sigilo, confessariam o que sabem ou supõem, assumindo a responsabilidade pela informação.” (CONY, *Fontes murmurantes*, 2005)

#### 4.5 Jornalismo e Política

A política sempre foi um dos conteúdos carros-chefes do jornalismo e, cada vez mais, se coloca como assunto de interesse público. A ampliação do acesso à educação e a constante expansão dos meios de comunicação, proporcionaram ao indivíduo uma aproximação das questões políticas que permeiam a sociedade. O jornal, ocupando o espaço do real na mentalidade coletiva, coloca o homem comum no cenário do fato, dando-lhe o poder de crítico, juiz ou carrasco.

Em seu sentido clássico, expandido pela obra “Política” de Aristóteles, o termo “política” é “Derivado do adjetivo originado de *pólis* (*politikós*) que significa tudo o que se refere à cidade e, conseqüentemente, o que é urbano, civil, público, e até mesmo sociável e social [...]. (BOBBIO, 1991, p. 954)

Na época moderna, como o termo *pólis* já havia caído em desuso, um novo conceito se alçou em substituição – o Estado – e, conseqüentemente, o termo “política” também adquiriu um novo sentido, ao mesmo tempo mais amplo e mais específico.

[...] passando a ser comumente usado para indicar a atividade ou conjunto de atividades que, de alguma maneira, têm como termo de referência a *pólis*, ou seja, o Estado. Dessa atividade a *pólis* é, por vezes, o sujeito, quando referidos à esfera da Política atos como o de ordenar ou proibir alguma coisa com efeitos vinculadores para todos os membros de um determinado grupo social, o exercício de um domínio exclusivo sobre um determinado território, o legislar

através de normas válidas *erga omnes*, o tirar e transferir recursos de um setor da sociedade para outros, etc...; outras vezes ela é objeto, quando são referidas à esfera da Política ações como a conquista, a manutenção, a defesa, a ampliação, o robustecimento, a derrubada, a destruição do poder estatal, etc. (BOBBIO, 1991, p. 954)

Entretanto, é a partir do século XIX, com a concretização do liberalismo político e econômico, quando, efetivamente, o súdito se transforma em cidadão e a democracia se formaliza como organização política, que o termo “política” ganha novos contornos e dimensões.

A democracia é uma forma de organização política da sociedade baseada no princípio da participação da maioria e da igualdade. Esse princípio se manifesta, entre outras coisas, no direito de voto atribuído a todas as pessoas em idade legal e determina que todos sejam considerados iguais perante a lei e tenham as mesmas oportunidades. Já o liberalismo é uma teoria da liberdade política e econômica, mais especificamente a plena realização da liberdade de mercado, sustentada pelo Estado de direito, isso é, o Estado regido por uma Constituição livremente votada e a divisão de poderes.

Deste ponto de vista, se é verdade que não pode chamar-se, propriamente, liberal, um Estado que não reconheça o princípio democrático da soberania popular, [...], é ainda mais verdadeiro que segundo a concepção liberal do Estado não pode existir Democracia senão onde forem reconhecidos alguns direitos fundamentais de liberdade que tornam possível uma participação política guiada por uma determinação da vontade autônoma de cada indivíduo. (BOBBIO, 1991, p. 324)

Partindo desse princípio, a partir do surgimento do Estado liberal, com todo seu arcabouço democrático, a política passa, definitivamente, a ocupar o espaço público. Não o espaço público teórico, aquele entendido em sua oposição ao privado, mas o real, composto pelo povo que, apropriando-se do conceito de democracia, toma para si o direito de participar.

Neste contexto, as peculiaridades da “comunicação política”, entendida como “[...] o conjunto das mensagens que circulam dentro de um sistema político, condicionando-lhe toda a atividade, desde a formação das demandas e dos processos de conversão às próprias respostas do sistema” (PANEBIANCO, 1991, 204), passam a ser imprescindíveis para a modelagem das informações que devem chegar aos cidadãos.

Sob essa ótica, a mídia ganha destaque, pois

Nos sistemas políticos modernos, a Comunicação política passa, além disso, através de canais especializados: os meios de comunicação de massa. A

qualidade dos *mass media*, o tipo de mensagens transmitidas e a frequência das próprias mensagens são decisivos para a formação das atitudes da opinião pública e, conseqüentemente, para o tipo de pressões que ela exerce sobre os centros decisórios do sistema político. (PANEBIANCO, 1991, p. 204)

Sendo assim, o texto jornalístico, como parte inerente dos meios de comunicação de massa, cresce em dimensão ao servir de suporte para as informações que devem, não somente chegar ao público, mas também incitá-lo a construir opinião.

Dentre as diversas modalidades do próprio texto jornalístico, destaca-se a crônica que, ao abordar assuntos relacionados à política, além de informar, delinea ensaios críticos, área na qual Cony merece destaque.

Mantendo a costumeira postura de crítico político, através da qual se manifestou durante décadas, Cony, em várias crônicas escritas no período entre 2002 e 2008, revisita cenários políticos de sua longa trajetória profissional, particularmente aqueles mais eloquentes, cujas marcas ficaram impressas tanto na história do país, como em sua vida pessoal.

A figura de Getúlio Vargas, por exemplo, teve presença marcante na obra de Cony. Embora tenha iniciado sua carreira jornalística quando o primeiro governo de Getúlio já havia se findado, Cony guardou lembranças dessa época através das experiências de seu pai, que viveu intensamente esse período, e cujas memórias foram resgatadas por Cony em seu livro *Quase Memória*.

Todavia, durante o segundo governo de Vargas, iniciado em 1951, Cony já era um jornalista atuante, e pode participar mais diretamente dos acontecimentos da época, guardando impressões e dúvidas que em determinados momentos são resgatados nas crônicas do autor.

Na crônica *História mal contada*, de 2004, Cony questiona a falta de apuração sobre o atentado contra Carlos Lacerda, em 1954, que, segundo ele, foi uma das motivações para o suicídio de Getúlio Vargas no mesmo ano.

Cinquenta anos após a morte de Vargas, tragédia fartamente lembrada pela mídia nos dias que correm, espanta-me o fato de até hoje não ter sido apurado o crime da rua Toneleros que deu partida e pretexto para a crise política que levou o presidente da República ao suicídio. (CONY, *História mal contada*, 2004)

Nessa mesma crônica, Cony questiona as versões apresentadas, enfatizando que em uma primeira versão do fato, publicada por dois grandes jornais da época, o principal

alvo da emboscada não seria Lacerda, e sim uma das vítimas do mesmo atentado, que era dono de um dos jornais:

Basta uma consulta aos jornais que mais amplamente cobriram o caso. Um deles, a “Tribuna da Imprensa”, da qual uma das vítimas do atentado era dono e principal articulista, e que seria o único alvo da emboscada, publicou declarações do próprio Carlos Lacerda, ainda no hospital onde cuidava do ferimento em seu pé. Disse Lacerda que havia três pistoleiros atirando contra ele, numa fuzilaria infernal. As declarações de Lacerda foram publicadas com destaque na edição do dia seguinte, 5 de agosto de 1954. (CONY, *História mal contada*, 2004)

Salienta, ainda, que o jornal “O Globo” publicou a mesma versão em sua edição do dia 6 de agosto. Entretanto, essa versão foi modificada e caída no esquecimento, dando-se ênfase à possível participação de um membro da guarda pessoal de Vargas no atentado.

Quando se obteve um nexos entre o atentado e a guarda pessoal de Vargas, a versão original foi esquecida, sepultada pelo IPM da República do Galeão que apurava o caso. O próprio Lacerda mudaria de opinião, dias mais tarde, afirmando que havia um só pistoleiro. Como se vê, o caso foi mal apurado e nele cabem versões que contradizem a história oficial que continua manipulada. (CONY, *História mal contada*, 2004)

A indignação demonstrada por Cony nessa crônica é justificada pelo correr dos acontecimentos da época.

Desde o início de seu mandato, Getúlio enfrentou crises internas e externas. A primeira delas ocorreu com os Estados Unidos, quando Vargas negou-se a enviar tropas para combater os comunistas na Coreia. Esse evento deteriorou também as relações de Getúlio com setores militares, empenhados no combate ao comunismo. Em 1953, o alto custo de vida e a inflação começaram a agravar a instabilidade do governo. A situação desagradava a classe média, mas afetava principalmente os trabalhadores.

As críticas da oposição à política nacionalista de Getúlio se intensificaram e surgiram denúncias de corrupção no governo. Os ataques mais contundentes partiam de Carlos Lacerda, jornalista e político que ganhou rápida projeção na oposição.

Nesse sentido, o atentado sofrido por Lacerda, mesmo que esse tenha sido atingido apenas com um tiro no pé, foi utilizado para aumentar a pressão sobre Getúlio, pois, a versão oficializada pelas averiguações da polícia, indicava que o mandante do crime teria sido Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Vargas.

Cony, nas entrelinhas, questiona se tal acontecimento não teria sido manipulado, talvez pelo próprio Lacerda, para incriminar Vargas. O fato é que, menos de vinte dias após o acontecimento, Vargas cometeu suicídio.

Nessa, como em outras tantas crônicas, Cony deixa a entender que, principalmente em se tratando de política, por muitas vezes as notícias são manipuladas para servirem a interesses específicos.

Outro momento histórico constantemente revisitado por Cony é o golpe militar de 1964, que implantou a ditadura militar no país.

Cony começou sua luta contra a ditadura enquanto ainda trabalhava no jornal *Correio da Manhã*. Um dia após o golpe militar, em 2 de abril de 1964, publicou a primeira de muitas crônicas políticas contra o golpe: “A salvação da Pátria”, que mais tarde, foram reunidas no livro *O ato e o Fato*.

Na seara dos usos das mídias da época, vale lembrar que os editoriais do jornal carioca *Correio da Manhã*, por exemplo, dos dias 31 de março e 1º de abril de 1964, apresentavam os títulos de “Basta” e “Fora” e exigiam reformulações no centro do poder. É importante ressaltar também que a coluna de Carlos Heitor Cony, “Da arte de falar mal”, do mesmo diário, a partir de 2 de abril, foi uma valiosa tribuna contra o golpe. A primeira crônica política publicada chamava-se “A salvação da pátria” e deflagrou uma série de corajosas críticas ao golpe. (KUSHNIR, 2004, pp. 20-21)

A manifestação do autor, logo após o ocorrido, foi um susto para todos, pois, Cony, até então, não costumava escrever sobre política. A partir do golpe militar, seus textos passaram a ter um tom mais forte.

Em 2009, Cony volta a refletir sobre os dias que sucederam o golpe:

[...] A sociedade dita civil apoiou com entusiasmo o golpe, houve euforia nas ruas, nas igrejas e na totalidade da mídia. No dia seguinte à tomada do poder pelos militares, publiquei uma crônica no finado *Correio da Manhã* em que gozava o aparato bélico que ocupou o último reduto da legalidade, o forte de Copacabana, onde se esperava uma reação contra os golpistas. (CONY, *Um caso pessoal*, 2009)

Nessa mesma crônica, o autor descreve o risco que correu ao se posicionar contra o golpe, pois, aparentemente, o jornal seria um apoiador do movimento, posto que havia combatido acirradamente o governo de João Goulart.

O jornal havia combatido com violência os últimos dias do governo de João Goulart. Quando cheguei à redação naquele dia, todos esperavam minha demissão. Carlos Drummond de Andrade, que estivera comigo na véspera, assistindo à rendição do forte, ligou-me preocupado, pensando que eu já estava

no olho da rua – abrigo tradicional dos desagradáveis. (CONY, *Um caso pessoal*, 2009)

Embora Cony não tenha sido demitido de imediato, a situação não se sustentou por muito tempo. Conforme insistiu em se fazer oposição, o cronista sofreu sanções e foi obrigado a pedir demissão.

Como não houve demissão, no dia seguinte escrevi outra crônica, bem mais violenta, sem tom de gozação. Pouco depois, fui processado pelo ministro da Guerra, expulso como mau elemento do sindicato dos jornalistas, tive de pedir demissão. (CONY, *Um caso pessoal*, 2009)

Ainda na mesma crônica, escrita em 2009, Cony faz uma análise sucinta do episódio e sua relação com o papel da imprensa da sociedade moderna: “Estava contra a opinião pública, da qual a imprensa era porta-voz.” (CONY, *Um caso pessoal*, 2009)

Cony continuou, durante toda a ditadura, com suas crônicas ácidas e irônicas. Foi preso seis vezes no decorrer desse período e chegou a precisar sair do país. Escreveu crônicas e um livro durante essa época.

Sem nunca abrir mão de sua independência criativa, Cony sempre manifestou plena consciência quanto aos perfis editoriais dos diversos jornais nos quais trabalhou, por vezes conseguindo contornar posturas com as quais antagonizava e por outras assumindo o confronto direto.

Aprende-se nos cursos de jornalismo que o direito de informar a sociedade é sagrado, e que dita informação deve ser veraz e completa. [...] Mas como espírito de porco cujo prazo de validade ainda não se extinguiu de todo, cabe-me perguntar: e o direito de informar a verdade completa não conta? (CONY, *O direito de informar*, 2004)

Nessa perspectiva, durante toda sua carreira jornalística, Cony lutou pela liberdade de imprensa, não somente a liberdade tolhida pela censura política exercida em inúmeros contextos da história do país, mas também pela liberdade perante a opinião pública que, segundo ele, espera que o veículo de informação de sua escolha manifeste sempre opiniões correlatas às suas.

Em 2005, Cony relembrou, utilizando sua costumeira ironia, como os censores, principalmente aqueles que representavam o governo, o forçavam a ser mais inteligente.

Somente um monstro, um débil mental ou um criminoso, se atreveria a defender a censura. Sou, de bom grado, este monstro, esse débil mental, este criminoso. Quando exerço a profissão sob censura policial ou política, procuro

ser mais inteligente ou esperto do que os censores, o que nem sempre consigo, apesar do nível baixíssimo dos censores. (CONY, *Meu censor predileto*, 2005)

Em outra de suas crônicas, publicada na Folha de São Paulo em 2004, Cony já havia tocado nessa questão de forma mais particular, manifestando seu incômodo com relação à ‘censura’ imposta pelo próprio público.

Deus é testemunha de que nada tenho contra os leitores. Pelo contrário, se não existissem esses abnegados, não haveria livros nem jornais e eu teria morrido de fome e tédio há muitos anos. Mas vamos e venhamos, não devemos nos escravizar a eles, bajulando-os, procurando adivinhar o que eles pensam ou desejam. Ao contrário dos restaurantes e balcões comerciais, nem sempre os fregueses do nosso produto têm razão. (CONY, *S. Exa., o leitor*, 2004)

E completa no mesmo texto:

Leio com atenção as cartas que as redações recebem diariamente. Evidente que o critério muda de jornal para jornal, mas no caso da **Folha**, que publica minhas crônicas, as opiniões contrárias à linha editorial são mais freqüentes e radicais. Raro é o dia em que não aparece um leitor furibundo comunicando que não mais assinará nem lerá o jornal por causa de uma notícia ou comentário que ele não aprovou. (CONY, *S. Exa., o leitor*, 2004)

Apesar de sua posição contumaz sobre a questão dessa pretensa ‘escravização’ que o público se acha no direito de fazer em sua relação com o texto jornalístico, Cony, sem deixar de emitir sua opinião sobre os mais variados assuntos e, mais em particular, sobre política, procurou manter um certo equilíbrio em suas análises, concernentes com a posição editorial do jornal em que trabalhou em cada momento de sua carreira, pois, tinha consciência que a atividade jornalística “[...] produz expectativas e intenções para um público e, ao mesmo tempo, deixa-se influenciar por ele para se adequar a seus interesses” (FRANCISCATO, 2005, p. 168)

No transcorrer de uma carreira tão longa, após a ditadura, Cony não pôde se furtar em participar e, como parte de seu trabalho, analisar e comentar inúmeros episódios da política nacional com os quais se defrontou no decorrer de tantos anos.

De forma recorrente, o autor remonta em suas crônicas passagens da política do país, tanto no intuito do fazer jornalístico, buscando embasar análises de eventos contemporâneos, quanto no terreno irrefutável da memória, ainda na procura da compreensão de momentos vividos.

Como crítico sagaz da política e dos políticos, Cony se manifesta, através de suas crônicas, sobre variados temas, mas sempre dando ênfase à questão da corrupção que permeia a vida política do país, em seus mais diversos âmbitos.

Em crônica de 2005 – *Cor alaranjada* – Cony discute abertamente a questão da corrupção entre os políticos brasileiros, desta vez abordando o caso de Paulo Maluf.

Não parece, mas estou estranhando a ausência do Maluf na mídia. Desde que perdeu a última eleição, ele foi unanimemente enterrado pela mídia, embora já estivesse enterrado umas cinco ou seis vezes. Se há um criminoso público testado, provado e comprovado, é justamente ele. Toneladas de documentos comprovam suas tramóias, suas contas no exterior, suas obras superfaturadas. (CONY, *Cor alaranjada*, 2005)

E complementa:

Mas basta uma nova eleição, seja lá para o que for, e ele ressurgiu da tumba. Aviões e navios chegam da Suíça abarrotados de documentos insofismáveis provando suas falcatruas. Nem sei onde os jornais, revistas, TVs, o Ministério Público e a Polícia Federal conseguem guardar tantas e tamanhas provas, aqui somadas e multiplicadas pela documentação doméstica, exigindo a necessidade de botar Maluf no xadrez até o fim de seus dias. (CONY, *Cor alaranjada*, 2005)

A questão da corrupção é retomada em 2009, em crônica para o jornal Gazeta de Curitiba, desta vez utilizando como exemplo evento ocorrido na década de 1950, mas, tendo como objetivo discutir a problemática da corrupção de forma geral na realidade brasileira, sempre fazendo alusão ao papel da imprensa nesse contexto.

“Somos um povo decente governado por ladrões!” Essa manchete foi repetida algumas vezes por um jornal do Rio, no tumultuado ano de 1954, que teve seu clímax em 24 de agosto, dia em que um presidente da República que não era ladrão se matou. (CONY, *No bonde da história*, 2009)

Após utilizar o fato descrito acima para iniciar sua reflexão, Cony analisa uma das consequências dos constantes episódios de corrupção para a vida nacional.

Alunas de um curso de Comunicação me perguntaram por que a imprensa não impede a onda de corrupção oficial que as assusta, uma delas estava tratando os papeis para ir embora definitivamente, enjoada da vida nacional. Como sempre, respondi que era a pessoa menos indicada para responder a qualquer pergunta sobre política e moral, apenas que, na faixa etária em que elas estavam, eu também pensara em dar o fora, mas por outros motivos. Anos mais tarde, peguei meus trapinhos e fui parar em Havana, não aguentando a citada “vida nacional”. (CONY, *No bonde da história*, 2009)

Suas crônicas, além de apontar os eventos mais desmoralizantes da política nacional, também discutem o papel da imprensa nesse processo.

Na crônica *Mídia sem média*, de 2009, Cony discute a questão de como nem sempre a mídia é capaz de conduzir a opinião pública e elenca exemplos de como, por

muitas vezes, as ações da mídia acabam surtindo efeito contrário, colocando em destaque aqueles que querem execrar, com isso facilitando para que eles alcancem seus objetivos.

Durante quase todo o primeiro mandato de Lula, com exceção de seus primeiros meses no poder, o noticiário e os comentários dos informadores de opinião o massacravam, aludindo entre outras fraquezas a falta de escolaridade e o excesso de bebida. Hoje, Lula caminha para quase uma unanimidade nacional e internacional, com crescentes taxas de popularidade. [...] em seus 50 anos de vida artística, Roberto Carlos foi execrado pelos entendidos em música popular, tanto como compositor como cantor. Todos os anos, ao sair um novo disco dele, caíam em cima na base de “atingiu o ponto mais baixo de sua carreira”. Brega, repetitivo, suburbano, fim da picada – ele continuou na dele, não deu bola para a mídia e se transformou no fenômeno que é, lotando o Maracanã num dia de chuva e com um repertório que os sábios de Atenas consideram cafona. [...] E há também estupefação quando o anátema da mídia não encontra ressonância proporcional. Collor, Barbalho, Renan, Maluf – para citar os mais polêmicos, deram a volta por cima e continuam aí. [...] (CONY, *Mídia sem média*, 2009)

Talvez, a explicação para tal fenômeno tenha sido dada pelo próprio Cony em uma crônica anterior do mesmo ano:

A mídia habituou-se a discriminar o universo – seja ele o universo político, econômico, ideológico, social ou artístico – em duas categorias distintas e imutáveis: a dos eleitos e a dos réprobos, a dos bons e a dos maus, caretas e bacanas, vestais e pecadores. (CONY, Imagem pública, 2009)

## 5. Considerações finais

A crônica é considerada um registro do tempo em que vivemos, mostrando, através da visão daquele que a escreveu, os acontecimentos deste tempo, mesmo alguns sendo mais expressivos e outros, menos, mas que juntos ajudam a contar a história de um local. A crônica se tornou um gênero importante no Brasil, é possível contar uma parte da história do país através desses textos.

Como crítico e observador da sua época, Carlos Heitor Cony, em sua proposta discursiva, se aproximou de outros dizeres que estão na base das memórias sociais e históricas. Em suas crônicas é possível perceber a passagem do tempo e observar as mudanças que o jornalismo e os profissionais da área passaram durante seus quase 60 anos de profissão. Em alguns momentos se pode identificar um Cony tradicionalista, que não aceita muito bem as mudanças, e que faz fortes críticas às mesmas, mas, já em outros, o mesmo Cony, mostra como essas mudanças vieram para ajudar a profissão.

Analisar a obra de Cony através da Análise de Discurso é entender o contexto no qual o autor viveu e se formou como jornalista e cidadão, e qual a sua reflexão e interpretação sobre o acontecido.

Cony é reconhecido por transitar particularmente bem entre a literatura e o jornalismo. Em sua obra é possível perceber como consegue passar por essas duas categorias sem nunca deixar uma delas de lado. Trata a literatura com a mesma importância que trata o jornalismo. Registra os acontecimentos em suas crônicas sem nunca deixar de lado o lirismo, a ironia e sua opinião sobre o ocorrido. Opinião essa que, em alguns pontos, chega a ser polêmica, como quando não concorda com o sigilo das fontes ou se colocando contra acontecimentos políticos importantes no país. Mas que, em outros momentos, consegue fazer aproximações sobre o que viria a acontecer no futuro, através de sua percepção e sua vivência, assim como fez duras críticas a internet, advertindo que, no futuro, todos poderiam escrever e não se saberia mais o que seria mentira ou verdade. Algo que se tornou um dos grandes problemas da atualidade, não só no Brasil, como no mundo.

Em suas crônicas, naquelas que trata especificamente sobre o jornalismo, Cony, consegue perpassar todas as expectativas sobre esse assunto. Colocando o passado, presente e futuro da profissão em perspectiva, mostrando as diferentes vertentes e pontos importantes que o jornalismo trata ou deveria tratar.

Através de seus textos é possível entender a história do jornalismo a partir da segunda metade do século XX e os primeiros anos do século XXI, assim como identificar as mudanças pelas quais esse jornalismo passou. E, se tratando de crônicas, é possível, também, vivenciar a experiência do escritor em todos esses momentos e como ele lidou com cada um dos assuntos que colocou em seus textos.

O jornalismo e a história de Cony se misturam em suas crônicas, deflagrando toda a autenticidade de seus textos. Cony usa das crônicas para expor seu pensamento sobre a profissão e a forma como ela está se transformando. O autor consegue prestar atenção em todos os detalhes de um jornal: seu conteúdo, seu tamanho e sua forma. Aborda tanto assuntos corriqueiros, como as mudanças processadas nos anúncios e no visual dos jornais, quanto assuntos mais sérios e polêmicos, como a maneira pela qual a política é tratada atualmente.

Carlos Heitor Cony também deixa bem claro sua aversão à ideia de que a mídia é o quarto poder e como considera essa ideia perigosa. Para ele a mídia ser considerada o quarto poder, pode deixar uma margem para erro, pois, com isso, a mídia teria um poder ilimitado, posto que, sendo quem vigia todos os outros, quem a vigiaria? Em sua percepção, isso seria bastante problemático, pois, assim, a mídia e os jornalistas teriam um poder muito importante em suas mãos e, com ele, poderiam criar heróis e vilões.

Outro ponto importante com o qual Cony se mostra preocupado em suas crônicas é o conceito de “politicamente correto”, que, visto pela ótica do discurso, é formado pela sociedade no tempo em que se vive, o que, segundo o autor, tira uma parte da liberdade do jornalista, tolhendo sua forma de se expressar.

Já, quando fala sobre a internet, além de sua preocupação com quem escreve, o cronista também destaca o excesso de informações que as pessoas passaram a receber com essa nova tecnologia. Agora é possível saber o que está acontecendo no mundo inteiro e as notícias chegam com muito mais velocidade, as pessoas são “bombardeadas” por informações, que muitas vezes nem tem um valor tão importante para aquele momento ou aquela pessoa.

Embora suas crônicas abordem constantemente assuntos ligados ao presente do jornalista, Cony também fala do passado, em muitas crônicas relembra importantes momentos políticos, como foram retratados pelos jornais e como alguns, até hoje, ainda lhe parecem equivocados. O autor, que durante a ditadura foi preso seis vezes, não tem medo de fazer críticas aos veículos de comunicação e nem aos políticos, nos quais, os jornais, por muitas vezes, acabam “passando pano”.

Um jornalista a frente de seu tempo, Carlos Heitor Cony começou sua carreira discretamente, escrevendo textos principalmente sobre sua família, mas, após o golpe militar, se viu forçado a expor opiniões mais fortes e expressivas em seus textos. Através de sua vivência, conseguiu, em seus textos, recuperar o passado e criar uma linha do tempo na qual explica a história do jornalismo até o presente. Mesmo não estando mais vivo, seus textos ainda impressionam e trazem “previsões” e verdades que são possíveis se enxergar até hoje.

## 6. Referências Bibliográficas

ADORNO, Camillo Tellaroli. **A ironia no romance Quase Memória, de Carlos Heitor Cony**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006.

AZEVEDO, Dúnya. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 9, n. 9, jul./dez. de 2009.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N.. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENDER Flor; LAURITO Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, núm. 15, junho, 2008, pp. 13-28 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641241002>

BIANCO, Nélia R. Del. **A internet como fator de mudança no jornalismo**. 2008. In: <http://www.bocc.uff.br/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo>. Acesso em 25/05/2020.

BOBBIO, Norberto. Democracia. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. V. 1, 3. ed.. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1991.

BOBBIO, Norberto. Política. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. V. 2, 3. ed.. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1991.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAYNER, Sônia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antônio. **A crônica: gênero e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.

BUENO, Raquel Illescas. **Os invólucros da memória na ficção de Carlos Heitor Cony**. Academia Brasileira de Letras. 2008. In [http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/os\\_involucros\\_da\\_memoria\\_-\\_carlos\\_heitor\\_cony\\_-\\_para\\_internet.pdf](http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/os_involucros_da_memoria_-_carlos_heitor_cony_-_para_internet.pdf). Acesso em 10/03/2019.

BULHÕES, Marcelo. João do Rio e os gêneros jornalísticos no início do século XX. **Revista FAMECOS**. nº 32. Porto Alegre, 2007.

- CABRAL, Naralya S. C.. **Mobilizações discursivas da categoria “politicamente correto”**: um mapa dos sentidos que emergem no Brasil. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- CANDIDO, Antônio. **A crônica**: gênero e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.
- CANÊDO, Leticia Bicalho. **A revolução industrial**: tradição e ruptura. Adaptação da economia e da sociedade rumo a um mundo industrializado. São Paulo: Atual.1991.
- CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antônio. **A crônica**: gênero e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.
- CARVALHO, Sávio Revoredo Menezes de. **A trajetória da internet no Brasil**: do surgimento das redes de computadores à instituição dos mecanismos de governança. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. 2006.
- CONY, Carlos Heitor. **O Harém das Bananeiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CONY, Carlos Heitor. **Quase Memória**: Quase romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CORRÊA, Fabiano Simões. **Um estudo qualitativo sobre as representações utilizadas por professores e alunos para significar o uso da Internet**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, 2013. In: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08102013-162610/publico/Fabiano\\_Correa\\_Mestrado.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-08102013-162610/publico/Fabiano_Correa_Mestrado.pdf). Acesso em 02/04/2020.
- CRUZ Jr, Dilson Ferreira da. **Estratégias e máscaras de um fingidor**: a crônica de Machado de Assis. São Paulo: Nakin: Humanas FFLHC/USP, 2002.
- DELMAZO, Caroline e VALENTE, Jonas C. L.. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Revista Media & Jornalismo**. 2018.
- DENARDI, Eveline Gonçalves. **O direito constitucional ao sigilo na relação entre jornalistas e fontes de informação**: contradições, conflitos e propostas. 2007. 248 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. In: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/7714>. Acesso em 14/08/2019.
- ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2008, pp. 40-48.

- FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: História e Historiografia**. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FERRARI, Pollyana. **A força da mídia social**. São Paulo: Factash. 2009.
- FIORIN, J. L.. A noção de texto em semiótica. **ORGANON – Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Vol. 9, n 23. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370/18060>. Acesso em 09/11/2019
- FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciências e Política**. nº. 6, Brasília. Jul./Dec. 2011.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2005.
- FRANCISCO, Kárita Cristina. O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição dos modelos tradicionais? **Prismo.com**. nº12 2010 - Especial Ciberjornalismo
- GARCIA, Luís Eduardo Veloso. **A crônica contemporânea brasileira e seus novos espaços**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual de São Paulo. Araraquara – São Paulo, 2018.
- GREGOLIN, M. do R. V.. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. 1995. In: [http://www.insite.pro.br/2012/julho/historia\\_jornalismo\\_evolucao.pdf](http://www.insite.pro.br/2012/julho/historia_jornalismo_evolucao.pdf). Acesso em: 09/11/2019
- GREGOLIN, M. do R. V.. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. Comunicação, mídia consumo. Vol. 4. São Paulo: ESPM, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed.. Rio de Janeiro: DPeA, 2011.
- IPOCHIMA, Luciana Reny Marinho. **Representação da mulher no olhar do cronista Rubem Braga**. 2018. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- KRAFT, Ulrich. **Ninguém vive sem mentir**. 2004. Disponível em: <http://unadonna04br.multiply.com/market/item/4/4>. Acesso em 22/05/2020.
- KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda: Jornalistas e censores, do AI-5 à constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Contemporâneo**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

- LOPEZ, Telê Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: Impressões que historiam. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica: gênero e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.
- MAINGUENEAU, D. C.. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1989. 198p. Tradução de: Nouvell estendances en analyse du discours. Paris: Hachette, 1987.
- MCLUHAN, Marshall, **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MEDEIROS, V. G. de. Discurso cronístico: uma “falha no ritual” jornalístico. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 93-118, jul./dez. 2004.
- MELO, J. M. de. A crônica. In: CASTRO, G. de; GALENO, A. (Orgs.). **Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.
- MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chonica. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica: gênero e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.
- MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MORAES, Lívia Assad de. Ditadura militar: a memória jornalística como parte da revisão histórica. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)** - v.3, n.2, jul./2014 - dez./2014.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto. 2008, pp. 13-22.
- MUSSALIN, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução a Linguística – Vol. 1**. São Paulo: Cortez. 2007, pp. 113- 165.
- NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro: 1964 – 1985**. São Paulo: Atual, 1998. Discutindo a História do Brasil.
- NASSIF, Luís. **O jornalismo dos anos 90**. São Paulo: Futura, 2002.
- NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica: gênero e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, Imaginário Social E Conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PANEBIANCO, Angelo. Comunicação Política. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de Política**. V. 1, 3. ed.. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1991.

PAULINO, Jéssika Aline Lima; RODRIGUES, Linduarte Pereira. Construção de sentidos e identidade feminina na pós-modernidade: o que dizem as tiras da Mafalda\*. **ANTARES**, vol. 5, nº 9, jan./jun. 2013.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. MARCHON, Amanda Heiderich; GUSMÃO, Fábio Silva. Entre A Opinião e o Fato: A Construção do Ethos Discursivo em uma Crônica De Carlos Heitor Cony. **Intersecções**. Edição 12, Ano 7, Número 1, maio/2014.

PAULON, A.; NASCIMENTO, J. V.do; LARUCCIA, M. M.. Análise do Discurso: Fundamentos Teórico- Metodológicos. **Diálogos Interdisciplinares**. In: <https://revistas.brazcubas.br/index.thp/diálogos/artcle/view/42>. V.3, nº 1, 2014. Acesso em 22/06/2019.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**. 2005. In:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em 19/03/2020.

PEREIRA, Wellington. **Crônica, Arte do útil ou do Fútil?** (ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso). João Pessoa: Idéia. 1994.

PIMENTA, Marcia Tereza da Rocha. **A política de inserção no Brasil na “Sociedade da Informação”**: uma avaliação política no programa Sociedade da Informação. Tese de Doutorado. Centro de Ciências Sociais. Universidade Federal do Maranhão. São Luiz. Maranhão, 2014.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2008. Coleção Comunicação.

RITTER, Lilian Cristina Buzato. Gênero discursivo crônica: um estudo do contexto de produção. **Anais do VSIGET**, Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, agosto de 2009.

RODRIGUES, Tchiago Inague. **Rubem Braga: a simbiose jornalística e literária**. Assis, 2012 120 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. In:

[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94133/rodrigues\\_ti\\_me\\_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/94133/rodrigues_ti_me_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 22/03/2020.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira**. Dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: EDUSP, 1995.

- RUDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. 2. ed.. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.
- SABINO, Fernando Sabino. A última crônica. In: **A Companheira de Viagem**. Rio de Janeiro: Record, 1965.
- SADER, Emir Simão. **A transição no Brasil**. Da ditadura à democracia? São Paulo: Atual, 1990. Série História Viva.
- SANDRONI, Cícero. **Carlos Heitor Cony**: Quase Cony. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- SANT'ANNA, Marco Antônio. **Tipos de Texto e Gêneros do Discurso**: delimitação terminológica. Os Gêneros do Discurso. Faculdade de Ciências e Letras - Assis – Unesp. 2002. In:  
<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40364/1/01d17t05.pdf>. Acesso em 22/07/2019.
- SANTINELLO, Jamile. **O conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latinos-americanos**: um resgate teórico. **Cidade:editora**, 2011.
- SANTOS NETO, João Arlindo; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Sociedade da informação, do conhecimento ou da comunicação? A questão da apropriação da informação. **Anais do V SECIN**, 2013, p. 179-197. In:<https://docplayer.com.br/114622946-Sociedade-da-informacao-do-conhecimento-ou-da-comunicacao-a-questao-da-apropriacao-da-informacao.html>. Acesso em 25/04/2029.
- SANTOS NETO, João; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo; VALENTIM, Marta. Sociedade da informação, do conhecimento ou da comunicação? A questão da apropriação da informação. **V Seminário em Ciência da Informação – SECIM**, 2013.
- SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**: da belle époque à era do rádio. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA JR, Maurício Guilherme. Carlos Heitor Cony e as crônicas de resistência ao golpe militar de 1964. **Revista: Em tese**. 18 n°2. 2012.
- SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Fernão Lopes e José Saramago viagem – paisagem – linguagem cousa de veer. In: CANDIDO, Antonio. **A crônica**: gênero e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 1992.

SOARES, Leonardo Francisco. A guerra é uma ópera e uma grande ópera: as crônicas de Machado de Assis e a questão do oriente. **Revista Machado Assis em linha**, Rio de Janeiro. v. 5, n. 9, p. 155-170, junho 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto. 2001. In: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>. Acesso em 22/05/2020.

VENTURA. Mauro Souza. O jornalismo de Machado de Assis. **Conectiva**. Pouso Alegre. Ano I. v.2. 2004, pp. 27-36.

VERÌSSIMO, Luís Fernando. Jornalismo. **O Estado de São Paulo**, 30/04/2000. In: [www.tirodeletra.com.br](http://www.tirodeletra.com.br). Acesso em 15/07/2019.

VICENTINE, Léia, et al. Introdução da tecnologia de voz sobre JP em redes corporativas. **COBENGE – XXXIII Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia**. Campina Grande, 2005. In: [abenge.org.br/cobenge/arquivos/14/artigos/SP-9-22177077877-1118945677392.pdf](http://abenge.org.br/cobenge/arquivos/14/artigos/SP-9-22177077877-1118945677392.pdf). Acesso em 08/03/2020.

## **Anexos**

### **Lista das crônicas**

### **1. O direito de informar - 30/03/2004 (Folha de S. Paulo)**

Um juiz de menores no Rio de Janeiro proibiu que se declare a cor das crianças oferecidas ou pedidas para a adoção legal. Sem entrar no mérito da decisão, que procura combater o preconceito com a cor, fico pensando se não seria o caso de se evitar, na mídia em geral, as classificações a que estamos habituados.

Há jornais que colocam obrigatoriamente, após a citação de alguém, a idade e outros atributos profissionais ou sociais: "João da Silva, 45, estivador aposentado." Durante mais de 30 anos, dom Eugênio Salles, cardeal-arcebispo do Rio, que escreve até hoje em jornais, é sempre apresentado como "cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro", sendo

que agora, lhe acrescentaram um pormenor esclarecedor: "cardeal-arcebispo emérito do Rio de Janeiro".

O professor Cândido Mendes, outro articulista habitual da imprensa, merece cinco ou seis linhas com suas múltiplas ocupações. Ainda bem que os manuais de redação em vigor nos jornais mais importantes, os mesmos que exigem a idade e a profissão óbvia do cara, não obriguem ao credito racial, religioso e esportivo. Exemplo: "Carlos Heitor Cony, 78, branco, agnóstico, tricolor, sangue A negativo, soropositivo também negativo etc."

Aprende-se nos cursos de jornalismo que o direito de informar a sociedade é sagrado, e que dita informação deve ser veraz e completa. O fato de até agora os manuais não obrigarem a declaração da cor dos personagens citados deve ser saudada como um avanço no combate ao preconceito. Mas como espírito de porco cujo prazo de validade ainda não se extinguiu de todo, cabe-me perguntar: e o direito de informar a verdade completa não conta?

## 2. O bacalhau e os modelos - 13/04/2004 (Folha de S. Paulo)

Nos bons tempos da imprensa amadora, o recurso mais usual para cobrir a falta de noticiário era apelar para um anúncio que sequer era pago. Um laboratório internacional ofertara a todas as redações o clichê de um homem levando nas costas um enorme bacalhau.

Era o anúncio do Óleo de Fígado de Bacalhau, receitado para um povo anêmico, predisposto à tuberculose, à malária e doenças várias.

Nenhum secretário de redação se apertava. Havia um claro na página e o chefe da oficina ali colocava o anúncio do homem fatigado com o seu bacalhau às costas. A imprensa profissionalizou-se, adotou tecnologias de ponta, a medicina também deu grandes saltos, aumentando a expectativa de vida da humanidade.

Mesmo assim, volta e meia falta assunto aos jornais e nenhum editor (que substitui o antigo secretário de redação) se lembra do homem e de seu bacalhau. Abre a foto de qualquer modelo, de biquíni ou calcinha, de alto a baixo na página, e mais espaço houvera mais modelo haveria.

Não deixa de ser um avanço. Pessoalmente, prefiro ver uma triatleta ou uma top do mundo publicitário, ao homem fatigado, com o bacalhau pescado nos violentos mares do Norte e do Báltico.

Deus é testemunha de que nada tenho contra o bacalhau, pelo contrário, aprecio-o em suas diversas modalidades culinárias, menos em forma de óleo extraído de seu benéfico fígado.

Evidente que uma modelo me atrai mais e melhor. De tantas e tão excitantes, fica difícil distingui-las, todas se parecem, as poses e os sorrisos são os mesmos, mesmas as legendas que tentam explicá-las.

Enfeitam a página e enfeitam a vida. Um dia terão o óleo de seus fígados receitados para combater anemias e debilidades. Estudo com simpatia esta hipótese para curar meus males.

### 3. S. Exa., o leitor - 04/05/2004 (Folha de S, Paulo)

Deus é testemunha de que nada tenho contra os leitores. Pelo contrário, se não existissem esses abnegados, não haveria livros nem jornais e eu teria morrido de fome e tédio há muitos anos. Mas vamos e venhamos, não devemos nos escravizar a eles, bajulando-os, procurando adivinhar o que eles pensam ou desejam. Ao contrário dos restaurantes e balcões comerciais, nem sempre os fregueses do nosso produto têm razão.

Leio com atenção as cartas que as redações recebem diariamente. Evidente que o critério muda de jornal para jornal, mas no caso da *Folha*, que publica minhas crônicas, as opiniões contrárias à linha editorial são mais frequentes e radicais. Raro é o dia em que não aparece um leitor furibundo comunicando que não mais assinará nem lerá o jornal por causa de uma notícia ou comentário que ele não aprovou.

Trabalhei durante anos num jornal que até o dia 1º de abril de 1964 criticava asperamente o governo de então. Veio o golpe militar e já no dia 2 o jornal passou a criticar o novo regime que se instalava no país. Naquele tempo, o jornal tinha uns 100 mil, 150 mil assinantes, era troço pra burro, estava no topo da imprensa carioca como o órgão mais influente e de maior vendagem avulsa.

A cólera dos leitores foi tal e tamanha que, ao final do mês, a tiragem chegou à metade. Mas dois meses depois, o estoque de papel que deveria durar um ano, foi consumida pelas rotativas. As assinaturas e a venda de banca dobraram. O jornal era vendido até no câmbio negro. Não mudara a linha editorial que era liberal e conservadora. Apenas não compactuava com a burrice e a violência.

Curioso como a história se repete.

#### 4. **História mal contada** - 24/08/2004 (Folha de S. Paulo)

Cinquenta anos após a morte de Vargas, tragédia fartamente lembrada pela mídia nos dias que correm, espanta-me o fato de até hoje não ter sido apurado o crime da rua Toneleros que deu partida e pretexto para a crise política que levou o presidente da República ao suicídio.

Basta uma consulta aos dois jornais que mais amplamente cobriram o caso. Um deles, a "Tribuna da Imprensa", da qual uma das vítimas do atentado era dono e principal articulista, e que seria o único alvo da emboscada, publicou declarações do próprio Carlos Lacerda, ainda no hospital onde cuidava do ferimento em seu pé. Disse Lacerda que havia três pistoleiros atirando contra ele, numa fuzilaria infernal. As declarações de Lacerda foram publicadas com destaque na edição do dia seguinte, 5 de agosto de 1954.

O filho de Lacerda, que estava junto do pai no momento dos tiros, disse a mesma coisa: três pistoleiros atirando sem parar. "O Globo", na edição do dia 6, publica um desenho reconstruindo o atentado, mostrando três pistoleiros na rua Toneleros disparando suas armas.

O tiro que feriu o pé de Lacerda era de uma arma calibre 38. Os tiros disparados pelo assassino Alcino (que mataram o major Vaz), eram de uma arma calibre 45. Lacerda teria sido atingido por um outro pistoleiro ou ele próprio, segundo uma versão nascida naquela mesma noite, teria disparado contra o pé, de propósito ou casualmente, coisa que ocorre com frequência aos atiradores circunstanciais. O laudo do hospital que atendeu o jornalista está desaparecido até hoje.

Quando se obteve um nexos entre o atentado e a guarda pessoal de Vargas, a versão original foi esquecida, sepultada pelo IPM da República do Galeão que apurava o caso. O próprio Lacerda mudaria de opinião, dias mais tarde, afirmando que havia um só pistoleiro. Como se vê, o caso foi mal apurado e nele cabem versões que contradizem a história oficial que continua manipulada.

## 5. A sede de sangue - 02/11/2004 (Folha de S. Paulo)

Comentei outro dia, em crônica publicada na página 2 da *Folha de S. Paulo*, a sede de alguns leitores pelo sangue alheio. Até certo ponto, esta sede está se alastrando pela sociedade inteira, que diante de qualquer acontecimento doloroso ou doloso, exige veias dilaceradas e borbotões de sangue dos culpados, havendo ou não havendo culpados na questão.

O ideal seria que não ocorressem desastres nem dramas, como o da morte do zagueiro Serginho, que teve uma parada cardíaca em campo, durante uma partida de futebol, e morreu logo em seguida. Pode ser que tenha havido incúria do clube, do departamento médico do São Caetano ou mesmo da federação paulista de futebol, dando condições de jogo a um cardiopata -- o que parece ser o caso do jogador.

Evidente que haverá uma investigação a respeito, e se houver culpados, que eles sejam responsabilizados de acordo com a lei. O que não se compreende é esta cobrança antecipada, na base do sangue que deve ser lavado com sangue. Neste particular, a mídia é cúmplice na sede de sangue por sangue, no pressuposto de agir em bem da sociedade, quando, muitas vezes, se trata apenas da concorrência entre veículos e profissionais do mesmo ofício.

Certo, é um direito da sociedade saber de tudo. Mas é problemática a apreensão universal desse "tudo", de todos os atos lícitos ou ilícitos que acontecem no seio de uma sociedade. E tem mais: nem sempre os profissionais da mídia são tecnicamente indicados ou aparelhados para matar a sede de sangue que pretende lavar outros sangues.

## 6. A capivara - 04/01/2005 (Folha de S. Paulo)

Num desses "Liberdade de Expressão", na CBN, o Heródoto Barbeiro quis saber minha opinião sobre quem era a mala do ano que estava acabando. Havia centenas de candidatos, mas preferi a capivara que andou aqui pela Lagoa. Por obra e desgraça da mídia sem assunto, onde pululam diversas malas, foi transformada em personagem do Rio.

Deus é testemunha de que nada tenho contra as capivaras, na verdade, não me lembro de ter visto alguma, aqui na Lagoa ou em qualquer outro canto do mundo. Se vi, não sabia que era capivara --o que dá no mesmo.

Curioso como certa espécie de desocupados, esbofando-se para criar qualquer coisa que chame atenção, promova causas, tente mobilizar as massas criando heróis que antes de se tornarem qualquer coisa de importante, tornam-se malas difíceis de carregar.

Repito que nada tenho contra a capivara, mas achei bobagem o espaço e o tempo que ela ocupou no noticiário miúdo, com gente forçando a barra para empurrá-la pela goela daqueles que, sendo malas isoladas e bastantes, vibram quando estão diante de mala maior e mais letal.

Não sou exatamente um fanático de grandes assuntos. Curto uma pauta periférica, desde que haja alguma coisa a aprender ou a me distrair.

A capivara nada nos ensinou. Distraiu --se é que distraiu mesmo-- pessoas pedestres que se distraem com qualquer coisa, desde que justifique alguns segundos no noticiário. Felizmente, ninguém foi na onda da capivara, ela não emocionou ninguém, não por culpa dela, pois continuou sendo capivara. Talvez não merecesse o título de mala do ano, ela não tem culpa de ser capivara.

Viveu 15 minutos de projeção local, seus promotores cansaram e dela se esqueceram, ficando a esperar mariposas, escorpiões, urubus e cabritos que, sem culpa no cartório, podem ser descobertos e se candidatarem a malas do ano que se inicia.

## 7. Meu censor predileto - 22/03/2005 (Folha de S. Paulo)

Somente um monstro, um débil mental ou um criminoso se atreveria a defender a censura. Sou, de bom grado, este monstro, este débil mental, este criminoso. Quando exerço a profissão sob censura policial ou política, procuro ser mais inteligente ou esperto do que os censores, o que nem sempre consigo, apesar do nível baixíssimo dos censores.

Mas sempre que posso, voluntariamente, me submeto à censura de amigos ou entendidos em determinado assunto. Gosto até de receber censuras, se não me tornam melhor, me tornam menos responsável, tenho sobre quem despejar ou dividir os muitos erros que cometi e continuo cometendo.

Exemplo: sou refratário atávico ao rigor histórico, qualidade que herdei do meu pai, que nunca foi a Paris mas falava como se tivesse nascido por lá. O que não o eximia de colocar a tumba de Napoleão, que está no Invalides, dentro da Notre-Dame.

Minha grande diferença, e por isso mesmo meu melhor e mais constante censor, é o Ruy Castro. Ele não perdoa a versão que dei, em livro sobre a Lagoa aqui no Rio, do famoso Fla-Flu que ficou na história como o "Flu-Flu da Lagoa". Segundo o Ruy, eu fiz um autêntico samba do crioulo doido, mudando não apenas o lance decisivo da partida (um gol feito com a mão por Valido, argentino que jogava no Flamengo) mas o próprio resultado do jogo.

Honra seja feita ao meu censor. Consagrado como biógrafo, ele não se deixa encantar por detalhes comuns nas biografias e perfis feitos por aí. "Fulano nasceu em Belo Horizonte, na rua dos Tamoios, 134, fundos". O rigor histórico do Ruy dispensa essas firulas, vai na veia dos fatos e pessoas.

Semana passada, submeti ao meu censor predileto a crônica que publiquei na **Folha**, falando do meu compositor norte-americano preferido, NacioHerb Brown. Milagre: Ruy limitou-se a corrigir a grafia de um nome próprio (em lugar de Arthur, digitei Arhur). Como se pode notar, a censura até que às vezes comete a façanha impossível de me melhorar.

## 8. Grandes shows - 05/04/2005 (Folha de S. Paulo)

Antes de mais nada, proclamo o meu respeito, até mesmo a minha dor pessoal pelas mortes de João Paulo 2º e da Terry Schiavo. Em diversos artigos, em jornais e na TV, lamentei o prolongado drama do primeiro, louvei seus feitos e sua extraordinária biografia. No caso da moça que pediu para morrer por não suportar o estado irreversível em que se encontrava há anos, também muito escrevi sobre a eutanásia.

A mídia aproveitou a morte de um e de outro como pretexto para a espetacularização a que pouco a pouco estamos forçados a consumir, tanto no plano nacional como no internacional.

Os senhores da comunicação acreditam que encontraram o veio mais substancioso para atrair e manter leitores, ouvintes e espectadores. Não adianta noticiar fatos. É preciso amplificá-los, apelando para detalhes íntimos, muitas vezes para o escabroso.

A regra vigorante agora aceita pelos editores é a de que o simples fato, mesmo que seja um drama íntimo, não basta para a pretendida missão de informar a massa. Julgam eles que é necessário botar um "molho" - e este molho geralmente é a invasão da privacidade, geralmente seguida pelo mau gosto e até mesmo pela repetição dos detalhes que deviam ficar subentendidos.

Pelo menos durante duas semanas, jornais e TVs repetiam sempre a mesma foto, a da moça de boca aberta na longa agonia que pedira para ter um fim; e a dramática foto do papa, no massacre desesperado do tratamento com que procuravam prolongar a sua vida.

Cito dois fatos recentes que na realidade, e com motivações diferentes, concentraram a atenção mundial. Não bastando os dois dramas em si, a mídia não teve escrúpulos em transformá-los em uma forma de espetáculo, como uma novela ou um show até certo ponto macabro.

## 9. Água com açúcar -14/06/2005 (Folha de S. Paulo)

Não dá mesmo para entender a política que aqui se pratica. São três os elementos que a compõem: o governo, a oposição e a mídia, esta última fazendo de conta que é a opinião pública.

Toda vez que se abre uma crise, mesmo de menor proporção do que a atual, os três grupos funcionam sempre da mesma maneira: o governo nega a existência da crise, a oposição exige a saída de dois ou três ministros e a mídia entra no brinquedo, esbofando-se para derrubar alguns nomes e promover outros.

Está ocorrendo exatamente isso. Há pesadas, ultrajantes acusações de corrupção dentro do governo. Forma-se uma CPI que dificilmente chegará a qualquer conclusão, a não ser a de escolher um bode expiatório, que já tem um candidato sério para o posto. No mais, as discussões internas, nos socavões do poder, é saber se tira o ministro tal, se desloca fulano para isso e traz sicrano para fazer aquilo ou nada fazer.

Chegam a pensar numa reforma do ministério, como se a medida resolvesse qualquer problema, sobretudo o da corrupção, que já vive fase de metástase. Todos fingem acreditar que mudando um ministro de uma pasta para outra, trocando um líder de bancada ou de partido ou simplesmente demitindo alguns diretores de estatais --o sol da liberdade e da decência iluminará o Brasil.

Que o governo enfrente o terremoto com este tipo de água com açúcar, faz parte do jogo do poder, dar os anéis para salvar os dedos. Que a oposição exija a sua parte, é compreensível. Difícil é entender a posição da mídia, que torce descaradamente por uns e combate histericamente outros.

Numa crise como a atual, não há inocentes. Nem no governo, nem na oposição nem entre os investigativos da mídia.

## 10. Jornalismo investigativo - 05/07/2005 (Folha de S. Paulo)

Sou de uma geração de jornalistas que não dava muita bola para a investigação. Nossa preocupação era apurar, comentar. Deixávamos de bom grado a investigação para a polícia, para os investigadores profissionais ou amadores. Não sei se era melhor ou pior: era diferente.

De uns tempos para cá, o jornalismo dito investigativo transformou os repórteres em detetives, cheios de macetes para chegar ao fundo do poço, mantendo informantes que substituem com vantagem os tradicionais alcagüetes, uma vez que ditos informantes são políticos influentes, empresários, gente fina e por dentro dos podres da sociedade.

Verdade seja dita: alguns escândalos suntuosos foram levantados pelo jornalismo investigativo. Mas na atual crise que atravessamos, pegou de surpresa a excelente turma do jornalista-policia, que comeu respeitável mosca no caso do mensalão, denunciado por alguém de fora do esquema das redações, um deputado por sinal muito investigado pela mídia.

A dúvida é lícita: o jornalismo investigativo comeu mesmo respeitável mosca, sabendo do mensalão, sabendo de tudo, da compra de votos pelo PT para garantir votações no congresso, e não botou a boca no trombone por algum motivo obscuro; ou nada sabia de nada, o que a inocenta de qualquer manobra suspeita mas não da condição de incompetente na investigação do que é condenável nas entranhas da política e da vida pública em geral.

De qualquer modo, felicito-me por não ser um jornalista investigativo. Fico no meu canto e, tal como aquele personagem de Máximo Gorki, protesto em voz alta e me divirto em silêncio.

## 11. Cor alaranjada - 19/07/2005 (Folha de S. Paulo)

Não parece, mas estou estranhando a ausência do Maluf na mídia. Desde que perdeu a última eleição, ele foi unanimemente enterrado pela mídia, embora já estivesse enterrado umas cinco ou seis vezes. Se há um criminoso público testado, provado e comprovado, é justamente ele. Toneladas de documentos comprovam suas tramóias, suas contas no exterior, suas obras superfaturadas.

Politicamente, está sepultado há muito, basta reler 99% das colunas dos jornais e revistas por ocasião das campanhas eleitorais em que ele concorre para ser isso ou aquilo. É o cadáver mais vezes sepultado da nossa história.

Mas basta uma nova eleição, seja lá para o que for, e ele ressurge da tumba. Aviões e navios chegam da Suíça abarrotados de documentos insofismáveis provando suas falcatuas. Nem sei onde os jornais, revistas, TVs, o Ministério Público e a Polícia Federal conseguem guardar tantas e tamanhas provas, aqui somadas e multiplicadas pela documentação doméstica, exigindo a necessidade de botar Maluf no xadrez até o fim de seus dias.

É um mistério recorrente, dos muitos que temos em nossa vida pública. Passada a campanha eleitoral, acredita-se que Maluf afinal pagará por seus crimes. O túnel Ayrton Senna custou 500 vezes o seu preço real. De acordo com as provas, o tal preço, 499 vezes maior do que o custo real, foi colocado em paraísos fiscais. O 1% que sobrou foi o túnel, por onde milhares ou milhões de paulistanos passam diariamente, iluminados por uma cor meio alaranjada.

## 12. Ídolos e vilões - 26/07/2005 (Folha de S. Paulo)

Venho reparando que nem sempre os leitores entendem o que lêem. Talvez seja erro meu, atrapalhado com aquilo que o Nelson Rodrigues dizia de si mesmo: os achaques das múmias.

Certa vez, escrevi uma crônica na *Folha* comentando que, apesar do pau cerrado que a crítica e os entendidos davam no Roberto Carlos e no Paulo Coelho, os discos de um e os livros de outro continuavam nas paradas, deslumbrando fãs e leitores.

Na primeira parte daquela crônica, eu repetia sem aspas a média das opiniões dos críticos e entendidos. Somente no final, constatava que ninguém dava bola para os conselhos dados ao público, que devia desprezar ou crucificar um e outro: os dois não passavam de charlatães, idiotas de pai e mãe.

Recebi centenas de e-mails elogiando a veemência e a oportunidade com que esculhambara Roberto Carlos e Paulo Coelho. Pasmem: entenderam às avessas o texto.

Pior: cometi o mesmo erro, semana passada. Escrevi sobre Maluf. Repeti, literalmente, a média dos comentários que lemos nas colunas, artigos e reportagens dos jornais e revistas. Jornalistas e funcionários da Justiça batem cartórios e bancos da Suíça, de todos os paraísos fiscais, trazem provas oficiais das contas de Maluf.

Navios adernados ao peso de tantos documentos, aviões com excesso de carga, despejam a papelada provando que Maluf tem de ir para a cadeia.

Passada a eleição, deixam Maluf em paz, tratando de sua vida e de seus negócios. Mas se ele avisa que pretende se candidatar, ainda que a síndico de um prédio, toda a parafernália se repete. Navios e aviões chegam abarrotados, trazendo novos documentos que provam sua improbidade.

Quis apenas mostrar como e por que a mídia fabrica ídolos e vilões.

### 13. Risos e vaias - 04/10/2005 (Folha de S. Paulo)

Uma das curiosidades dos textos que leio, na mídia impressa, é a rubrica que se tornou generalizada, não sei se ensinada nas faculdades de comunicação, ou adotada pela necessidade de chamar atenção para um detalhe considerado irônico ou engraçado.

O entrevistado ou declarante está divagando sobre um tema qualquer, com a seriedade que se espera de alguém que mereça ser entrevistado ou declarante. Lá pelas tantas, diz ou lembra alguma coisa, algum episódio que ele próprio considera irônico ou engraçado. E ri.

Ao fazer o texto, o entrevistador coloca entre parêntesis: "riso". Ou "risos", no plural quando, além do entrevistado, o entrevistador também ri. Dou um exemplo banal: "Todo mundo morre, eu sei que morrerei um dia (risos). Mas confio em Deus que este dia esteja bem longe (risos)."

O recurso da rubrica é natural e até necessário para os textos de teatro, embora os diretores não obedeçam às marcações dos autores, por conta da criatividade pessoal. Há sempre a indicação para os personagens idosos: tosse, pigarro, sobretudo tosse. Todos os velhos tosem em cena e, eventualmente, na vida real. Também nos parlamentos há a indicação dos aplausos e, no final do discurso, a informação suplementar: "Palmas. O orador é vivamente cumprimentado".

Paro por aqui. Fico a merecer uma rubrica para o que acabei de escrever: "O cronista é intensamente vaiado" (risos).

#### **14. Chega de redundâncias -15/11/2005 (Folha de S. Paulo)**

Passei grande parte da vida com a obrigação de ler as folhas, gastando diariamente, em média, duas horas para tentar digerir os quatro ou cinco jornais que a profissão me obriga a tomar conhecimento.

Hoje, a média baixou a níveis ridículos. Continuo lendo cinco jornais por dia mas gasto com eles, no máximo, meia hora, às vezes menos.

A explicação mais próxima seria o meu desinteresse pelo que está acontecendo. Vai lá. É um pouco disso. Mas antigamente havia também desinteresse pelos assuntos do dia, nem todos me emocionavam ou chamavam minha atenção. Mesmo assim os lia, para ficar por dentro e não ser atropelado pelos fatos que me rodeavam e sobre os quais seria obrigado a escrever.

Nos últimos meses, sobretudo, é sacal enfrentar cinco, seis páginas compactas com o noticiário dos escândalos, suas minúcias, seus cronogramas, a repetição das mesmas caras, dos mesmos esquemas, variando apenas as cifras de cada canal da corrupção, com a descoberta diária de novos suspeitos e novos esquemas nacionais e internacionais, suas confluências e influências na vida nacional.

Se os textos são redundantes e vários deles confusos, o visual é pior. Todas as caras terminam se parecendo, todos os envolvidos usam barba, umas pelas outras se parecem, o único de rosto raspado tem a cabeça também raspada, é o Marcos Valério, que afinal é um barbudo honorário, tanto se meteu em encrenca e tanto meteu os barbados em encrenca.

Não dá para entusiasmar. Outro dia, um jornal dedicou oito páginas seguidas a um suposto escândalo eleitoral em Campos (RJ), envolvendo uma quantia até que modesta em face dos milhões que rolam por aí. No fundo, tudo isso é salutar: sobra mais tempo para que eu dê minha volta na Lagoa.

## 15. Fontes murmurantes - 06/12/2005 (Folha de S. Paulo)

Não se trata de uma referência às fontes murmurantes cantadas por Ary Barroso em sua "Aquarela do Brasil". As fontes em questão são outras, estão atualmente em debate nos meios jornalísticos e legais: o direito de proteger o sigilo das "fontes".

Contrariando a maioria, diria até a unanimidade dos colegas de ofício, sou contra este tipo de sigilo e, sobretudo, contra as fontes em causa. Tenho alguns anos de estrada, mais do que pretendia e merecia, e em minha vida profissional nunca levei em consideração qualquer tipo de informação que não fosse assumida pelo informante.

Evidente que fui mais furado do que um ralador de coco. Mas não fiz minha carreira no jornalismo na base de furos, que nunca os dei e nunca os levei a sério, uma vez que a maioria dos furos são, por natureza, furados.

O sigilo das fontes beneficia as fontes, e não o jornalista, que geralmente é manipulado na medida em que aceita e divulga as informações obtidas com a garantia do próprio sigilo. São fontes realmente murmurantes, que transmitem os murmúrios, as especulações e as jogadas inconfessáveis dos interessados, que são os próprios informantes. Digo "inconfessáveis" por um motivo óbvio: se fossem confessáveis, as fontes não pediriam sigilo, confessariam o que sabem ou supõem, assumindo a responsabilidade pela informação.

Os defensores do sigilo das fontes se justificam com o dever de informar a sociedade, como se esse dever fosse a tábua da lei, o mandamento supremo acima de qualquer outro mandamento ou lei. No fundo, aquela velha máxima de que o fim justifica os meios, pedra angular em que se baseou a Inquisição medieval e todos os movimentos totalitários que desgraçaram a humanidade.

## 16. Mentira e verdade - 11/04/2006 (Folha de S. Paulo)

Alguns estudiosos afirmam que a mercadoria mais importante do mundo moderno é a informação. Pensando bem, foi sempre mais ou menos assim. Quem detinha a informação era poderoso - daí que a mídia foi elevada a quarto poder, tese contra a qual sempre me manifestei, achando que a mídia é uma força mas não o poder.

Com a chegada da internet, suas imensas e inesperadas oportunidades, o monopólio da informação pulverizou-se. Os jornais, creio eu, foram os primeiros a sentir o golpe, os livros logo em seguida, havendo até a previsão de que ele acabará na medida em que se limitar ao seu atual desenho gráfico, que vem de Gutenberg.

Acontece que, mais cedo ou mais tarde, a mídia impressa ficará dependente não dos seus quadros profissionais, de sua estrutura de captação das informações. Qualquer pessoa, a qualquer hora do dia ou da noite, acessando blogs e sites individualizados, ficará por dentro do que acontece ou acontecerá.

Na atual crise que o país atravessa, a imprensa em muitas ocasiões foi caudatária do que os blogs informavam duas, três vezes ao dia. Em termos de amplidão, eles sempre ganharão de goleada da imprensa escrita e falada.

O gigantismo da internet tem porém pés de barro. Se ganha no alcance, perde no poder de concentração e análise. Qualquer pessoa, medianamente informada ou sem informação alguma, pode manter uma fonte de notícias ou comentários com responsabilidade zero, credibilidade zero, coerência zero.

O mercado da informação, que formaria o poder no mundo moderno, em breve estará tão poluído que dificilmente saberemos o que ainda não sabemos: o que é mentira e o que é verdade.

### **17. Ressentimento e covardia - 16/05/2006 (Folha de S. Paulo)**

Tenho comentado aqui na Pensata, em diversas crônicas, os usos da internet, que se ressentem ainda da falta de uma legislação específica que coíba não somente os usos mas os abusos deste importante e eficaz veículo de comunicação. A maioria dos abusos, se praticados em outros meios, seriam crimes já especificados em lei, como a da imprensa, que pune injúrias, difamações e calúnias, bem como a violação dos direitos autorais, os plágios e outros recursos de apropriação indébita.

No fundo, é um problema técnico que os avanços da informática mais cedo ou mais tarde colocarão à disposição dos usuários e das autoridades. Como digo repetidas vezes, me valendo do óbvio, a comunicação virtual está em sua pré-história.

Atualmente, apesar dos abusos e crimes cometidos na internet, no que diz respeito aos cronistas, articulistas e escritores em geral, os mais comuns são os textos atribuídos ou deformados que circulam por aí e que não podem ser desmentidos ou esclarecidos caso por caso. Um jornal ou revista é processado se publicar sem autorização do autor um texto qualquer, ainda que em citação longa e sem aspas. Em caso de injúria, calúnia ou difamação, também. E em caso de falsear a verdade propositadamente, é obrigado pela justiça a desmentir e dar espaço ao contraditório.

Nada disso, por ora, acontece na internet. Prevalece a lei do cão em nome da liberdade de expressão, que é mais expressão de ressentidos e covardes do que de liberdade, da verdadeira liberdade.

## 18. Fatos e fotos - 23/10/2007 (Gazeta de Curitiba)

*O ministro Nelson Jobim, após anos de vida pública em que vestiu o terno formal de ministro e a toga de magistrado, desde que assumiu a pasta da Defesa ainda não se fixou num visual que o explique aos olhos da nação*

Rio de Janeiro – Feliz a época que, em vez de um, produz dois logotipos. Vivemos um tempo em que as imagens valem mais do que as palavras e conceitos. A Guerra do Vietnã, com a sua crua obscenidade, ficou naquela foto da menina nua e queimada pela napalm. Bem menos trágica, mas reveladora do transe que agora vivemos, temos dois momentos que certamente não ficarão para sempre, mas enquanto durarem servirão de síntese de nossas agruras e penas.

A primeira imagem é a da ex-gestante que acabou na capa de uma revista, na realidade apenas um começo, pois a moça ameaça aparecer cada vez mais. Guindada subitamente ao patamar das celebridades, enquanto milhões de candidatas penam para conseguir os 15 minutos de fama, ela confia em que veio para ficar – e é bom mesmo que fique. Fez por onde, embora a fórmula que adotou não possa ser seguida por todas. É preciso ter mais coragem do que peito.

A outra imagem é mais complicada, mas igualmente reveladora do nosso tempo. Nelson Jobim, após anos de vida pública em que vestiu o terno formal de ministro e a toga de magistrado, desde que assumiu a pasta da Defesa ainda não se fixou num visual que o explique aos olhos da nação. Ainda não usou o macacão dos corredores da Fórmula 1 nem o uniforme do pessoal do Exército da Salvação, mas deverá chegar lá para mostrar a amplidão de suas nobres funções.

Há quem ache exagerada a sua exposição na mídia, segurando cobras e lagartos no meio da selva, inspecionando as misérias do Haiti e deixando rolar o seu nome para futura avaliação dos candidatos a candidato na próxima sucessão presidencial. Falta ressuscitar a tropa de Oswaldo Cruz contra a varíola, vestindo a farda de mata-mosquito para entrar e vencer a guerra contra a dengue.

## 19. Os desafios da comunicação - 08/11/2007 (Gazeta de Curitiba)

*Vítimas e cúmplices desse excesso de informação, freqüentemente entramos em fossa quando temos necessidade de nos comunicar com o vizinho, o síndico do prédio, a Receita Federal, a mulher que amamos e os desafetos que detestamos*

Sempre achei poética a maneira de os índios e povos primitivos se comunicarem à distância: faziam um foguinho, abafavam a fumaça com um pano qualquer e erguiam ao espaço os símbolos que significavam alguma coisa pré-estabelecida. A mão-de-obra para esse tipo de expressão limitava as mensagens ao essencial e urgente.

Quando Marconi descobriu o telégrafo sem fio, muitos séculos depois da fumaça, sentiu necessidade de usar signos que economizassem as mensagens ao osso da questão. No alfabeto Morse, ficaram famosas três letras, SOS, que significavam “salvai nossas almas” (“saveour souls”). Também podia ser “salve nossas peles” (“saveourskins”). Dava no mesmo. Quem recebia a mensagem ficava sabendo que alguém pedia socorro. Mesmo que não pudesse atender, ficava informado de que alguém estava na pior.

Pulando da fumaça dos índios e de Marconi para a internet, vivemos hoje uma plethora de informações que nem sempre atendem ao desejo básico do ser humano de se comunicar. Oferta maior do que a procura, somos bombardeados por trilhões de caracteres e imagens que nos dão a cotação da juta no mercado de Melbourne, o tempo em Papua-Nova Guiné e a crise conjugal do presidente da França.

Vítimas e cúmplices desse excesso de informação, freqüentemente entramos em fossa quando temos necessidade de nos comunicar com o vizinho, o síndico do prédio, a Receita Federal, a mulher que amamos e os desafetos que detestamos.

Portais e sites estão à disposição de um número cada vez maior de pessoas que desejam se comunicar, embora sem nada de importante a comunicar, nem o final de uma batalha, como o herói de Maratona, que morreu após correr 42 quilômetros para dar uma notícia, nem o início do terceiro mandato do presidente Lula.

## **20. O algodão em Melbourne - 21/12/2008 (Gazeta de Curitiba)**

Com o advento da internet, ele pensou que ficaria livre de uma das coisas que mais o chateavam: a leitura dos jornais. Por motivos profissionais, era obrigado a ler diariamente pelo menos quatro deles, além de revistas semanais e mensais. Estava cheio.

No início, tudo foi maravilha. Abria o computador e acessava o que mais lhe interessava naquele dia e naquela circunstância. Aos poucos, antes de acessar o que lhe interessava, era acessado por um número cada vez maior de mensagens, na sua maioria de estranhos ou de firmas e instituições que comunicavam um universo de informações que nada tinham a ver com ele.

Em certa época, ficou preso num cubículo e tinha por única distração o exemplar de um jornal ali deixado por inquilino anterior. Leu tudo, desde a previsão do tempo para aquele dia do passado, a votação de um projeto na Câmara sobre o salário das merendeiras escolares do Piauí, até a cotação do algodão, tipo B293, na bolsa de Melbourne.

Jurou ódio aos jornais mas precisava deles. Exultou quando soube que a internet era maior e melhor do que qualquer coisa impressa em papel. Quando criança, gostava dos jornais porque, depois que o pai os lia, ele juntava os exemplares e uma vez por semana os vendia no açougue do Seu Couto. Ganhava um tostão por quilo, preço de um picolé na Sorveteria Pingüim, a mais sortida de Vila Isabel. A Saúde Pública proibiu que a carne fosse embrulhada em jornais –ele perdeu a sua primeira fonte de renda.

Foi em frente. Hoje, quando abre o computador, recebe informações mais fartas e variadas, não apenas do algodão em Melbourne, mas das homenagens que um vereador de Nilópolis fez por merecer de seus pares por motivo do nascimento de sua primeira neta.

## 21. Um caso pessoal - 01/04/2009 (Gazeta de Curitiba)

Passou discretamente pela mídia o 45º aniversário do golpe de 64. Houve reunião em alguns centros militares, muita troca de mensagens eletrônicas. Aos poucos, os herdeiros ou sucessores daquele movimento começam a expor “o outro lado” da questão, que, em geral, continua contada apenas pelo lado dos vencidos, mais tarde vencedores no plano da história, bem verdade que à custa de milhares de vítimas.

Um dado importante vem sendo destacado nas manifestações que procuram justificar o regime de arbítrio instaurado na movediça data de março/abril daquele ano. A sociedade dita civil apoiou com entusiasmo o golpe, houve euforia nas ruas, nas igrejas e na totalidade da mídia. No dia seguinte à tomada do poder pelos militares, publiquei uma crônica no finado Correio da Manhã em que gozava o aparato bélico que ocupou o último reduto da legalidade, o forte de Copacabana, onde se esperava uma reação contra os golpistas.

O jornal havia combatido com violência os últimos dias do governo de João Goulart. Quando cheguei à redação naquele dia, todos esperavam a minha demissão. Carlos Drummond de Andrade, que estivera comigo na véspera, assistindo à rendição do forte, ligou-me preocupado, pensando que eu já estava no olho da rua – abrigo tradicional dos desagradáveis.

Como não houve demissão, no dia seguinte escrevi outra crônica, bem mais violenta, sem tom de gozação. Pouco depois, fui processado pelo ministro da Guerra, expulso como mau elemento do sindicato dos jornalistas, tive de pedir demissão. Estava contra a opinião pública, da qual a imprensa era a porta-voz.

O caso pessoal dá razão ao reparo que os militares estão fazendo sobre 1964. Em seu início, o movimento teve o apoio entusiasta da mídia e da sociedade.

## 22. Opinião e público - 11/05/2009 (Gazeta de Curitiba)

Deputado federal desconhecido irritou a mídia ao declarar que estava se lixando para a opinião pública. No fundo, quis dizer que se lixava para a própria mídia, que segundo ele, não forma nem informa a dita opinião pública.

A reação dos veículos de comunicação foi, como se devia esperar, imediata e truculenta. A declaração do deputado foi considerada um insulto – e, na realidade, a intenção dele deve ter sido essa. Além das intenções, o que sobra é o conteúdo de sua afirmação. Há mesmo uma

A começar pela raiz da questão. Ao se falar em opinião pública, imagina-se um pensamento ou um sentimento comum sobre determinado assunto ou coisa. A opinião do público é como aquela dona da ópera de Verdi: ‘è mobile’. Além disso, o público é heterogêneo por definição e mal informado por formação.

Até que a mídia não tem culpa nisso tudo. Ela faz o que pode. Não é perfeita nem dá conta do recado integralmente. Às vezes tenta fazer mais do que pode, às vezes se estrepa. O fato é que o público, a mídia, os governantes, os representantes do povo fazem parte de uma coisa complicada e imperfeita que é a sociedade.

É comum e banalíssimo apelar para ela, em nome da qual é cobrado um comportamento cívico e moral mais que perfeito, como se ela, a sociedade, fosse a pedra de toque, o referencial básico para o julgamento dos atos e fatos humanos. Na realidade, o único referencial existente e imutável é o próprio homem, feito do barro e destinado ao pó. Pessimista profissional, gosto de citar um dos melhores personagens de Shakespeare, o vilão Iago: ‘men are men’. Os homens são homens.

### **23. Uma entrevista - 06/07/2009 (Gazeta de Curitiba)**

Sem desdenhá-lo, confesso que nunca dei muita bola para Michael Jackson enquanto vivo, nem estou dando depois que morreu. Mesmo assim, esta é a segunda crônica que escrevo sobre ele, sinal que de alguma forma ele – como pessoa e não como artista – me impressionou.

Pela primeira vez, vi no último domingo uma entrevista do cantor com um jornalista, do qual não guardei nome e figura, que foi uma aula de como se deve abordar polemicamente um personagem polêmico. Perguntou tudo o que devia perguntar, mas de forma serena, entrou feio e forte em assuntos delicados, como a propalada pedofilia do artista. Não o irritou nem o provocou.

Apenas uma vez intrometeu-se pessoalmente na conversa. Michael confirmou que levava amiguinhos de seus filhos para dormir com ele, na mesma cama. O entrevistador entrou na história com um comentário espontâneo, mas letal: “Eu não gostaria que meu filho fosse para a sua cama”.

Os manuais de jornalismo condenam os comentários pessoais durante as entrevistas e reportagens de caráter geral, privilegiando a objetividade e a isenção. Mesmo assim, Michael saiu-se bem, dizendo que o entrevistador dava à palavra “cama” uma conotação de sexo – o que na realidade é comum, ir para cama com alguém equivale potencialmente a um ato sexual.

Nada disso – disse o artista. “Deito com as crianças, ouvimos música, leio histórias para elas, comemos biscoitos.” O jornalista passou para outro assunto, não mais se introduziu na entrevista, deixando o entrevistado falar o que quis, respeitando o que ele dizia.

Conheci um repórter que entrevistava um cara perguntando se ele era corno, o cara dizia “eu não”, mas ele insistia: “Não adianta negar, eu sei que o senhor é corno!”.

### **24. Eu, pecador, me confesso - 08/07/2009 (Gazeta de Curitiba)**

Antes, no melhor das festas, se alguém duvidasse, a imprensa já era tida como quarto poder, uma instituição que exercia um poder paralelo. Na verdade, não é um poder, mas uma força. Com as novas técnicas de comunicação e com a sacralidade das fontes, ela se transformou no escoadouro dos descontentamentos (lícitos ou não), dos ressentimentos (pessoais ou grupais), das pressões e compressões de uma sociedade heterogênea que inclui desde índios e menores inimputáveis até políticos e empresários que podem roubar.

Esse caldo em ebulição seria a matéria que justificaria a existência e a expressão do Estado que, no caso brasileiro, antecedeu a Nação.

Abriu-se um vácuo e, nele, a força da comunicação encontrou o seu espaço. E o fez com exuberante boa vontade. Não é a vida nacional que pauta a imprensa. É a imprensa que pauta a vida nacional, através de seus órgãos mais excitáveis.

Dá a régua e o compasso. A classe política empacou, ataca e se defende a esmo, desarticuladamente, de acordo com a direção e a intensidade dos petardos que recebe.

Mas quem acusa a imprensa? Quem se atreve a mostrar e demonstrar que o gigante também tem, como todos os gigantes, os seus pés de barro? Há desconforto em todas as classes, juízes, militares, empresários e policiais em relação aos jornalistas. Eles se transformaram em detetives, em esmiuçadores de contas de luz e telefone, de depósitos bancários, declarações de Imposto de Renda, despesas nos postos de gasolina e nas agências dos Correios.

Estenderam sobre a sociedade uma teia assombrosa que absorve denúncias vindas de fontes anônimas, lembrando os comitês de salvação pública da Revolução Francesa que alimentaram de sangue a guilhotina nos anos do terror.

**25. No bonde da história - 13/07/2009 (Gazeta de Curitiba)**

“Somos um povo decente governado por ladrões!” Essa manchete foi repetida algumas vezes por um jornal do Rio, no tumultuado ano de 1954, que teve seu clímax em 24 de agosto, dia em que um presidente da República que não era ladrão se matou.

Alunas de um curso de Comunicação me perguntaram por que a imprensa não impede a onda de corrupção oficial que as assusta, uma delas estava tratando os papéis para ir embora definitivamente, enojada da vida nacional.

Como sempre, respondi que era a pessoa menos indicada para responder a qualquer pergunta sobre política e moral, apenas que, na faixa etária em que elas estavam, eu também pensara em dar o fora, mas por outros motivos. Anos mais tarde, peguei meus trapinhos e fui parar em Havana, não aguentando a citada “vida nacional”.

Mesmo assim, lembrei que a corrupção, aqui e em qualquer lugar, nasceu lá atrás, quando o Criador mandou que todos, homem e mulher inclusive, crescessem e se multiplicassem. Esta multiplicação deu no que deu. Arrepentido, o Criador não deu uma entrevista exclusiva para a Veja. Foi bem mais radical e eficiente: abriu as cataratas do céu e inundou a Terra, só salvando um justo e os animais, um de cada espécie.

Não adiantou. As filhas de Noé embebedaram o pai e deste incesto nascemos todos. Em tempos mais românticos, quando todos andavam em bondinhos puxados por burros, um cidadão ergueu a voz e começou a citar as bandalheiras da vida nacional da época. Suando de indignação, depois de lembrar casos de nepotismo, fraude eleitoral, compras superfaturadas do governo e rombos no orçamento federal, levantou-se do banco e perguntou a todos: “Afinal, senhores, onde estamos?” O poeta e historiador Luiz Edmundo, lá atrás, respondeu: “No bonde!

## 26. **Mídia sem mídia** - 18/07/2009 (Gazeta de Curitiba)

Ainda não chega a ser um sintoma, mas o indício de que alguma coisa está mudando na cabeça dos homens públicos, pelo menos aqui no Brasil. Um deputado e agora um senador declararam que não dão a mínima à opinião geral do povo, segundo eles, fabricada e massageada pela mídia, notadamente pelos jornais.

Durante quase todo o primeiro mandato de Lula, com exceção de seus primeiros meses no poder, o noticiário e os comentários dos informadores de opinião o massacravam, aludindo entre outras fraquezas a falta de escolaridade e o excesso de bebida. Hoje, Lula caminha para quase uma unanimidade nacional e internacional, com crescentes taxas de popularidade.

Mudando de seara, em seus 50 anos de vida artística, Roberto Carlos foi execrado pelos entendidos em música popular, tanto como compositor como cantor. Todos os anos, ao sair um novo disco dele, caíam em cima na base de “atingiu o ponto mais baixo de sua carreira”. Brega, repetitivo, suburbano, fim da picada – ele continuou na dele, não deu bola para a mídia e se transformou no fenômeno que é, lotando o Maracanã num dia de chuva e com o repertório que os sábios de Atenas consideram cafona. Há exemplos assim em quase todos os setores, sobretudo na política e na administração. E há também estupefação quando o anátema da mídia não encontra ressonância proporcional. Collor, Barbalho, Renan, Maluf – para citar os mais polêmicos, deram a volta por cima e continuam aí, Collor em ascensão, tentando o governo de Alagoas, Maluf sendo dos mais votados para a Câmara de Deputados.

Os exemplos são tais e tantos que um dos satanizados pela mídia declarou-se satisfeito e orgulhoso pois nunca recebera tantos convites para dar palestras em faculdades. E tem como garantida a sua reeleição.

## 27. A alternativa - 04/09/2010 (Gazeta de Curitiba)

Não parece, mas a crônica anterior, publicada na quinta-feira, sobre as Guerras Púnicas, gerou inesperado retorno dos leitores, que se manifestaram em e-mails, todos a favor. Menos um, que preferia assunto mais recente e mais empolgante, como o caso da Receita Federal versus a filha do Zé Serra.

De minha parte, talvez preferisse outro tipo de guerra, aquela que Oswaldo Cruz promoveu contra os mosquitos da febre amarela. O Rio estava condenado, os navios ficavam ao largo, de quarentena, por causa da peste que matava centenas de cariocas.

Agora temos os mosquitos da dengue, que estão aumentando na cidade e fazendo mortes. As autoridades apelam para a população acabar com os focos, mas é bom lembrar que no passado foi criado o exército de mata-mosquitos, que iam de casa em casa fiscalizar banheiros, cozinhas e quintais, colocando nas águas paradas um tipo de creolina que, a curto prazo, acabou com a peste.

Eles colocavam uma bandeira amarela na grade da casa que visitavam, mostrando que o Estado ali exercia uma função saneadora. Ninguém reclamava daquela invasão, pelo contrário, os moradores serviam cafezinho e água gelada para os soldados da saúde.

Insisto nas guerras. Além das Púnicas, das quais falei anteriormente, podemos ter a guerra contra a dengue, mas prefiro melhor alternativa: a Guerra do Peloponeso, tão emocionante quanto a guerra de Cartago contra Roma.

Estou relendo o Tucídides, o historiador mais profundo da Antiguidade, para qualquer emergência e falta de assunto que atraia os leitores fatigados de Dilma, Serra, pesquisas, enchentes e vulcões em erupção.

A mídia tornou-se redundante, caindo ferozmente nos mesmos assuntos, nos mesmos problemas e na grita pelas mesmas soluções.

**28. “Morram os vivos” - 22/01/2011 (Gazeta de Curitiba)**

“Venhamos ao presente. O presente é a chuva que cai, menos que em Petrópolis, onde parece que o dilúvio arrasou tudo ou quase tudo, se devo crer nas notícias; mas eu creio em poucas coisas, leitor amigo. Creio em ti, e ainda assim é por um dever de cortesia, não sabendo quem sejas nem se mereces algum crédito. Suponhamos que sim. Creio em teu avô, uma vez que és seu neto, e se já é morto; creio ainda mais nele que em ti. Vivam os mortos! Os mortos não nos levam os relógios. Ao contrário, deixam os relógios, e são os vivos que os levam, se não há cuidado com eles. Morram os vivos!”

O trecho acima, não preciso dizer, não é meu, é de Machado de Assis, publicado no dia 6 de janeiro de 1895. Vivam os mortos, morram os vivos! Naquele tempo não havia o péssimo hábito do “politicamente correto”. Um cronista podia dizer com sinceridade o que pensava e como via a realidade de cada dia. Aparentemente, Machado de Assis seria um monstro de cinismo. Era cínico, mas não era monstro. Foi um bruxo, isso sim. Voltemos a ele: “Podeis concluir daí a disposição em que estou. Francamente, se esta chuva que vai refrescando o verão, fosse, não digo um dilúvio universal, mas uma calamidade semelhante à de Petrópolis, eu aplaudiria d’alma, contanto que me ficasse o gosto do poeta, e pudesse ver da minha janela o naufrágio dos outros.”

Como se sabe, Jonathan Swift (Dublin, 1667-1745) foi um dos mestres que mais influência exerceu sobre Machado de Assis. Apesar de magistrado e clérigo anglicano, o autor de *As viagens de Gulliver* chegou a propor que comêssemos criancinhas para evitar a superpopulação e a necessidade de proteínas. Os gênios sempre estão contra a corrente e afirmam, como Galileu Galilei, que não é o Sol que se move em torno da Terra, e sim o contrário.

**29. Foliões avulsos - 07/03/2011 (Gazeta de Curitiba)**

Durante anos, trabalhei como editor de uma revista de atualidades amenas. Minha ‘finest hour’ eram os números dedicados ao Carnaval. O produto precisava estar nas bancas na manhã da Quarta-Feira de Cinzas, varava três dias e três noites ajustando o time da redação, da gráfica e da distribuição, daí que sempre acontecia qualquer barbaridade.

Lembro algumas gafes: um dos blocos programados não desfilou e havia uma página a ele dedicada. Bolei uma sucessão de fotos individuais.

Na confusão da hora, a gráfica me cobrando o material, o contínuo da redação mostrou-me de longe uma foto destinada a um ensaio sobre Jorge Luis Borges, que deveria sair na semana seguinte.

Fiz um gesto qualquer e o Evaldo pensou que fosse de aprovação. Botou a foto na mesa do Flávio de Aquino, que estava fechando aquela página. Crítico de arte, professor universitário, Flávio era distraído e já havia criado uma das melhores definições de arte que conheço: ‘A arte foi feita para chatear o Flávio de Aquino’. Por isso ou aquilo, ele não pediu explicações e ninguém as deu.

A foto mostrava Borges de casaca, bengala e óculos escuros, numa cerimônia ao lado do editor Harold MacMillan, que por sinal era primeiro-ministro da Inglaterra e estava igualmente de casaca, bengala e óculos escuros. Bastante idosos, trêmulos, os dois pareciam cair pelas tabelas, sustentando-se com dificuldade.

O Flávio era um redator categorizado, mandei a matéria para a oficina sem ler a legenda que ele tinha bolado. O título que deu para a foto foi ‘Foliões avulsos’. E o texto era mais ou menos assim: ‘Dois foliões de um bloco do Catumbi causaram sensação e arrancaram muitas palmas da Marquês de Sapucaí’.